

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Adicção e Ajuda Mútua: Estudo Antropológico de Grupos de
Narcóticos Anônimos na cidade de Porto Alegre (RS)**

JARDEL FISCHER LOECK

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ondina Fachel Leal

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul para a obtenção
do título de Mestre em Antropologia
Social

Porto Alegre, 2009.

AGRADECIMENTOS

A Profa. Dra. Ondina Fachel Leal, pela orientação dedicada e paciente, pelos ensinamentos em sala de aula, pelo exemplo de profissionalismo, e por ter me apoiado quando mais precisei. Sem o seu apoio a conclusão desta pesquisa seria inviável.

A Profa. Dra. Cornelia Eckert, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, pela sensibilidade e seriedade no exercício de sua função e pelas inúmeras lições sobre o fazer antropológico.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, que fazem deste um curso de excelência.

Aos membros de Narcóticos Anônimos, pelo acolhimento e disposição em participar deste empreendimento de pesquisa.

A meus pais, Carlos e Paula, pelo exemplo de vida.

A Roberta, minha companheira, por todos os momentos que passamos juntos nesses anos.

Finalmente, a todos os colegas de curso, principalmente Daniel, Flávio, Pablo e José Miguel, pela amizade e pelas inúmeras trocas de idéias.

RESUMO

Desde a metade do século XX os grupos de ajuda mútua de Narcóticos Anônimos vêm se firmando como uma alternativa terapêutica válida para pessoas que desenvolvem a síndrome de “dependência química”. Surgidos como uma dissidência dos Alcoólicos Anônimos, estes grupos utilizam de maneira pragmática o conceito de “adição” para nomear esta doença e classificam-na como incurável, sendo possível apenas o controle dos sintomas. Desta forma, a sua proposta terapêutica é pautada na abstinência total do uso de qualquer substância psicoativa e em um conjunto de princípios éticos, espirituais e subjetivos que devem ser seguidos pelos participantes com o objetivo de “vivenciarem a recuperação” através de uma mudança radical de *visão de mundo*.

Este trabalho tem como *universo de pesquisa* a rede de Narcóticos Anônimos da cidade de Porto Alegre. Dentro deste universo empírico um dos objetivos da pesquisa é demonstrar, através da apresentação de quatro histórias de vida de participantes dessa rede, que a categoria “membro de Narcóticos Anônimos” é menos homogênea do que aparenta ser; há espaço para a apropriação instrumental deste universo simbólico e também para a preservação de particularidades subjetivas no processo de incorporação dessa identidade. Outro objetivo é apresentar as implicações da utilização do seu conceito próprio de “adição” enquanto doença incurável. Finalmente, através de um relato etnográfico, procura apresentar as reuniões do grupo como um espaço marcadamente ritual, mas que preserva momentos de interação e difusão de símbolos também “fora do ritual”.

Palavras-chave: Narcóticos Anônimos; ajuda mútua; dependência química; processo terapêutico; rituais; interacionismo simbólico.

ABSTRACT

Since the half of the twentieth century mutual help groups such as Narcotics Anonymous have been establishing themselves as a valid therapeutic alternative for people who develop the “chemical dependence” syndrome. Emerging as a dissidence of Alcoholics Anonymous, these groups apply a pragmatic interpretation of the “addiction” concept to name that disease and classify it as incurable; they say that only the symptoms can be controlled. This way, their therapeutic approach is based on the total abstinence of any psychoactive substance use and in a set of ethical, spiritual and subjective principles that must be followed by the members with the objective of “living the recovery” through a radical change of *subjective engagement in the world*.

This work’s *universe of research* is the Narcotics Anonymous’ network in the city of Porto Alegre. Inside this empirical universe one of the research’s objectives is to demonstrate, by the presentation of four life stories of this networks’ participants, that the category “Narcotics Anonymous’ member” is less homogeny than it apparent to be; there is some space to instrumental appropriation of this symbolic universe and also to the preservation of subjective particularities in the process of incorporating this identity. Another objective is to discuss the implications of using the “addiction” category as a synonymous of incurable disease. Finally, this research presents an ethnographic description of the groups’ meetings as composed by a rigid ritual structure, but which also preserves moments of interaction and symbol dissemination that lie “outside from the ritual”.

Key-Words: Narcotics Anonymous; mutual help; chemical dependency; therapeutic process; rituals; symbolic interactionism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO: TRANSFORMANDO OS GRUPOS DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS EM PROBLEMA ANTROPOLÓGICO	11
1.1 A abordagem dos grupos de Narcóticos Anônimos	11
1.2 A abordagem dos participantes de Narcóticos Anônimos.....	19
1.2.1 Gustavo	22
1.2.2 Jorge.....	29
1.2.3 Jussara.....	36
1.2.4 Rafael.....	42
2 AS PRÁTICAS DE USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA ENQUANTO DOENÇA.....	50
3 NARCÓTICOS ANÔNIMOS: UM GRUPO DE AJUDA MÚTUA.....	63
3.1 Alcoólicos Anônimos, os pioneiros da ajuda mútua.....	63
3.2 A proposta terapêutica dos grupos de ajuda mútua.....	70
3.3 Narcóticos Anônimos: uma dissidência dos Alcoólicos Anônimos	77
3.4 Organização Institucional dos Narcóticos Anônimos	81
3.4.1 O grupo	81
3.4.2 Os Comitês de Serviço de Área, as Regiões e o <i>World Services Office</i>	83
3.4.3 Subcomitês de Hospitais e Instituições, de Informação ao Público e de Longo Alcance	84
3.5 A literatura oficial de Narcóticos Anônimos	85

4 INTERPRETANDO ALGUNS CONCEITOS CENTRAIS DE NARCÓTICOS	
ANONIMOS.....	90
4.1 “Adicção”, “Adicto na ativa”, “Adicto em recuperação”	90
4.2 “Limpo”	96
4.3 “Vivenciar a recuperação”	98
4.4 As “recaídas”	106
5 AS REUNIÕES DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS: UM ESPAÇO (RITUAL) DE	
INTERAÇÃO E RE-SOCIALIZAÇÃO.....	111
5.1 A rede de Narcóticos Anônimos em Porto Alegre.....	111
5.2 Chegando às salas de reunião de Narcóticos Anônimos	115
5.3 Sobre a abordagem das reuniões	116
5.4 Sobre os diferentes tipos de reunião.....	118
5.5 As reuniões enquanto um espaço de ritual de interação e aprendizado	121
5.6 Descrevendo as reuniões: notas sobre o trabalho de observação participante.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	147
APÊNDICES	154

INTRODUÇÃO

Este trabalho, cujo referencial teórico-metodológico é o da antropologia, trata da questão do vício ou dependência a partir da noção de “adicação” utilizada pelos Narcóticos Anônimos (NA¹), abordada aqui como *uma possibilidade* de representação social sobre esta realidade. Os NA são um exemplo específico dos grupos de ajuda mútua – ou auto-ajuda, em algumas definições – que começaram a se propagar pelo mundo a partir da metade do séc. XX. Os principais elementos constitutivos deste trabalho são: um exercício de interpretação dos principais conceitos dos NA e um relato etnográfico sobre as reuniões do grupo, lugar privilegiado da circulação de seus símbolos, aliado a entrevistas realizadas com membros fora daquilo que chamarei de *espaços institucionais* – refiro-me aqui aos locais onde se realizam encontros de NA.

O percurso que será construído pela argumentação desta dissertação começa, num primeiro capítulo, com uma reflexão sobre a construção do objeto antropológico de pesquisa, na tentativa de deixar claro ao leitor os motivos que levaram à realização deste trabalho a partir do referencial teórico que é usado. Resumidamente, tento demonstrar no que consiste a abordagem da presente pesquisa, como ela foi realizada, e introduzo brevemente as histórias de quatro membros dos grupos de Narcóticos Anônimos, que são os principais interlocutores desta pesquisa, e os tomo como casos paradigmáticos para entendermos o processo biopsicossocial que culmina no estado de dependência.

No segundo capítulo é feita uma revisão bibliográfica sobre como o uso de psicoativos se tornou um *problema social* em meados do século XX e propiciou o surgimento de uma rede de assistência e controle ao usuário. Este fato ocorre concomitantemente ao estabelecimento da biomedicina como um saber técnico que é incumbido de manter os corpos saudáveis, à custa de intervenção sobre aqueles que fogem do padrão de normalidade.

No capítulo seguinte apresento uma contextualização histórica sobre o surgimento dos grupos de NA nos Estados Unidos, pois pouco ou quase nada há escrito sobre os primórdios dos Narcóticos Anônimos, apenas se sabe que surgiram a partir de uma

¹ No decorrer deste trabalho utilizarei esta abreviação para fazer referência aos Narcóticos Anônimos.

dissidência dos Alcoólicos Anônimos. Desta forma, acredito ser oportuno e importante esta contextualização, para que fique como fonte para outros pesquisadores da dinâmica dos grupos de ajuda mútua. Consegui fontes de dados interessantes sobre estes primórdios dos NA, como atas das primeiras reuniões, relatos de membros fundadores, entre outros documentos. Antes de expor esses dados faço algumas observações sobre o surgimento dos Alcoólicos Anônimos e sobre a essência da ajuda mútua como um tipo de terapia.

No quarto capítulo trato de interpretar alguns conceitos-chave utilizados dentro do universo particular dos Narcóticos Anônimos, aqueles que dizem respeito à sua definição própria de doença e de “recuperação”, assim como outros que definem situações consideradas importantes pelo grupo enquanto um tipo de instituição e pelos seus membros. O objetivo principal é tentar ressaltar as peculiaridades que o conceito próprio dos Narcóticos Anônimos possui em contraste com as abordagens biomédicas discutidas no segundo capítulo do trabalho. Como afirmam Csordas & Kleinmann (1996), entre outros, parte da eficácia dos sistemas de cura reside na definição do problema a ser tratado. Desta forma coloca-se como uma etapa necessária da argumentação abordar como os Narcóticos Anônimos constroem as idéias de “adicção” e “recuperação”.

Em seguida, no capítulo conclusivo, apresento um relato etnográfico elaborado a partir das observações feitas em reuniões de grupos de NA na cidade de Porto Alegre – reuniões abertas ao público. As reuniões do grupo são consideradas por seus membros como um elemento essencial para aqueles que desejam “vivenciar a recuperação”, além de serem a *porta de entrada* deste universo. Aqueles que desejam ingressar no grupo apenas podem fazê-lo em uma reunião, um momento (espaço) estruturalmente ritualizado. Ao apresentar o relato sobre as reuniões, dialogo principalmente com dois conjuntos de teorias: as discussões sobre rito e ritual nas sociedades urbano-contemporâneas, a partir de autores como Douglas (1994; 1982) e Segalen (2002), e as teorias interacionistas encabeçadas por Goffman (1985).

Estes serão os pontos abordados no decorrer deste trabalho, que pretende ser um exercício prático de antropologia e também uma fonte de informações sobre os grupos de Narcóticos Anônimos, até então pouco estudados. Considero também importante a temática que está correlacionada, que é a do uso de substâncias psicoativas. Este é um assunto cercado de preconceitos e interditos e ao mesmo tempo historicamente parte constitutiva das práticas humanas – não há relatos de grupos que não façam uso de

alguma substância com efeitos psicoativos. A *questão das drogas* se coloca como um dos assuntos urgentes na pauta de diversos governos e instituições na atualidade, principalmente pelos problemas a ela relacionados, e isto já bastaria para chamar a atenção de qualquer ciência que pudesse contribuir em sua abordagem. É o que tem sido feito desde o começo do século XX principalmente pelas ciências biomédicas, mas a partir da metade do mesmo século, as ciências humanas começaram a voltar seus olhos para o assunto, mostrando que a abordagem sócio-antropológica também pode ser fecunda no entendimento desta prática. Podem-se citar como pioneiros os estudos de Becker (1974) que abordam o uso de maconha enquanto um tipo de interação social, demonstrando que a iniciação no uso da substância se dá através de atividades grupais. Na antropologia brasileira a pesquisa de doutorado de Velho (1998) é um marco, e aborda grupos socialmente integrados da classe média do Rio de Janeiro, no começo da década de 1970, fazendo uso de substâncias como maconha e cocaína recreativamente, como parte de seu *estilo de vida*.

Após estes trabalhos pioneiros, o assunto gradativamente passou a entrar na pauta de estudos das Ciências Sociais. É nesta tradição que a presente pesquisa pretende se inserir, naquela que considera as práticas de uso de psicoativos também uma prática cultural, social, humana, corporal, subjetiva, não apenas um ato criminoso, uma fuga ou uma doença. O exemplo empírico escolhido para demonstrar um aspecto desta realidade foi justamente um tipo de representação desta prática enquanto uma doença. Por isso, além de se encontrar com os estudos sobre práticas de uso de psicoativos, esta pesquisa está inserida em outro fecundo eixo temático abordado pelas Ciências Sociais, principalmente pela antropologia desde seus estudos clássicos, que são as noções de saúde e doença.

1 – A CONSTRUÇÃO DO OBJETO: TRANSFORMANDO OS NARCÓTICOS ANÔNIMOS EM PROBLEMA ANTROPOLÓGICO

1.1 A abordagem dos grupos de Narcóticos Anônimos

O trabalho que será apresentado a seguir diz respeito a uma pesquisa etnográfica realizada de 2006 a 2008 junto a grupos de Narcóticos Anônimos da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Antes da realização desta pesquisa, já havia tido um breve contato com grupos de Narcóticos Anônimos na cidade de Londrina, no Paraná, na ocasião da realização do trabalho de conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais. Na época fiquei interessado em estudar algum aspecto daquilo que atualmente se convencionou chamar de *questão das drogas*, e acabei optando por trabalhar a noção de *estigma* de Goffman (1973) em relação a participantes de Narcóticos Anônimos.

Por *questão das drogas* entendo o conjunto de problemas sociais relacionados às práticas de uso de substâncias psicoativas legais e ilegais. Nestes *problemas*, o que é comum às duas categorias de substâncias é a possibilidade de o usuário desenvolver a “dependência química”, considerada atualmente uma questão de saúde pública – vide CID-10 e DSM-IV. No caso específico das substâncias ilícitas há um agravante, que torna o uso problemático de antemão: a ilegalidade das substâncias. Além de ser um comportamento passível de punição legal, ao menos quando *descoberto*, o mercado que distribui as substâncias é, em muitos lugares, dirigido por organizações criminosas que usam da violência extrema para se estabelecer. Não bastasse isto, em países como o Brasil estas organizações se firmaram dentro das cidades em localizações bastante carentes de recursos, tornando a associação entre tráfico, violência e pobreza uma realidade².

Retomando meu trabalho de pesquisa anterior (Loeck, 2005), bem como Becker (1973), Goffman (1975) e Velho (1999), os dados empíricos destas investigações

² Para mais referências a este assunto, ver principalmente Acselrad & Inem (1993), Zaluar (1994), Stengers (1997), Acselrad (2000), Batista, Cruz & Matias (2003a; 2003b), Keane (2005), Rodrigues (2002a; 2002b; 2003; 2004a; 2004b), Labate (2008), entre outros.

apontam que os usuários de substâncias psicoativas ilícitas – e, em alguns casos, também usuários de substâncias lícitas – são muitas vezes vistos como *desviantes* em relação ao padrão de comportamento considerado *normal*, ou seja, estão sujeitos a sofrer estigmatização social. Segundo estes autores, o desvio não é uma qualidade simples presente em alguns tipos de comportamento e ausente em outros, mas o produto de um processo que envolve a resposta de outras pessoas ao comportamento em questão. O desvio não é uma qualidade que repousa na ação, em um comportamento específico e individual, mas na interação entre a pessoa que pratica este ato e aquelas que o presenciam direta ou indiretamente, ao coletivo que o qualifica, instituindo uma norma de comportamento ou o desvio desta.

Minha proposta no trabalho de graduação foi tentar verificar se após o começo da participação em grupos de Narcóticos Anônimos o *estigma* e a rotulação de *desviante* que possivelmente aqueles usuários de psicoativos receberam, desapareceria. Acabei descobrindo que o anonimato proposto pelo grupo funciona justamente como uma espécie de proteção aos seus membros e que o fato de estarem participando de um “programa de recuperação”³ para “dependência química” não necessariamente contará como um fator positivo, sendo que em grande parte dos casos é um fator mantenedor do estigma, quando consideramos a sociedade mais ampla. Dependendo relacionalmente da pessoa com a qual o membro de NA interage, o fato de pertencer a este grupo pode ser interpretado positivamente – por exemplo, em relação a seus familiares, que presenciaram seus piores momentos durante a fase de dependência – ou negativamente – uma nova amizade que não conhece seu passado, mas pode presumir muitas coisas a seu respeito, descobrindo ser ele um membro de NA.

Esta pesquisa serviu então como uma espécie de primeira incursão em um universo simbólico particular. Foi quando fiquei sabendo da existência dos grupos de Narcóticos Anônimos e quando percebi o potencial que estes tinham enquanto objeto de pesquisa social. Àquela época, ainda um estudante de graduação, não tinha noção de como poderia melhor explorar aquele universo, e reconheço as inúmeras limitações teóricas e metodológicas que possui o trabalho, sendo que não foi exatamente um estudo sobre os Narcóticos Anônimos, e sim sobre estigma. Após o término da graduação e com o objetivo de fazer um curso de mestrado em Antropologia Social, decidi que explorar os Narcóticos Anônimos a partir do referencial teórico-

³ “Vivenciar a recuperação” é como se define a idéia de *estar em tratamento* nestes grupos. No capítulo 4 desta dissertação este conceito é discutido em detalhes.

metodológico desta disciplina poderia ser de grande valia, principalmente por não ter encontrado sequer um trabalho produzido sobre os grupos de NA dentro deste campo disciplinar. Estas idéias eram ainda intuições, pistas, pois ao sair da graduação não tinha uma idéia muito clara da profundidade do fazer antropológico e não sabia exatamente *como* iria transformar estas intuições em realidade de pesquisa.

Mas este único motivo – não ter encontrado outros estudos sobre os NA – não justificaria a realização do trabalho, pois, como aponta Bourdieu (1999, p.47), “Numerosos sociólogos principiantes agem como se bastasse adotar um objeto dotado de realidade social para deterem, ao mesmo tempo, um objeto dotado de realidade sociológica (...)”. Ou seja, não bastava ter um recorte quase exclusivo do real para ter um objeto de estudo antropológico, faltava ainda percorrer um longo caminho que me permitiria *problematizar* esta realidade, o principal exercício desta e de qualquer ciência. No mesmo caminho de Bourdieu, Bachelard (1996, p.18) diz que “Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído”. Disso conclui-se que os problemas da ciência não estão contidos na própria realidade, mas advém de um olhar específico sobre esta, um olhar que questiona e não se deixa levar pelas impressões da primeira observação, que geralmente é, continuando com Bachelard, “repleta de imagens: é pitoresca, concreta, natural, fácil. Basta descrevê-la para se ficar encantado. Parece que a compreendemos” (1996, p.25).

Desta forma, ao ingressar no curso de mestrado, fui aos poucos tomando contato com diferentes escolas – por vezes conflitantes entre si –, diferentes maneiras de construir e explorar os objetos de estudo, muitas vezes ficando até confuso: o que é a antropologia, afinal? Meus pré-conceitos acerca da disciplina me fizeram (erroneamente) pensar que apenas a realização de um trabalho de observação de campo e a elaboração de um relato sobre a realidade observada seriam suficientes para cumprir as exigências do curso de mestrado, como se as ótimas etnografias produzidas ao longo deste mais de século de história se limitassem a isto. Dei-me conta, posteriormente, através de aulas e leituras, que os melhores destes trabalhos resultaram de um árduo processo de construção dialógica no qual a realidade observada foi constantemente questionada por um conjunto de teorias. Ou seja, não é apenas a observação atenta que conta para o desenvolvimento de um bom trabalho antropológico, mas também a problematização da realidade a ser observada. Nas próximas linhas deste capítulo pretendo apresentar alguns dos motivos que me levaram a realizar esta pesquisa ou, em

outras palavras, demonstrar a plausibilidade de se fazer uma pesquisa etnográfica (antropológica) sobre os grupos de Narcóticos Anônimos nos moldes aqui propostos.

Como foi ressaltado anteriormente, faltam trabalhos antropológicos sobre os NA, mas o campo da ajuda mútua⁴ vem sendo explorado dentro das Ciências Sociais há algum tempo, ainda que nunca tenha ocupado a centralidade dos trabalhos antropológicos ou das Ciências Sociais. Como ressalta Godbout (1999), esses grupos “são geralmente pouco visíveis, além de negligenciados pelos demais atores (...) No entanto a importância desses grupos é grande, e seu funcionamento, digno de interesse” (p.84). Este autor aponta rapidamente para alguns aspectos importantes neste tipo de organização, em sua obra que aborda a questão da dádiva. Fazendo uma revisão bibliográfica sobre o tema, pode-se dizer que também o campo das Ciências Sociais – enquanto um tipo de agência social – negligenciou os grupos de ajuda mútua, já que a grande maioria dos estudos já realizados sobre estes grupos advém das Ciências Biomédicas ou da Psicologia. Citarei alguns exemplos do que vem sendo feito para superar este vazio, esta negligência, apresentando resumidamente alguns trabalhos sobre grupos de ajuda mútua realizados dentro do campo disciplinar das Ciências Sociais ou Humanas.

Tendo realizado pesquisa de campo junto a grupos de Neuróticos Anônimos na cidade de Porto Alegre, Trois (1998) é um dos pioneiros na abordagem sócio-antropológica dos grupos de ajuda mútua, ao menos no Brasil. Os principais esclarecimentos do seu trabalho se resumem ao fato de que a representação de neurose corrente nestes grupos atua conjuntamente com os sistemas religioso e científico médico-psicológico na definição desta como doença emocional. Demonstra também que estes grupos possuem “um modelo terapêutico de retorno à comunidade, propiciador de valores morais de referência a seus membros, devolvendo-lhes uma dimensão de integralidade que haviam perdido devido às suas trajetórias de enfermidade (...)”, além disso, apresenta uma descrição etnográfica de encontros e reuniões do grupo no Brasil, apontando para os aspectos de performance ritual das mesmas.

Mota (2004), em seu trabalho sobre grupos de Alcoólicos Anônimos no Ceará, aponta para uma questão interessante e que também pode ajudar a explicar a rápida expansão deste tipo de grupos de ajuda mútua. Ele adota uma abordagem teórica crítica em relação às teorias utilitaristas que pregam a proeminência do interesse mercantil

⁴ Termo sugerido por Godbout (1999) como substituto de “auto-ajuda” para fazer referência aos grupos baseados no modelo dos 12 Passos de Alcoólicos Anônimos.

sobre o interesse social e político como atitude predominante nas sociedades ocidentais urbano-contemporâneas, para demonstrar como dentro dos AA⁵ se observam sistemas de reciprocidade que não visam o interesse econômico, ou que não se baseiam no “cálculo racional egoísta”. O autor apóia-se no paradigma maussiano da dádiva, entendida como um ciclo que se efetiva em três momentos: dar, receber e retribuir, e desta maneira propõe que a ajuda a si mesmo somente se efetiva no ato de ajudar os outros – que, neste caso, são “outros” *a priori* iguais a si mesmo, ou ao menos compartilhando de um mesmo problema.

Outro pesquisador da área das Ciências Sociais que recentemente contribuiu na discussão sobre os grupos de ajuda mútua foi Campos (2004; 2005), tendo ele realizado trabalho de campo em um grupo de AA na cidade de São Paulo e apontado, a partir das categorias êmicas do grupo, para o alcoolismo como uma doença *contagiosa* que afeta o organismo de um indivíduo específico e ao mesmo tempo *atinge* ou tem suas conseqüências sentidas pelas pessoas mais próximas a ele. Além disso, a idéia de contágio se completa pela constante e insistentemente ressaltada noção de *evitação* presente nos grupos de Alcoólicos Anônimos, de que é necessário *evitar* pessoas, hábitos e lugares da época de consumo ativo de álcool para não ser contagiado e romper a abstinência, que é a única maneira de controle da doença. Esta idéia é também bastante difundida nos grupos de Narcóticos Anônimos, como será demonstrado posteriormente.

Pode-se ainda citar, mesmo que brevemente, o trabalho de Garcia (2004), no qual esta aponta para a “conversão” de alcoólico *ativo* para alcoólico *passivo*, conversão esta que se opera através da palavra, através do compartilhamento de experiências; e também a dissertação de Tadvald (2006), realizada em Porto Alegre, nesta mesma instituição de ensino, na qual este tenta descrever a “plataforma terapêutica” dos Alcoólicos Anônimos a partir de um “olhar antropológico” sobre o grupo e seus participantes, para no fim definir os Alcoólicos Anônimos como uma “religiosidade secular” e um espaço eminentemente “masculino” em oposição aos grupos de Al-Anon, para familiares de alcoólicos, essencialmente “femininos”.

Assim, um dos motivos que torna importante a presente pesquisa diz respeito à peculiaridade dos Narcóticos Anônimos em relação aos outros grupos de ajuda mútua, que obviamente está relacionada com a peculiaridade do problema que este

⁵ No decorrer deste trabalho utilizarei esta abreviação para fazer referência aos Alcoólicos Anônimos.

agrupamento se designou a tratar. Com certeza existem aspectos similares entre todos os diferentes grupos, como as reuniões enquanto um espaço ritualizado de troca de experiências, a fala em tom confessional como parte importante da terapia, a submissão a um “Poder Superior”⁶, a produção de literatura específica, entre outros. Mas também é importante ressaltar aquilo que torna particular cada um destes agrupamentos, que diz respeito estritamente ao *problema* com o qual cada um lida. Não fosse desta maneira, existiria apenas um grande grupo de ajuda mútua do qual participariam pessoas com problemas *diversos*. Justamente por tratarem de problemas *específicos* que cada um destes grupos vem conseguindo sucesso em seus propósitos. O motor de identificação é exatamente o problema em comum compartilhado pelos diferentes participantes. Suponho que ficaria difícil de acontecer a identificação entre um alcoolista e um neurótico, por exemplo. Da mesma maneira, o problema de um participante de Narcóticos Anônimos é bastante específico em relação ao dos participantes de outros tipos de grupos de ajuda mútua, pois envolve experiências subjetivas e intersubjetivas que estão diretamente ligadas à prática de consumo de substâncias psicoativas.

Os grupos de NA propõem e aplicam um conceito simples e pragmático para definir o problema que lhes cabe – o de “adicação”⁷ – e consideram-no como uma doença incurável, sendo possível apenas controlar seus sintomas ou efeitos ruins, nunca podendo ser curada. Um dos preceitos básicos é considerar que todos os “adictos”⁸ são iguais, irmãos⁹, pois padecem de uma mesma doença. Seu principal instrumento terapêutico são reuniões nas quais “adictos” trocam experiências sobre sua situação de doente e sobre o “processo de recuperação” nunca finalizado, em vista da doença incurável que os aflige. Além das reuniões como espaço de troca de experiências, sua proposta terapêutica apóia-se nos “12 Passos de Narcóticos Anônimos”¹⁰, que consiste em uma série de atividades que devem ser praticadas individualmente. Estes passos, adaptados dos Alcoólicos Anônimos, resumidamente se definem na admissão de que existe um problema com uso de substâncias psicoativas, na busca de ajuda, na auto-

⁶ “Poder Superior” é como se define, tanto nos Alcoólicos quanto nos Narcóticos Anônimos, a idéia de um poder maior que o indivíduo. Este “Poder Superior” deve ser interpretado por cada participante da maneira que melhor lhe convir, não sendo necessariamente o equivalente à idéia Cristã de Deus. De qualquer forma, este conceito está diretamente relacionado com o caráter espiritual que estes grupos procuram despertar em seus participantes.

⁷ Conceito utilizado nos grupos de ajuda mútua para se referir à “dependência química”.

⁸ Conceito utilizado nos mesmos grupos para denominar a pessoa acometida pela “adicação”.

⁹ O grupo se autodenomina uma *irmandade* de “adictos” em recuperação. A idéia de *irmandade* será discutida posteriormente neste trabalho.

¹⁰ Esses passos são apresentados no apêndice deste trabalho.

avaliação, no compartilhamento em nível confidencial, na disposição para reparar danos causados e para trabalhar com outros “adictos” que queiram se recuperar.

Aquilo que os grupos de NA identificam por “adicação” não deixa de ser, em outras palavras, o uso problemático de substâncias psicoativas, ou aquilo que nos casos extremos as ciências biomédicas definem como “dependência química”. Mas, como diversos autores já demonstraram, o uso de substâncias psicoativas é uma prática corporal (social, subjetiva) que pode ser encontrada nos mais diversos povos e períodos históricos¹¹, com implicações bastante diferentes em cada caso. Pode-se citar desde o uso religioso e ritual de substâncias como a *ayahuasca* entre povos indígenas amazônicos ou mesmo atualmente nos centros urbanos¹², como o uso recreacional de tabaco, álcool, maconha, cocaína e outras substâncias por parte da população nas cidades¹³.

O grande divisor que podemos identificar quando se trata do uso de substâncias psicoativas, como demonstrado no começo deste texto, é a noção de legalidade/ilegalidade das substâncias consumidas¹⁴, sendo que a maior incidência de consumo e dependência ainda diz respeito ao álcool e ao tabaco, duas substâncias lícitas (Carlini, 2006). Autores como Becker (1976), Velho (1998), Vargas (2006), Piccolo (2001), Stengers (1997), entre outros, apontam que o uso de psicoativos, mesmo daquelas substâncias consideradas ilegais, podem ser práticas que estimulam a interação social e que possuem *significado* para aqueles que praticam, antes de ser apenas uma espécie de *fuga da realidade*. Mas a “dependência química” também é uma realidade, tendo se tornado um problema social de difícil solução, advindo do consumo problemático de substâncias psicoativas, sejam elas legais ou ilegais.

Voltando às primeiras linhas deste texto, o objeto da presente pesquisa é exatamente um tipo específico de representação social sobre o vício ou dependência, a noção de “adicação” utilizada pelos Narcóticos Anônimos, discutido a partir da elaboração de uma etnografia sobre suas reuniões e da realização de entrevistas com

¹¹ Para referências a este assunto, ver, entre outros: Escohotado (1994; 1995), Carneiro (2005), Macrae (2001); Vargas (2000; 2001)

¹² Para referências a este assunto, ver, principalmente Macrae (1992; 1999), Labate e Sena (2002), Labate (2004), Labate e Goulart (2005), Labate, Rose e Santos (2008) e Goulart (1996; 2004).

¹³ De acordo com o II Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, realizado no ano de 2005 nas 108 maiores cidades do país, a porcentagem de uso na vida de qualquer substância psicoativa exceto álcool e tabaco é de 22.8% em nível nacional e 14.8% na região Sul, onde está situada a cidade de Porto Alegre. As substâncias psicoativas com maior incidência de *uso na vida* em nível nacional são o álcool (74.6%), o tabaco (44%) e a maconha (8,8%). Os índices de dependência para as mesmas substâncias são, respectivamente, 12.3%, 10.1% e 1.2% (Carlini, 2006).

¹⁴ Ver Vargas (2000).

membros fora do espaço dos grupos. A etnografia das reuniões se colocou como uma etapa necessária do processo de aprendizado antropológico, na medida em que uma das grandes contribuições da disciplina é justamente sua maneira de abordar os objetos/sujeitos de pesquisa. Além disso, para compreender na prática a dinâmica de funcionamento dos grupos de ajuda mútua, nada melhor que a observação participante, nada melhor do que estar próximo do convívio daqueles que o formam. Ressalto que o interesse maior do trabalho não é exatamente a sua maneira de *curar* ou *tratar* a doença, sua “plataforma terapêutica”, como diz Tadvald (2006), mas sim a maneira pela qual o grupo define o *problema-foco*. A literatura da antropologia médica¹⁵ demonstra que muito da eficácia de alguns sistemas de cura reside justamente na sua maneira de definir o problema a ser tratado, sendo que em alguns casos o próprio ato de diagnosticar a doença já faz parte da terapia, o que parece acontecer em muitos casos de “dependência química”.

Voltando aos já citados textos de Bourdieu (1999) e Bachelard (1996), esta foi a maneira que encontrei de não realizar apenas uma *monografia de aldeia*, na qual o simples apontamento para uma realidade diversa daquelas já apresentadas em outros estudos funcionaria como justificativa da realização do trabalho. Ao focar na noção de “adição” que circula nos grupos, pretendo lançar um outro olhar sobre aquela realidade. Além disso, através da realização de entrevistas com alguns membros emerge um outro tipo de interpretação sobre os grupos de ajuda mútua, aquela que podemos identificar por *interpretação nativa* (Geertz, 1978). Esse recurso metodológico se apresenta como essencial na medida em que a experiência cultural do uso de psicoativos e da “dependência química”, enquanto experiências que passam pelo corpo e pelo *self*, são inatingíveis senão pela voz daqueles que a vivenciam. Se em alguns casos os pesquisadores podem, de certa forma, *aprender a viver* e a pensar a partir dos termos ou da lógica de determinado grupo social (ou determinada cultura), como parte importante do processo de tradução cultural, no presente trabalho esta possibilidade foi descartada de antemão, justamente pela particularidade do que se pretendeu estudar. Ou seja, desde um primeiro momento foi muito claro para mim que eu jamais poderia atingir a experiência do uso de psicoativos e da “dependência química” senão pela voz dos interlocutores da pesquisa.

¹⁵ Ver, principalmente, Csordas & Kleinmann (1996) e Langdon (2003).

1.2 A abordagem dos participantes de Narcóticos Anônimos

O tema central das entrevistas é a história de vida destes participantes, idéia que surgiu durante a fase exploratória do campo, justamente por ter percebido através de conversas informais com alguns membros que suas trajetórias, apesar de possuírem inúmeras semelhanças, preservavam muitas particularidades. A partir da revisão bibliográfica sobre o tema da ajuda mútua também percebi que seus membros são geralmente apresentados de forma bastante homogeneizada nestes estudos, como se a partir do momento em que eles ingressassem nos grupos passassem todos a ter um mesmo tipo de trajetória e visão de mundo. O que percebi em campo, principalmente em conversas particulares com alguns membros, é que muitos participam dos NA de maneira bastante instrumental ou pragmática, ao invés de buscarem por um novo *sentido de vida*. Nos estudos anteriormente citados, não há uma separação clara entre o *espaço institucional* dos grupos de ajuda mútua e a vida privada de seus membros, até porque o foco destes trabalhos foi justamente *o grupo*. Neste trabalho que apresento, os grupos de Narcóticos Anônimos correspondem ao *universo de pesquisa*, mais do que ao *objeto* propriamente dito; digamos que os grupos correspondam a um espaço de interação social com limites bem marcados no qual circulam tanto representações sobre uma determinada realidade – a “dependência química” –, quanto pessoas que contribuem na construção e divulgação destas representações, justamente através de suas experiências subjetivas.

Assim, a partir das entrevistas realizadas, tomadas aqui como exemplos paradigmáticos de construção identitária de uma trajetória social de “adição”, apresento a seguir, resumidamente, a história de vida de quatro participantes de NA da cidade de Porto Alegre. A apresentação da história destes quatro entrevistados neste momento tem dois propósitos principais: em primeiro lugar é uma forma de exemplificar minha hipótese de que algumas pessoas podem participar mais pragmaticamente dos grupos, não necessariamente buscando uma *nova maneira de viver*. Em outras palavras, demonstrar que a maneira pela qual cada indivíduo participa dos Narcóticos Anônimos tem muito a ver com suas características e trajetórias pessoais. Em segundo lugar, é também uma estratégia narrativa deste texto, já que posteriormente citarei trechos dessas entrevistas no que toca a temas específicos, usando

a fala desses membros de NA como uma espécie de *discurso nativo* sobre aquele ambiente. Quando forem feitas essas citações, o leitor terá a possibilidade de referenciar aquela fala à história de vida do membro em questão, tornando clara a idéia por mim defendida de que algumas particularidades são preservadas, mesmo entre aqueles participantes mais fervorosos.

Todas as entrevistas foram realizadas fora daquilo que chamei de *espaço institucional* de Narcóticos Anônimos, ou seja, em horários e locais distintos daqueles onde acontecem as reuniões. Todos os entrevistados foram abordados durante a minha participação em reuniões, tendo feito nestas ocasiões um primeiro contato, explicado sobre os objetivos da pesquisa, no que consistiria a entrevista, além de ter trocado com eles um contato telefônico. Todos consentiram em serem entrevistados e acolheram com interesse este trabalho. Os nomes utilizados para identificar os casos são fictícios para preservar o anonimato destas pessoas, que concordaram com esta estratégia de anonimato.

Sendo este um trabalho de cunho antropológico, é interessante apontar também para algumas particularidades daquilo que se denomina *encontro etnográfico*, ou seja, explicitar como foi a abordagem destes que são os verdadeiros detentores de um tipo de experiência (sabedoria) que a pesquisa busca trazer à tona e analisar que tipo de relação se construiu entre pesquisador e sujeitos de pesquisa antes da realização das entrevistas. Assim, ao apresentar a história pessoal de cada entrevistado, serão também esclarecidos estes momentos da criação do vínculo entre *pesquisador e sujeitos de pesquisa*.

As entrevistas foram realizadas de maneira não-diretiva, ou seja, sem um questionário fechado a ser aplicado. Ao invés disso, privilegiou-se a capacidade destas pessoas em narrar a sua história de vida que, inevitavelmente, passa por temas específicos como o uso de substâncias psicoativas e a participação em grupos de Narcóticos Anônimos, tendo em vista que todos foram abordados a partir dos grupos. Antes de iniciar oficialmente as entrevistas, que foram todas gravadas, mostrava aos informantes uma pequena seqüência de perguntas que tinha anotado em meu caderno, para que eles pudessem ter alguma idéia de por onde começar, já que todos se sentiram um tanto perdidos em ter de narrar suas vidas partindo do zero, sem questionamentos de minha parte. Mas sempre deixei claro que o objetivo das entrevistas era o de apreender *histórias de vida* e que os temas de interesse mais pontuais para pesquisa seriam tocados inevitavelmente no desenrolar de suas histórias.

Este roteiro de entrevista estava organizado em três eixos temáticos, por assim dizer: Em primeiro lugar, *dados pessoais*, com o objetivo de coletar dados sobre local de nascimento, profissão dos pais, escolaridade, relacionamentos pessoais (com familiares, amigos, estranhos) na infância e no decorrer da vida, tipo de educação que receberam sobre uso de substâncias psicoativas, vida profissional, vida conjugal. Em segundo lugar, *uso de drogas*, obviamente buscando informações sobre os primeiros usos de substâncias psicoativas, sobre os juízos realizados a partir destas primeiras experiências (boas, ruins), histórico de consumo, mudança no círculo de relações sociais após o início do consumo. Em terceiro lugar, “*dependência química*”, “*itinerário terapêutico*” e *Narcóticos Anônimos*, procurando apreender informações sobre quando surgiu em suas vidas a idéia de “dependência química”, se foi um tipo de auto-avaliação ou uma atribuição externa, quais procedimentos terapêuticos foram tentados, se houve sucesso nessas tentativas, quando foi o primeiro contato com grupos de NA, se houve recaída após a primeira procura por tratamento ou após o ingresso em NA, que tipo de mudanças ocorreram após a participação em NA, se houveram mudanças no círculo de relações sociais, se já foi servidor voluntário do grupo, etc.

Este era basicamente um roteiro que tinha elaborado para mim, com o intuito de eventualmente intervir durante as narrativas e fazer perguntas pontuais para que pudessem ser esclarecidos pontos que eu julgava importantes. Os entrevistados fizeram uso de minhas questões apenas como um ponto de partida, mas nenhum deles seguiu esta seqüência, tanto que as informações foram sendo construídas aos poucos, com idas e vindas nestes três eixos temáticos, constituindo-se como um diálogo entre pesquisador e entrevistado. Os entrevistados me narraram suas histórias a partir de seus pontos de vista atuais, obviamente marcados dentro de certos limites em cada caso, pelo ideário de Narcóticos Anônimos. Este é o meu ponto de encontro com estas pessoas e também é o ponto que reorganiza suas histórias de vida.

O exercício a ser praticado aqui é tentar demonstrar que a suposta coerência e coesão dos grupos e seus participantes pode ser, em muitas ocasiões, bastante superficial ou quase uma exigência do *espaço institucional* que é bastante marcado por regras implícitas e explícitas. Sugiro com isto novamente uma separação entre o *espaço institucional* dos grupos de NA e a vivência particular que cada um dos membros tem do programa como um todo, incluindo os Passos, as Tradições e a freqüência em reuniões. A apresentação dessas biografias é também importante no sentido de que através delas será possível observar “itinerários terapêuticos” percorridos pelos

participantes de NA. Em outras palavras, é uma forma de incluir os Narcóticos Anônimos na rede assistencial ao dependente químico¹⁶ que existe nos grandes centros urbanos, agora através da própria movimentação dos participantes dentro desta rede.

1.2.1 Gustavo

O primeiro contato com Gustavo foi feito em uma reunião aberta de um grupo de Narcóticos Anônimos localizado nas redondezas de bairros considerados de classe alta em Porto Alegre, numa região relativamente próxima ao centro da cidade, longe das extremidades – lembrando que o *centro* de Porto Alegre, enquanto concentração de comércio e serviços, fica geograficamente localizado a oeste do território da cidade. Neste grupo uma coisa que me chamou a atenção foi justamente a grande incidência de pessoas chegando em seus próprios carros. Comparativamente com outros grupos freqüentados, este é com certeza o que aparentava maior nível socioeconômico dos participantes, ao menos da maioria deles. Como a participação dos membros pelos diversos grupos é grande, mesmo em um grupo como este pode haver pessoas de estratos diferentes, mas havia uma predominância aparentemente (superficialmente) visível de pessoas de um estrato privilegiado, seja pelas roupas dos participantes, pelos seus meios de transporte, etc. A reunião ocorre à noite no prédio de uma escola, quando a escola não está funcionando. Neste dia lembro de ter chegado quase meia hora antes do início da reunião com o intuito de abordar os servidores¹⁷ do grupo, já que era minha primeira vez lá. Chegando ao corredor de acesso à sala da reunião, já de longe percebo um debate acalorado saindo da porta; aproximo-me devagar e adentro a sala, no segundo andar do prédio. Perguntam-me: “É a tua primeira reunião, companheiro?” Respondo-lhes que não, que estava ali para participar da reunião aberta, pois fazia uma pesquisa sobre Narcóticos Anônimos. Eles me dão as boas-vindas mas pedem para esperar o começo da reunião lá embaixo, pois estavam realizando uma “reunião de serviço”. Em seguida fiquei sabendo que debatiam sobre os preparativos da reunião

¹⁶ Sobre a rede de assistência ao “dependente químico”, ver o capítulo 2 desta dissertação.

¹⁷ Servidores são aqueles membros que prestam serviços voluntários para os Narcóticos Anônimos, como secretariar reuniões, cuidar das arrecadações e gastos de um grupo, representar cada um dos grupos nos encontros regionais, entre outros. Alguns destes encargos são discutidos no capítulo 3, item 3.4.1 desta dissertação.

festiva que ocorreria naquele grupo na próxima semana, comemorando 20 anos de fundação do mesmo.

Esperei pelo começo da reunião sentado em um banco, no pátio da escola, observando a chegada dos participantes, a maioria deles em seus carros ou de carona com amigos. Não abordei nenhum deles antes do começo da reunião, apenas observei. Era um grupo com um público bastante jovem, vários acompanhados por seus familiares. Dada a hora da reunião, espero a maioria das pessoas subir e, logo em seguida, subo também. Sento-me bem no fundo da sala e observo a reunião, que naquele dia contava com vários visitantes. Mães, irmãs, irmãos, amigos de membros se faziam presente, o clima estava bastante animado, feliz, ainda mais por ser o dia de “troca de ficha”¹⁸ de dois participantes que pareciam ser bastante queridos pelos seus companheiros. Chega o intervalo da reunião e eu espero novamente as pessoas saírem na minha frente, pois ia tentar abordar o Secretário. Antes que eu chegasse a ele, Gustavo me aborda: “É a tua primeira vez?” Explico a ele que era minha primeira vez naquele grupo, mas que fazia uma pesquisa sobre os Narcóticos Anônimos. Normalmente eu teria me apresentado ao grupo no começo da reunião, mas naquele dia eram muitas pessoas presentes e muitos visitantes, então as apresentações foram apenas dos “membros” do grupo, nem os familiares se apresentaram. Desde o primeiro instante Gustavo se mostrou bastante entusiasmado com a pesquisa, me disse que esse trabalho era muito importante, pois seria mais um meio de informação sobre a “adicação”. Tentei explicar mais detalhadamente os objetivos da pesquisa, a metodologia da antropologia e a importância que a disciplina atribui ao “ponto de vista da experiência das pessoas”. Novamente ele se mostrou interessado e me falou que gostava muito das Ciências Sociais, que tinha lido há pouco tempo um dos livros de Zygmunt Bauman e achado muito interessante. Conversa vai, conversa vem, em vista de seu entusiasmo e interesse com os propósitos da pesquisa, lhe perguntei se não gostaria de contribuir, cedendo uma entrevista sobre sua trajetória ou indicando algum conhecido que pudesse fazê-lo. Num primeiro momento Gustavo se mostrou relutante, falou que não sabia, que tinha medo de quebrar seu anonimato, desconversou um pouco. Garanti a ele que seria uma entrevista anônima e que todos os princípios de Narcóticos Anônimos, assim como sua

¹⁸ Quando os membros de NA alcançam determinados períodos de abstinência, eles têm direito de receber “fichas” correspondentes a este período. Estas não são nada mais que chaveiros coloridos com o símbolo de NA e simbolizam materialmente o período de abstinência alcançado. Para mais detalhes sobre o significado das “fichas” e sobre o pequeno ritual de entrega das mesmas, consultar o capítulo 5, item 5.6 deste trabalho.

própria vontade, seriam respeitados. Neste momento as pessoas já começavam a se sentar novamente para o recomeço da reunião. Combinamos então de conversar melhor ao final do encontro. Chegado o fim da reunião, após Gustavo ter cumprimentado seus conhecidos, foi possível conversar com um pouco mais de calma e novamente tentei lhe explicar os propósitos da pesquisa e lhe garantir que não teria seu anonimato quebrado. Desta vez ele concordou com a proposta, me passou seu número de telefone celular e pediu para ligar após duas semanas, preferencialmente no horário matutino ou próximo ao meio-dia, quando não estivesse na presença de pessoas que não sabem de sua participação nos grupos. Nesta ocasião ele também disse que seria melhor fazer a entrevista no espaço do grupo mesmo, em algum dia que ele fosse para a reunião, o que acabou não acontecendo, pois nos reunimos em um café localizado dentro de um parque público da cidade.

Após duas tentativas de marcar a entrevista que não foram bem sucedidas, devido ao conflito de horários, marcamos finalmente para um domingo à tarde – mais ou menos duas semanas após o primeiro contato –, em um café do Bairro Bom Fim escolhido por ele. Quando cheguei ao local marcado, Gustavo já estava à minha espera, com seu carro parado em frente ao local combinado. A surpresa foi que o local estava fechado. Decidimos então procurar um outro lugar parecido ali nas redondezas. Andamos alguns quarteirões procurando por um café aberto e que proporcionasse ao mesmo tempo certa intimidade para realização da entrevista e não achamos. Neste meio-tempo, enquanto andávamos na rua, trocamos algumas idéias, contei um pouco de minha trajetória para ele e resolvemos tentar o café localizado dentro de um parque próximo dali; se não fosse possível parariamos em qualquer sombra disponível no parque. No caminho até este que foi o local de realização da entrevista, fui respondendo a alguns questionamentos de Gustavo sobre o meu interesse neste tema e, principalmente, sobre a peculiaridade da abordagem antropológica de pesquisa. Chegando lá, nos instalamos em uma mesa, pedimos dois cafés e começamos a *conversa séria*.

Gustavo é o mais jovem de todos os entrevistados e sua trajetória de consumidor de substâncias psicoativas difere bastante da dos outros informantes, principalmente pela substância que era de sua escolha e que o fez procurar grupos de Narcóticos Anônimos, a maconha – nos outros casos a substância de escolha é a cocaína ou então cocaína associada ao álcool. Gustavo tem vinte e cinco anos e nasceu em Porto Alegre, filho de um funcionário público e de uma cabeleireira; tem um irmão três anos mais velho. Relatou-me que na época de seu nascimento seu pai era um funcionário público

de médio escalão e que mantinha relacionamentos fora do casamento, motivo de brigas constantes entre ele e sua mãe.

Dos cinco aos dez anos de idade Gustavo morou em duas pequenas cidades do interior do estado, devido a transferências profissionais de seu pai no funcionalismo público. Vale ressaltar que esta migração valeu a seu pai cargos mais bem remunerados e dignos de prestígio nas pequenas cidades, o que acarretou em alguns pequenos traumas na infância de Gustavo, alvo de acusações e perseguições injustas por parte de alguns colegas. O exemplo que ele me citou diz respeito a um incidente no qual um de seus supostos amigos espalhou para as outras crianças que Gustavo era gay e que mantinha relações homossexuais com colegas, isso com 9 anos de idade. Segundo ele, estes fatos desagradáveis o levaram a certo isolamento neste período, voltando a ser uma criança mais ativa e participativa na sua volta a Porto Alegre, com dez anos de idade.

Gustavo desde o começo da entrevista passou a idéia de que teve uma família desestruturada, apesar de sempre ter tido uma condição econômica favorável. Em certo momento ele afirma que não tem lembranças de seus pais tendo um relacionamento saudável, mesmo quando era muito pequeno. A ausência do seu pai é um dos motivos que Gustavo atribui como contribuintes para ele ter se tornado um “adicto”, ainda que mais de uma vez na entrevista ele o abstenha de culpa por isso, pois julga que ele tenha feito o melhor possível, dentro de suas possibilidades. O que Gustavo mais parece recriminar nas atitudes de seu pai é justamente a ausência na parte educacional ou como um chefe da família e referência moral, já que mesmo tendo casos amorosos com outras mulheres há muito tempo, nunca deixou faltar nada material para sua família, nunca deixou de provê-los. Ainda no dia em que primeiro nos conhecemos, como foi relatado logo acima, no meio de nossas conversas sobre a pesquisa e as histórias de vida de participantes de NA ele me diz: “Porque tem algumas semelhanças né, tem uns fatores determinantes. Eu vejo a família desestruturada, a ausência da figura paterna, são coisas que tu encontra nas histórias das pessoas aqui”.

É possível de perceber que Gustavo recrimina alguns comportamentos de seu pai para em seguida justificá-los, atribuindo estes comportamentos ao abuso de álcool que, na sua visão, deve ser visto como uma doença. Ainda que os grupos de Narcóticos Anônimos proponham a não separação entre o álcool e outras substâncias psicoativas, no caso de seu pai, Gustavo faz claramente esta separação, chamando a atenção para o caráter *lícito* do álcool.

A respeito de sua mãe, Gustavo vê nela uma mulher batalhadora, que lutou para ganhar a vida, tendo inclusive sustentado a casa em que morava na adolescência por ser a filha mais velha. Ele reconhece também que este fato pode ter acarretado alguns problemas para ela, já que em um período que normalmente as pessoas (como ele próprio) ainda dependem da família, ela sustentava a sua. Numa das primeiras passagens da entrevista, Gustavo ressalta que sua mãe trabalhava muito na época em que ele nasceu, antes ainda de seu pai exercer um cargo público bem remunerado. Essa vida de trabalho árduo durou até o casamento com seu pai, quando este passou a sustentar a casa e os filhos.

Com dez anos de idade Gustavo volta do interior para a capital e acontece o rompimento definitivo de seus pais, que se separam. A partir disso ele passa a se sentir um tanto “sufocado” pelo ambiente familiar, principalmente pela carência de sua mãe que acabava por se apegar demasiadamente a ele. Este ambiente sufocante, na sua visão, o impelia a querer passar seu tempo livre *na rua*. Concomitantemente a este fato, a prática do *skate* foi outro fator determinante neste tipo de comportamento de Gustavo durante a adolescência, já que é um esporte praticado essencialmente na rua ou em rampas e pistas, sendo que são raros os casos em que o praticante dispõe destes aparatos em sua própria casa. Sua paixão pelo *skate* nesta época foi tão grande que, segundo ele, passava boa parte de seu tempo livre, quando não estava na rua, lendo revistas especializadas em *skate* e sonhando em um dia ser *skatista* profissional. Chega a 6ª série do Ensino Fundamental e Gustavo reprova em duas matérias, não apenas ele, mas ele e “uma turma”. E, comentando sobre esta sua reprovação, é possível perceber uma idéia que Gustavo tem atualmente – idéia esta muito presente nos discursos de participantes de Narcóticos Anônimos e inclusive na literatura do grupo¹⁹ –, de que já “era adicto” ou que já “tinha comportamentos de adicto” muito antes de usar qualquer substância psicoativa.

Sobre a educação que recebeu no que diz respeito ao uso de “drogas”, o pai de Gustavo o instruiu a separar claramente as “drogas” do álcool, dizendo que as primeiras acabam por viciar aqueles que usam, e sua mãe – quem cuidava de sua educação na época da adolescência – era bastante indiferente com o hábito de “tomar uns porres em festinhas” porque achava “natural”. Seu pai, na verdade, o orientou apenas para “tomar

¹⁹ “A adicção é uma doença que envolve mais do que o uso de drogas. Alguns de nós acreditam que a nossa doença já estava presente muito antes de termos usado pela primeira vez” (Narcóticos Anônimos, 1993, p.3)

cuidado com as drogas”, sem fazer referência aos perigos do álcool, a substância psicoativa com maior número estimado de dependentes no Brasil e no mundo. Outra observação pode ser feita a respeito da opinião de Gustavo de que existe uma *escalada* no uso de drogas, de que as pessoas que começam a consumir uma substância ‘X’ inevitavelmente acabam por se tornar usuárias de outras substâncias com o passar do tempo. No seu relato, ele apenas não fez uso de substâncias psicoativas consideradas mais “químicas”, como a cocaína, porque conseguiu abandonar o uso antes que isto acontecesse. Este tipo de observação do entrevistado repousa em um entendimento do ‘uso de substâncias psicoativas ilegais’ como sendo uma coisa só, como se não houvesse diferenciação entre as substâncias e seus efeitos no organismo humano. Também a idéia de considerar algumas substâncias psicoativas *mais* químicas que outras não deixa de ser uma forma de diminuir o impacto que a maconha tem sobre o usuário, passando a impressão de que é “natural” em se comparando à cocaína.

Desde pequeno Gustavo sempre passou as férias de verão na praia, como costumam fazer muitas famílias de classe média no Rio Grande do Sul, e mesmo lembrando da época em que seus pais eram casados e tinham brigas constantes, os verões na praia permaneceram como uma lembrança boa para ele. É justamente neste ambiente de praia, considerado favorável por Gustavo, que ele tem o primeiro contato com a maconha, com 15 anos de idade, através de uma das poucas amigas que mantinha desde pequeno. Após este primeiro ano em que experimentou e repetiu o uso apenas poucas vezes – três vezes, nas suas contas –, Gustavo reconhece que no verão seguinte a “coisa desandou”, pois começou a fumar com maior intensidade e frequência. Ele reconhece que a influência de um grupo de jovens *mais velhos* que servia de referência, de modelo para ele e outros amigos da mesma idade, funcionou como propulsor deste consumo mais constante. Isso porque neste grupo de referência o uso de maconha já era disseminado, fazia parte da *identidade* de surfista que Gustavo e seus outros amigos mais jovens buscavam assimilar.

Neste mesmo ano Gustavo cursa o 2º colegial e as matérias pendentes do 1º ano, continua andando de *skate*, mas agora apenas como pretexto para ficar fora de casa e usar maconha. No final deste ano Gustavo toma uma decisão que parece se arrepender até os dias de hoje, que foi abandonar a escola no final do 2º colegial, antes de acabar o ano letivo, por achar que sua família estava gastando dinheiro à toa com ele, pois ficava dormindo nas aulas e faltava muito e com o pretexto de que no ano seguinte faria um supletivo do 2º e do 3º ano em seis meses, o que acabou acontecendo. O importante de

notar é que nessa época seu irmão começou a questionar seu consumo de maconha, o que levou o próprio Gustavo a refletir sobre o assunto e entender que estava usando demais, deixando de fazer coisas produtivas para ficar fumando.

Apesar de ter experimentado a maconha com 15 anos e começado a fumar cotidianamente com 16, já com 18 anos se deu conta de que precisava parar com o uso para obter “sucesso na vida”, ou seja, como ele próprio diz, as tentativas de “parar de fumar” começaram com 18 anos de idade. No começo, essas tentativas foram direcionadas para o controle do uso, sem qualquer tipo de tratamento, o que foi bastante doloroso para ele, pois, nas suas próprias palavras, “controlar o meu uso era... controlar o uso é a pior coisa que tem velho, bah velho, tu não sabe pra que lado tu quer ir velho”. Cursou o supletivo em 6 meses, no primeiro semestre de um ano, usando maconha em alguns finais de semana e controlando o uso com bastante dificuldade, já que tinha muitos colegas do supletivo que eram usuários e que faziam uso inclusive antes das aulas. Mas centrado no objetivo de terminar o colegial e entrar na faculdade, Gustavo consegue atingir tal feito e ingressa em uma faculdade particular de direito no 2º semestre daquele mesmo ano.

Assim que entra na faculdade, Gustavo procura fazer algumas reformulações em sua vida, a fim de poder dar conta das obrigações do Curso. Conseguiu ficar sem fumar maconha por períodos curtos, chegando até a dois meses sem usar, mas diz ter ficado aguardando ansioso pelo fim do semestre e o início das férias, quando voltou a fumar intensivamente. Segundo ele, após ter entrado na faculdade, usava a maconha e ao mesmo tempo se escondia atrás da máscara de “estudante universitário”, indo mais arrumado para as aulas, fazendo um tipo “eu não uso nada” e usando, na verdade. Neste período já tentava seriamente parar de usar a maconha.

Numa situação quase de desespero, já que tinha percebido não dar conta do problema sozinho, Gustavo apela por ajuda junto à sua família. Seu pai, que em outras ocasiões não tinha conseguido lidar com situações relativamente simples, conseguiu ter o discernimento e o tato necessário para ajudá-lo. Mesmo sendo da opinião de que “as drogas” são piores do que o álcool conseguiu não discriminar o filho e encaminhá-lo para uma pessoa de sua confiança. A psiquiatra que Gustavo foi consultar tinha tratado de seu pai alguns anos antes, tendo ele abandonado o tratamento por considerar que não precisava parar de beber. O mais interessante é que através desta médica psiquiatra que Gustavo toma conhecimento dos grupos de Narcóticos Anônimos, demonstrando a

comunicação de diferentes abordagens terapêuticas que atuam sobre o “uso problemático de substâncias psicoativas”.

1.2.2 Jorge

No dia em que conheci Jorge tinha me dirigido para um grupo de NA que realizaria uma reunião fechada, pois queria conversar com o Secretário ou algum outro servidor encarregado sobre a possibilidade de adquirir alguma literatura de NA. Por se tratar de uma reunião fechada, eu já sabia que não poderia participar, mas resolvi aproveitar os momentos que a antecedem para coletar algumas informações. Chegando ao grupo, parado quase junto à porta de entrada da sala estava Jorge, que logo me cumprimentou, se apresentando e perguntando se era minha primeira reunião. De pronto lhe expliquei que fazia uma pesquisa e procurava pelo Secretário para tirar algumas dúvidas, no que ele me apontou para o fundo da sala, onde conversavam três pessoas. Naquele momento decidi não ir até lá interromper a conversa e continuei o diálogo com Jorge. Ele se mostrou, num primeiro momento, interessado nos propósitos da pesquisa, me serviu um café, me deu um folheto com a lista dos grupos da cidade e continuou o diálogo, no qual principalmente ele me dizia “como é ser adicto”. Nesta breve troca de idéias dizia a ele que era justamente isto que procurava com a pesquisa, demonstrar que tipo de vivência as pessoas classificadas como “dependentes químicos” tinham, procurando fugir dos discursos de médicos ou de outros especialistas que podem falar a partir de um determinado ponto de vista, mas não a partir da esfera da *vivência*. Disse também que estava participando de reuniões abertas de Narcóticos Anônimos e selecionando pessoas dispostas a serem entrevistadas, para narrarem suas histórias de vida. Lembro que neste primeiro momento ele só concordou, achou a idéia válida, mas não se dispôs a ser um dos informantes. Com a reunião próxima de seu início, quando estava me despedindo de Jorge, ainda antes de me retirar da sala, ele se vira pra mim e fala: “Vou te quebrar um galho, anota meu telefone aí”. Neste momento ele me passou os telefones de casa e o seu celular e me alertou que teria tempo até o fim daquele mês (este encontro ocorreu no início de um mês), já que estava de licença do trabalho até aquela data. Também me pediu que ligasse em um dos dias que aquele grupo que nos

encontramos estivesse se reunindo, pois aí nos encontraríamos depois que ele saísse da reunião e iríamos para algum lugar ali por perto.

E foi desta maneira que ocorreu a entrevista, após uma semana deste encontro no *espaço institucional* do grupo liguei para ele e marquei de encontrá-lo no dia seguinte, após o término da reunião. Este grupo em específico realiza suas reuniões ao meio-dia, sendo que fui ao seu encontro perto das duas da tarde. Chego ao grupo um pouco cedo e a reunião ainda não havia acabado; sento-me e espero a saída dos participantes. Chegada a hora, começam a sair as pessoas da sala, entre eles, Jorge. Ele me avista, vem ao meu encontro e logo diz: “Nossa cara, nem lembrava que tinha marcado contigo hoje. Quase que eu não vim na reunião”. Ele se despede de alguns companheiros e seguimos, eu e ele, pensando em algum lugar que pudéssemos sentar e conversar tranquilamente. Como estávamos bem no centro da cidade, ele sugere a Praça Júlio de Castilho, e para lá nos dirigimos a pé, numa caminhada que não levou 10 minutos. No caminho vamos conversando sobre assuntos diversos tipo: “Que calorão né! Vamos para um lugar que tenha sombra”, também lhe conto um pouco da minha vida, minha trajetória de estudos, entre outras coisas. Chegando à praça procuramos um lugar calmo e sombreado para sentar, já que o calor era realmente muito intenso naquele dia. Logo encontramos um lugar propício, nos sentamos e novamente lhe expliquei o que estava querendo com aquela entrevista. Disse-lhe que não precisava se preocupar em responder pontualmente as perguntas que apareciam no roteiro e que o importante era que ele me contasse a sua história.

À época da realização da entrevista, Jorge estava com 36 anos, tendo ele nascido na cidade de Porto Alegre e residido até os 14 anos de idade no bairro Menino Deus. Sua trajetória de “dependente químico” é, talvez, a mais comum entre os participantes de Narcóticos Anônimos, por ter crescido em uma família desestruturada e ter sido usuário de vários tipos de substâncias, sendo o centro do seu problema a combinação de álcool e cocaína. Jorge não foi criado por seus pais, mas por seus avós maternos, e só foi conhecer seu pai já adulto, com 28 anos, poucas semanas antes de seu falecimento. Tem um irmão mais novo que foi criado por sua mãe até certa idade, ou seja, não cresceu junto dele, foram conviver sob o mesmo teto apenas quando já eram adolescentes, na casa de seus avós. Soube através de histórias contadas por sua mãe e seu avô que seu pai teve vários problemas com álcool, pois tinha uma “vida bem desregrada”.

Sua mãe, trabalhadora da área da saúde, segundo diz Jorge, também tem um histórico de consumo de psicoativos, advindo principalmente de uma dificuldade em lidar com relacionamentos afetivos, já que é uma pessoa muito possessiva e ciumenta. Como ele mesmo diz, a drogadição de sua mãe era muito diferente da sua, que usava cocaína para fazer festa com os amigos. Ela fazia um uso “deprimido”, pois se isolava no quarto por um ou mais dias, ficava usando e dormindo, não conversava com ninguém e ficava bastante agressiva. Esta situação só foi conhecida por Jorge na sua adolescência, quando sua mãe e seu irmão também passaram a morar com os avós que o criavam. Até então, morando sozinha, a drogadição da sua mãe não era evidente para o restante da família, mas ela chegou, inclusive, a ser internada por este motivo.

Ele me relatou ter tido uma infância beirando o limite do que considera normal, pois ao mesmo tempo em que ganhou as coisas de criança – bicicleta, brinquedos, etc. – no tempo certo, sente que era privado de alguns bens de consumo material, e que tinha um pouco de inveja de seus colegas de escola que tinham “os melhores tênis” ou que “iam de carro para escola”. Disse-me que na escola nunca foi um aluno brilhante, e também que “pra burro eu não servia”, ou seja, foi um aluno mediano que passou os anos sem se destacar e sem ter muitos problemas para avançar, mas ao mesmo tempo tinha um comportamento agressivo, foi expulso de escolas, se envolveu em brigas, praticou atos de vandalismo, coisas que hoje vê como “defeitos de caráter”, comportamentos que são característicos de “adictos”. Durante a entrevista ele inclusive me diz que hoje percebe que estas já eram evidências de seu comportamento de “adicto” mesmo antes de usar qualquer substância, uma idéia muito presente no ideário dos Narcóticos Anônimos.

Outro fator que aponta como “fora do padrão normal” durante sua infância diz respeito à grande diferença de idade que havia entre ele e seus avós – que o criaram – e também à educação pobre que estes tiveram, pois apanhava de sua avó e ao mesmo tempo era superprotegido, não podia sair muito de casa. Ele diz que isso acontecia justamente por ser a maneira deles de ver o mundo e lidar com a educação, a maneira que condiz com a geração deles, quando havia menos diálogo na relação pai-filho. Ao mesmo tempo Jorge não culpa seus avós por nenhum tipo de comportamento que ele veio a ter posteriormente, incluindo o fato de se tornar um usuário de psicoativos, pois acredita que eles fizeram o melhor que podiam, dentro de suas limitações. Quanto à questão do tipo de educação que recebeu a respeito do uso de psicoativos em geral, Jorge me disse que nenhum dos seus avós fazia uso de qualquer substância, sequer de

álcool, e que essas práticas não faziam parte do cotidiano deles, como algo que eles tivessem algum tipo de preocupação. Desta forma, não recebeu de seus avós qualquer tipo de instrução ou ensinamento a respeito deste assunto.

Considera que foi um adolescente bastante tímido e com dificuldades de interagir tanto em grupo quanto com garotas, até o momento em que começou a fazer uso de substâncias psicoativas como maneira de se soltar e interagir melhor entre seus pares. Depois dos 14 anos de idade, Jorge foi com sua família morar no bairro Belém Novo, onde reside até hoje, e lá teve os primeiros contatos com psicoativos. Suas primeiras experiências foram com inalantes, como benzina e cola de sapateiro, e logo em seguida a maconha, que foi apresentada a ele por uma namorada, aos 16 anos. Ele me disse que neste bairro havia dois grupos distintos de pessoas da sua idade com os quais ele poderia se “enturmar”, o grupo que “usava” e o que “não usava”, referindo-se ao uso de psicoativos. Optou por fazer parte do primeiro grupo, alegando que no grupo dos que “não usavam” não conseguia interagir muito bem.

Além disso, nesta mesma época começou a se desvencilhar da proteção de seus avós e experienciar a liberdade que não tinha até então, saindo e indo a festas, mas como ele mesmo diz, não foi uma coisa que aconteceu paulatinamente, e sim de maneira bastante radical, nas suas palavras foi “um 8 ou 80”, quando começou a sair de casa, ninguém mais o segurou. A partir dessa época passou a freqüentar o bairro Bom Fim, reduto da juventude rebelde e *rockeira* de Porto Alegre na década de 1980, adotando o visual *punk* e passando a andar com um grupo de outros jovens com as mesmas idéias, tanto do seu bairro de origem quanto do próprio Bom Fim. A violência, na forma de brigas e atos de vandalismo, continuou uma constante em sua vida nesta época de passagem da adolescência para a vida adulta, sendo que esse grupo que freqüentava fabricava inclusive armas próprias para usar em brigas.

Começou a trabalhar com 16 anos em um bom emprego, na empresa que seu avô trabalhava na época, o centro de processamento de dados de uma grande empresa de previdência ligada ao exército, em Porto Alegre. Entrou na empresa por indicação de seu avô, como *office-boy*, e posteriormente foi promovido. Relatou-me ter conseguido comprar seu primeiro carro já com 17 anos, devido ao bom salário que passou a receber. Segundo a avaliação atual de Jorge, o fato de ter começado a trabalhar tão cedo e ganhar um bom dinheiro acabou sendo prejudicial, pois se viu ainda jovem com possibilidades de fazer praticamente o que bem entendia, pois possuía dinheiro próprio para tal. Nesta mesma época, com 17 anos, foi quando experimentou o álcool pela primeira vez, e

admite que com 19 anos o uso do álcool já era uma prática bem inserida no seu cotidiano, bebia quase todos os dias.

Relatou-me que conseguia conciliar o trabalho com a vida de *punk* justamente porque trabalhava de dia e com seu grupo de amigos tinha uma vida caracteristicamente noturna, apesar de seu visual causar bastante choque no ambiente profissional. Talvez por isso mesmo, assim que seu avô se aposentou ele foi demitido da empresa, com a idade de 19 anos. Em seguida, conseguiu um emprego no hospital que sua mãe trabalhava de enfermeira, onde ficou por cerca de dois anos. Após pedir demissão deste emprego, passou a trabalhar como vendedor autônomo em uma empresa de seguros e, em 1994, passou em uma prova que o tornou corretor de seguros formalizado. Nesta época já fazia uso de álcool e cocaína, passando inclusive a fazer uso de cocaína durante o dia, não apenas nas festas noturnas.

Segundo me relatou, o começo do uso de cocaína foi aos 18 anos como uma forma de conseguir ficar bebendo a noite inteira “sem cair” e, posteriormente, passou a usar a cocaína mesmo de dia e sozinho. Nos primeiros anos de uso a cocaína era aspirada e principalmente inserida em um contexto de vida noturna, como maneira de agüentar as bebedeiras. Admite que nesta modalidade já fazia um uso extremamente danoso, que o atrapalhava em todas as esferas de sua vida. Posteriormente, através da apresentação de um conhecido, passa a fazer o uso injetável de cocaína, tornando os efeitos que já eram devastadores ainda piores.

Quando ainda freqüentava o grupo de amigos *punks*, antes de 1994, seu uso de psicoativos chegou em um limite extremo, a ponto de ele ser evitado inclusive por este grupo, devido às grandes “atrocidades” que praticava como maneira de se auto-afirmar. Dentre essas “atrocidades” incluíam-se uso exagerado de substâncias, brigas, acidentes de carro. Segundo suas próprias contas, Jorge teve mais de 30 acidentes de carro e mais de 10 prisões, em decorrência de brigas, porte de arma e de drogas.

Em 1995 Jorge conhece a mulher que posteriormente se tornaria sua esposa, sendo que ela tinha 22 e ele 25 anos nesta época. Sua esposa veio de uma família bastante religiosa, praticante da religião que comumente se conhece por “Batista”, e segundo seu relato ela via nele uma maneira de se libertar das amarras rígidas com as quais fora educada. Em sua reflexão, ele me diz que via nela uma pessoa parecida com ele próprio quando mais jovem, durante o período que se desvencilhou de seus avós e passou a ter uma vida mais liberada. Neste período inicial, logo que se casou, Jorge afirma que conseguiu manejar um pouco no seu uso de drogas, mas não sem evitar o

constrangimento de ser buscado pela mulher e pelos avós no bar por diversas vezes. Com o passar dos anos, seu comportamento de usuário foi se tornando mais problemático e as conseqüências mais devastadoras, a ponto de ele e sua esposa se separarem após 8 anos de casamento.

Ainda quando eram noivos, em 1996, ela direcionou-o a participar pela primeira vez de um grupo de ajuda mútua, nesta ocasião um grupo de Alcoólicos Anônimos. Desde essa sua primeira participação, Jorge já perdeu as contas de quantas vezes ingressou em grupo de Alcoólicos ou de Narcóticos Anônimos. Ele próprio reconhece que o seu perfil de participante nos grupos de ajuda mútua é definido pelo termo “caí-caí”, porque não consegue permanecer longos períodos participando e em abstinência, sempre acaba tendo “recaídas”²⁰. Após o casamento, intercalava períodos de freqüência nos grupos e pouco uso com períodos de uso intenso e descontrole. Na sua opinião, o que o levava para as recaídas eram problemas de ordem emocional, material ou qualquer situação negativa que viesse a ocorrer, ou seja, não conseguia lidar com os problemas que se apresentam na vida de todas as pessoas sem recorrer às “drogas”.

Após sua primeira aproximação dos grupos de AA, levado por sua então noiva, ele me relatou que não conseguiu se identificar justamente porque as histórias daqueles participantes que ele conheceu eram de falência material, de sarjeta, e ele ainda se via bem vestido, trabalhando, ou seja, ainda não havia atingido aquele estado comumente chamado de “fundo de poço”. Desta forma, continuou intercalando o uso com o trabalho e a família, sendo que no ano de 2000 nasce sua filha.

Um fato importante de mencionar é que Jorge foi participante da doutrina do Santo Daime por dez anos, a partir do ano de 1992. Segundo ele me relatou, começou a participar apenas porque ouviu falar que usavam um certo “chá” alucinógeno, mas acabou participando mais ativamente, como uma maneira de “expandir a consciência”. Disse-me ainda que o fato de participar dessa doutrina o ajudou, de certa forma, a controlar o seu consumo de psicoativos, pois procurava ficar abstinente em alguns períodos que antecederiam os rituais do Santo Daime.

Mesmo participando dos grupos de AA e NA eventualmente, em 1998 ele pede demissão da corretora de seguros que trabalhava e se aprofunda no consumo de álcool e cocaína. Após pedir demissão, ainda ganhava um dinheiro da corretora, referente a seguros feitos por ele que eram renovados. Assim, começa a trabalhar em casa com

²⁰ Para aquele que está em abstinência a “recaída” significa um retorno ao uso de psicoativos, mesmo que eventual. O termo é discutido com mais detalhes no capítulo 4 deste trabalho.

artes plásticas e fica por três anos nesta atividade, até que no ano de 2002 se separa de sua esposa. Ficam nove meses separados e nesse meio tempo ele conhece uma mulher no interior do estado que sustentava o vício dele, ou seja, foram 9 meses apenas consumindo álcool e cocaína. Após este período, retoma o casamento com a sua esposa e pensa em começar uma nova vida. Vende um dos dois carros que possuía e abre uma serralheria, já que tinha experiência de trabalho com ferro, devido às suas atividades com artes plásticas.

Após um período nesta atividade, começa a trabalhar como vendedor em um grande grupo de comunicação de Porto Alegre. Foi exercendo suas atividades neste emprego que Jorge sofreu um seqüestro relâmpago na metade do ano de 2005 e que, segundo ele, teve conseqüências muito ruins para sua vida. Após ficar mais de seis horas nas mãos dos seqüestradores, foi diagnosticado com stress pós-traumático e se afastou do emprego, situação na qual ainda se encontrava quando realizamos a entrevista, em novembro de 2007, dois anos e meio depois dessa situação. Mesmo com sua mulher em casa Jorge acabou se isolando, devido à depressão, e se sentindo, em suas palavras, “coitadinho”, não acreditando que aquilo havia acontecido com ele, justamente em um momento em que se encontrava de certa forma “tranqüilo”. Essa situação fez com que ele “chutasse o balde” e voltasse a usar cocaína intensivamente. Foi quando sua mulher desistiu e pediu a separação em definitivo.

Após a separação de bens Jorge se viu livre novamente e com um bom dinheiro no bolso, fato que só veio piorar sua situação. Para complementar, conheceu uma mulher também usuária junto da qual viveu “meses desesperadores... na quantidade e nas conseqüências”. Todo o dinheiro que havia juntado da separação de bens foi consumido nesses meses. Esse processo culminou com a sua internação em uma unidade para “dependência química” no hospital Vila Nova na metade do ano de 2007, por incrível que pareça, sua única internação em todos esses anos de consumo indiscriminado de álcool e cocaína. Sua avaliação dessa experiência foi bastante negativa, pois ficou 21 dias no hospital convivendo com ladrões, traficantes, pessoas que só falavam de drogas, de como usá-las, sendo que teve uma “recaída” logo no primeiro dia após receber a alta do hospital. A idéia da internação partiu dele mesmo, após ficar usando cocaína em sua casa e “voltar a ver fantasmas”, falou com sua mãe que precisava ser internado, pois já tinha cansado de ir a AA e NA e sempre voltar para a mesma situação, que é a de uso associado de álcool e cocaína ou apenas cocaína intensivamente.

Depois de sua internação, como foi descrito logo acima, teve “recaídas”, e em setembro do ano de 2007, mais precisamente no dia 24, fez um novo ingresso em Narcóticos Anônimos, sendo que estava a exatos 49 dias sem usar qualquer substância quando a entrevista foi realizada. Neste seu novo ingresso no universo de NA, estava se propondo a aceitar a sugestão feita pelo grupo de participar de 90 reuniões nos primeiros 90 dias. Como ainda estava cumprindo o final de sua licença, chegava a participar de mais de uma reunião por dia, quando conseguia. Como foi ressaltado logo no começo deste item, Jorge representa quase um *tipo-ideal* de “dependente químico”, aquele que luta quase toda a sua vida contra a doença, mas não consegue superá-la. Uma peculiaridade em sua história diz respeito ao fato de sempre ter tido uma situação profissional relativamente boa, pois nunca precisou roubar ou se desfazer dos seus bens materiais para sustentar o vício, o que é bem comum de ouvir em reuniões de NA. Como ele mesmo me disse, o seu grande problema era justamente “ter dinheiro”, pois com dinheiro na mão ele torrava tudo em álcool e cocaína, para em seguida passar o resto do mês apertado.

1.2.3 Jussara

Durante o trabalho de campo pude perceber que a grande maioria dos participantes de Narcóticos Anônimos é do sexo masculino, fato que também é relatado pelos outros estudos sobre estes grupos. No caso dos Alcoólicos Anônimos, ao que parece, a predominância de participantes do sexo masculino é ainda maior que nos Narcóticos Anônimos. Nas reuniões que tive a oportunidade de participar, pode-se dizer que do total de presentes 10% eram do sexo feminino, mas esta pode ser uma tendência momentânea, que condiz apenas com as reuniões observadas. Fato é que não me recordo de ter participado de alguma reunião na qual estivessem presentes apenas homens. A presença feminina, mesmo que proporcionalmente menor, foi uma constante durante a realização do trabalho de campo.

Desta forma, como estava procurando compor um universo que contemplasse a diversidade de participantes de grupos de NA para entrevistar, não podia deixar de incluir na amostra uma pessoa do sexo feminino, o que só foi possível graças à colaboração de Jussara. Conheci-a participando de uma reunião em um grupo no bairro

Santana, em Porto Alegre. Naquele dia estava participando pela terceira vez naquele grupo, mas não a tinha visto em nenhuma das outras ocasiões. Como ela posteriormente me relatou, aquele não era o seu “grupo de escolha”²¹, sua participação naquele dia foi eventual. Como foi de costume nas minhas observações de campo, nesta ocasião também cheguei mais cedo no grupo para conversar com os “coordenadores” da reunião, a fim de obter algumas informações. Até cerca de dez minutos antes do começo da reunião fiquei sozinho na sala conversando com o Secretário daquele grupo, um jovem que aparentava não ter mais de 20 anos. Lembro que conversamos principalmente sobre a participação de jovens em Narcóticos Anônimos, e também sobre a dificuldade de integração que ele teve ao tentar participar primeiramente de grupos de Alcoólicos Anônimos – disse que se sentiu discriminado.

A reunião começou e, como de costume, me apresentei ao grupo como um visitante e pesquisador, que estava ali realizando um trabalho de observação sobre os grupos de Narcóticos Anônimos e sobre a “dependência química”, sem especificar em qual área das ciências eu estava inserido. Até o intervalo da reunião apenas escutei os relatos e não cheguei a anotar nada de especial ou diferente daquilo que vinha observando nas outras participações. Durante o intervalo Jussara se aproximou de mim e perguntou sobre a pesquisa; foi quando tivemos o primeiro contato. Por coincidência ela teve uma formação superior em Ciências Sociais, a mesma área na qual esta pesquisa está inserida, o que acabou conduzindo a nossa aproximação e, principalmente, o interesse dela pela pesquisa. Nesse primeiro contato expliquei a ela os objetivos da pesquisa e perguntei-lhe se não estaria interessada em ceder uma entrevista sobre a sua história de vida ou então se não poderia me indicar alguma pessoa que tivesse interesse. Num primeiro momento ela relutou, não respondeu que sim nem que não, e ficamos de nos falar novamente ao final da reunião. Ao final, quando nos falamos novamente, insisti com ela sobre a possibilidade de me conceder uma entrevista e dessa vez ela se sensibilizou, ressaltando que sabia da dificuldade de realizar esse tipo de pesquisa.

Num primeiro momento ela disse que poderíamos realizar a entrevista na sua residência, no pátio do prédio em que mora, mas em seguida recuou alegando que algum vizinho seu poderia ouvir a conversa, situação que ela preferia evitar. Peguei

²¹ Este termo é usado pelos participantes de NA para se referir ao grupo do qual participam de reuniões com mais frequência, ou então àquele grupo no qual prestam serviço voluntário. Na verdade, é bem comum os membros circularem por vários grupos e se referirem a um em especial como o seu “grupo de escolha”, em alguns casos é aquele grupo no qual a pessoa ingressou em NA, em outros é aquele no qual ela se sentiu mais a vontade.

então seu telefone e ficamos de nos falar na próxima semana para combinar um local e um horário que fosse mais conveniente para ela. Após duas tentativas, finalmente conseguimos marcar a entrevista, sendo que o local escolhido por ela foi um café dentro de um *shopping center* localizado no bairro Praia de Belas. Diferentemente das outras entrevistas, que foram realizadas em ambientes abertos, ao ar livre, esta ocorreu em um ambiente fechado, movimentado e com bastante barulho, pois no café que paramos havia uma televisão ligada em algum show musical. Mesmo assim, o estabelecimento no qual paramos estava relativamente vazio e nos acomodamos em uma mesa reservada, sendo que não percebi qualquer tipo de inibição por parte dela em falar de assuntos delicados e mesmo em se emocionar estando em público.

Jussara é uma mulher de aproximadamente 50 anos – ela não revelou sua idade exata – e é natural de Porto Alegre. Cresceu em uma família bem-estruturada, mas simples, como ela mesma relatou. Tem uma irmã três anos e meio mais nova, com a qual não se dá tão bem, e perdeu seu pai no ano de 2004. Sua infância foi vivenciada em um bairro afastado do centro da capital gaúcha, em um local que ela define como sendo um “arrabalde” naquela época, quase uma cidade do interior, o bairro Glória. Esta localidade continha uma natureza abundante e os vizinhos eram amigos e cuidavam uns dos outros. Define sua infância como livre e cheia de amizades, sendo que era uma criança ativa e participativa na escola, organizava festas e peças de teatro, além de passar de ano com tranquilidade. Resumidamente, em suas palavras, “era uma criança normal”.

Sempre foi muito apegada a seu pai, um homem simples e que trabalhava como estofador, mas era dotado de uma sabedoria que ela não sabia dizer de onde poderia ter vindo, já que apenas sabia ler e escrever, não havia estudado muito. Relatou-me que seu pai só sabia dar amor, mesmo quando ela se encontrava na pior fase de “dependência” ele não a julgou e continuou dando carinho e atenção a ela. Se o pai é idolatrado, a opinião de Jussara a respeito de sua mãe toma a direção oposta, pois a define como uma pessoa “egoísta, egocêntrica, exigente e insatisfeita”. Ela me disse que apenas após alguns anos de terapia veio a entender que passou a sua infância toda procurando a aprovação de sua mãe, que normalmente não dava muita atenção a ela e sempre a cobrava muito.

Em relação à sua irmã, Jussara diz que até hoje “não sabe qual é a dela”, mas no fim não a considera uma pessoa de todo boa. Relatou-me um fato do começo da adolescência delas em que sua irmã participou com outros adolescentes do bairro de um

pequeno furto a um supermercado, sem maiores motivos, o que a deixou indignada. Diz que ela não se tornou uma pessoa muito legal, que só pensa nela mesma, deixa a mãe delas largada, só aparece quando tem algum interesse maior, como o recebimento de uma herança, por exemplo. Jussara diz ainda que sabe que ela própria é a doente, e não sua irmã, mas não consegue deixar sua mãe abandonada, mesmo tendo essa opinião bastante negativa sobre ela. Em suas palavras:

Eu sei que a doente sou eu sabe, eu sei que eu cometi os meus erros, mas eu não sou filha da puta. Eu não deixo a minha mãe atirada em qualquer lugar, como ela faz, por mais que a minha mãe seja difícil, por mais que a minha mãe seja egoísta, por mais que a minha mãe seja uma pessoa assim quase ausente de sentimento sabe.

Como ela própria fez questão de ressaltar, não tem uma família muito legal, com exceção de seu pai e de alguns tios maternos e paternos. Disse-me ainda que o fato de sua mãe ter sido muito exigente durante a sua infância pode ter contribuído para torná-la uma pessoa extremamente exigente consigo mesma, um dos fatores que ela considera preponderantes para o seu uso de cocaína, como será demonstrado a seguir.

Antes disso, na adolescência diz que se rebelou como todo adolescente, principalmente contra sua mãe, mas que continuou sendo uma garota livre, alegre e com bastante amigos. Seus pais gostavam de conhecer seus amigos e estes freqüentavam bastante a sua casa. Segundo Jussara, essa foi uma das maneiras que seus pais encontraram de garantir que ela tivesse um desenvolvimento saudável, longe de comportamentos e atitudes consideradas erradas, acompanhando-a de perto e conhecendo suas amizades. Ela começou a fumar com 14 anos de idade, sendo que seu pai sabia e lhe alertou que aquilo poderia fazer mal, além de ter lhe falado que pedisse a ele quando quisesse comprar os cigarros, não na rua.

A respeito de sua educação com relação às drogas, Jussara relatou-me que seu pai bebia esporadicamente e não usava qualquer outra substância, assim como sua mãe, que nem bebia, portanto não houve um aconselhamento específico sobre este tema. Devido à educação e o tipo de infância que teve, ela disse que seus pais jamais imaginavam que ela pudesse usar qualquer tipo de substância, até porque enquanto ela esteve morando com eles, sempre foi vigiada de perto. Ela mesma considera que conselhos a respeito deste tema não são suficientes, que aquilo que funciona é justamente a atenção ao

comportamento do adolescente, pois se ele for usar, sendo vigiado de perto usará menos.

Com 17 anos Jussara entra pra a faculdade de Ciências Sociais na PUC de Porto Alegre, curso financiado com o crédito educativo. Aos 22 anos casa-se com seu primeiro marido e concebe uma menina aos 23 anos. Já no período da faculdade teve contato com pessoas que usavam psicoativos, mas não chegou a experimentar qualquer substância, apenas fazia uso de álcool socialmente. Disse-me que procurava não se envolver muito com as pessoas que faziam uso, mas que também não tinha qualquer tipo de restrição ou preconceito, aceitava as escolhas de cada um. Seu marido, nesta época, tinha uma banda e freqüentava casas noturnas de Porto Alegre, como o Bar Opinião, considerado por ela um “antro” de drogas, mas não fazia uso de qualquer substância, como ela. Depois da faculdade fez uma pós-graduação em História da Arte e, mais tarde, já trabalhando no ramo cultural, recebeu uma bolsa para fazer um curso de Marketing Cultural no Rio de Janeiro.

Desde os 18 anos de idade, Jussara esteve envolvida com atividades de trabalho ligadas à cultura, sendo que sua paixão pelas formas de expressão cultural só é menor que àquela que nutre por seu pai. Seus trabalhos estiveram ligados principalmente à música, mas ela faz questão de ressaltar que também é apaixonada pela literatura, pela pintura, pelas artes plásticas, pelo teatro e pelo cinema. As principais funções que exerceu são ligadas a políticas públicas de fomento à cultura, sendo que esteve presente nas secretarias voltadas para este fim em dois diferentes governos no estado do Rio Grande do Sul.²²

É importante ressaltar que ela esteve presente ativamente na criação de várias atividades, espaços e políticas culturais da cidade de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul. É justamente neste contexto que começou a fazer uso de cocaína, como uma forma de estimulante para render mais no ambiente de trabalho. Experimentou pela primeira vez com seu marido já no final do casamento, com 32 anos de idade, mas me relatou que essa experiência não despertou nada nela, que foi uma experiência negativa. Algum tempo depois, já exercendo um cargo de chefia da área cultural de governo estadual, surge novamente a cocaína, e desta vez, dadas as circunstâncias de exigências e pressões externas, aliadas à sua característica pessoal de perfeccionismo, desenrola-se o uso dessa substância como uma constante.

²² Devido a importância da preservação do anonimato da entrevistada, detalhes sobre suas funções e sobre os governos que participou não são explicitados neste trabalho.

Jussara me relatou que a partir deste evento fez uso continuado de cocaína por três anos, sendo que o último deles foi muito sofrido, já estava em uma situação que chorava em cima da droga, usava pela dependência, sem querer usar. Além disso, diz que seu comportamento egocêntrico, sua busca por aceitação, por ser o centro das atenções, de ser a mais poderosa, de saber tudo, sempre foi sua tônica, muito antes de usar cocaína. Um dos fatores que ela considera fundamental para não ter usado qualquer substância antes dos 32 anos diz respeito à sua vida espiritual, já que sempre acreditou em um tipo de poder espiritual maior que ela, mas não necessariamente uma religião. É justamente quando ela estava quase dizendo “Deus sou eu” que começa a fazer uso de cocaína, pois tinha essa ânsia por ser importante, por ser mais que as outras pessoas. Assim, na sua opinião, já visivelmente entremeadada pelas idéias e discurso de Narcóticos Anônimos, a “dependência química” é muito mais que o uso de qualquer substância, esta uso é apenas a consequência dos comportamentos “obsessivo, compulsivo e egocêntrico”.

Nessa sua fase de uso continuado de cocaína, Jussara casa-se pela segunda vez, com um homem que também fazia uso de cocaína. Ela disse que os dois se gostavam muito e perceberam que se não se internassem poderiam morrer, e foram atrás de alguma clínica que aceitasse os dois juntos. Primeiramente procuraram a Clínica “X”²³ e não foram aceitos, por causa do alto custo da internação e porque seu marido não possuía convênio médico. Após esta recusa se puseram a procurar outro local que aceitasse os dois, até que encontraram um médico na Clínica “Y” que se sensibilizou e viu que se não internasse os dois juntos, ambos correriam sérios riscos. E foi o que aconteceu, conseguiram ficar internados no mesmo quarto, mas não na ala reservada aos dependentes químicos, para não gerar nenhum tipo de confusão.

Após 28 dias Jussara ganha alta do hospital, pois “aceitou” o tratamento, o que não acontece com seu marido, que resistiu à terapia e teve que continuar internado. Seu pai foi buscá-la na clínica e este fato causou o rompimento com seu companheiro, o qual ficou sem ver por um longo período. Foi reencontrá-lo anos depois em uma sala de Narcóticos Anônimos, se recuperando e bem de saúde. Após essa sua primeira internação, ficou 3 meses sem usar nada, mas devido ao fato de se sentir totalmente sozinha na caminhada da “recuperação”, acabou recaindo, mas conseguiu largar sozinha e “encontrou” Narcóticos Anônimos.

²³ Novamente, respeitando o anonimato da entrevistada, omito o nome das clínicas pelas quais passou.

Sua primeira vez em NA foi dez anos antes de realizarmos esta entrevista, sendo que nesse meio tempo ela teve algumas recaídas, mas sempre conseguiu se reerguer sozinha, com exceção de uma única outra internação, há pouco mais de um ano atrás. Outro instrumento terapêutico que Jussara procurou foi a psicoterapia, sendo que na época da entrevista já fazia sessões há dez anos, mais ou menos o mesmo tempo que participa dos NA. No final do ano de 2007, data da realização desta entrevista, Jussara estava para receber sua “ficha” de um ano de participação em NA em total abstinência, período este que foi precedido pela sua segunda internação. Antes de se internar por conta própria, Jussara contou-me que nem faz idéia do tempo que passou usando cocaína sem parar, que já não comia, não dormia, não tomava banho, e novamente percebeu que poderia morrer se continuasse daquele jeito.

Entre essas duas internações e algumas recaídas, Jussara conseguiu ficar pouco mais de quatro anos “limpa” apenas frequentando Narcóticos Anônimos e fazendo psicoterapia. Ela interpreta essa sua última “recaída” como uma consequência de um “acidente feio” que sofreu, como consequência do seu envolvimento em “uma história muito ruim, muito traumatizante” – história esta que ela preferiu não mencionar na entrevista.

Quando conversamos, Jussara estava terminando um curso de decoração de interiores e não pensava em voltar a trabalhar com políticas públicas na área cultural, um ambiente que ela agora considera muito insalubre para trabalhar. Ressaltou inúmeras vezes o seu amor pelas expressões culturais, e disse que apesar de sua doença ter se manifestado nesse meio, a arte não tem nada a ver com o que aconteceu a ela. Sua experiência de “adicação” é por ela interpretada como decorrente de um agrupamento de características pessoais anteriores ao uso de qualquer substância.

1.2.4 Rafael

Rafael, no limite, é também um *tipo-ideal* de participante de Narcóticos Anônimos, um exemplo típico daqueles que desde a primeira participação incorporam a ideologia e o discurso do grupo e conseguem continuar voltando, participando e se mantendo em abstinência por um longo período de tempo. Na época da entrevista, ele estava abstêmio há 14 anos e 10 meses, sem nunca ter tido uma recaída desde o seu

primeiro ingresso. Um fato não incomum, mas que pode ser explicado se atentarmos para o tipo de envolvimento que ele tem com Narcóticos Anônimos.

Ele é um daqueles participantes que estão extremamente envolvidos com o dia-a-dia de Narcóticos Anônimos, sendo que antes de entrevistá-lo já tinha o visto participando de reuniões em três diferentes grupos da cidade de Porto Alegre. Nessas ocasiões, trocamos algumas idéias rápidas, mas não consegui convencê-lo a ceder uma entrevista antes do nosso quarto encontro em reuniões. Ressalto que esses diferentes grupos nos quais o encontrei não se localizam no mesmo bairro da cidade, embora todos estejam situados em locais próximos ao centro.

Quando o encontrei nas primeiras ocasiões não travamos diálogos diretos, mas tive a oportunidade de ouvi-lo contando histórias para pequenos grupos (rodas de pessoas) antes do começo da reunião, sobre suas experiências de longa data com a “adicção”. Em uma dessas ocasiões relatou que ocorriam reuniões de Narcóticos Anônimos inclusive no Alto Xingu, em território indígena, e que sabia deste fato porque já tinha percorrido todo o Brasil, primeiramente atrás de drogas e posteriormente levando a mensagem de Narcóticos Anônimos. Em outra ocasião presenciei alguns comentários seus a respeito das pessoas que são levadas a participar das reuniões de Narcóticos Anônimos pela Justiça, também a um pequeno grupo de pessoas. No decorrer das reuniões que participei juntamente com ele, este fazia questão de compartilhar sua experiência com o grupo, sempre se mostrou inclinado a falar para o grupo.

No nosso quarto encontro em uma reunião de NA, quando ele já sabia dos meus propósitos, finalmente lhe sugeri que me cedesse uma entrevista ou que me indicasse algum conhecido que o fizesse. Nesse momento ele me passou seu telefone e falou que morava perto daquele local que nos encontrávamos, uma escola no bairro Cidade Baixa. Por coincidência, nesta época, tanto eu quanto ele residíamos no mesmo bairro. Fato que não facilitou o nosso encontro, pois tentamos marcar a entrevista mais de três vezes antes de finalmente acontecer, pois ele sempre estava envolvido com alguma atividade relacionada aos Narcóticos Anônimos.

Encontramo-nos em um dia à tarde e fomos para o Parque da Redenção, sentamos em uma das mesas de xadrez do parque e nos colocamos a conversar. Infelizmente a entrevista teve que ser interrompida, já perto do seu final, por causa de uma pancada de chuva. Posteriormente não consegui encontrá-lo novamente para prosseguirmos, pois ele acabou mudando de cidade e estado, foi morar em Santa Catarina, segundo me

informaram seus companheiros de grupo. Rafael tem uma característica pessoal de falar bastante e com muita rapidez, o que acabou sendo positivo na medida em que mesmo com um período de entrevista mais curto que dos outros entrevistados, consegui captar uma quantidade aceitável de informações a respeito de sua trajetória.

Rafael é natural de Porto Alegre, tendo nascido no ano de 1956; é o segundo filho mais velho de uma família com quatro irmãos. Sua irmã mais velha tinha problemas mentais, e seus dois irmãos mais novos eram gêmeos, um casal. Na época da entrevista apenas a sua irmã mais nova ainda estava viva, seus pais e os outros irmãos já haviam falecido. Seu pai foi funcionário do Ministério do Exército e sua mãe era dona de casa. Ele nasceu com problemas respiratórios e desde pequeno apresentou sinais de agitação extrema, sendo diagnosticado como hiperativo na infância. Essa agitação, ao que me pareceu, continua sendo uma característica pessoal bem marcante de Rafael, ainda que eu não o tenha conhecido quando pequeno. É uma característica evidente de sua personalidade, uma pessoa ativa, agitada, que fala bastante.

Cresceu no bairro IAPI, identificado como bairro de operários, e que segundo ele era palco de certo tipo de bandidos já durante sua infância. Relatou-me que cresceu “no meio da bandidagem” e que seu pai tinha certeza que ele também viraria um bandido. Mas essa bandidagem, segundo ele, não é a mesma que se vê hoje, com bandidos munidos de arsenais de guerra, controlando tráfico de drogas e fazendo frente à polícia; era composta por pessoas que se garantiam apenas “no braço”, sem armas, e que a maior curtição deles era roubar carros para fazer a polícia persegui-los, além do uso de “drogas”.

Segundo seu próprio relato, Rafael começou a se envolver com esta turma do bairro bastante cedo, sendo que com nove anos “já conhecia tudo de droga, de roubo, furto”; só não tinha usado nada ainda, foi usar maconha pela primeira vez com 11 anos de idade. Sua aproximação com estas pessoas se deu com o intuito de integração e também para “acelerar o processo de crescimento”, pois já muito jovem começou a se envolver com atividades ligadas ao comércio de substâncias psicoativas ilegais. Disse-me que com 11 anos não traficava, mas ajudava os traficantes a ficar de olho na mercadoria, transportava de um esconderijo para outro, se fazia valer do seu semblante de criança para não ser notado pelos policiais, e por esses serviços conseguiu reconhecimento junto aos mais velhos.

Com a idade de 12 anos, na sua avaliação, já era “respondão”, estava envolvido com as atividades citadas acima, fumava maconha e “não parava quieto”, tanto que por

esses motivos seu pai o colocou em um colégio interno regido por padres, no qual permaneceu até os 17 anos. Lá, apesar de não ter tido contato com substâncias ilegais, fazia uso de álcool, pois ele e seus amigos roubavam o vinho dos padres. Apesar de ter freqüentado esse colégio de educação rígida, Rafael me disse que saiu de lá “que era só sacanagem... um diabinho”. Saiu e foi direto se apresentar para o exército, juntamente com os outros 200 garotos do seu bairro. No dia da sua apresentação chegou uma hora em que o capitão, diante de todos os jovens presentes, perguntou quem “usava drogas”. Rafael disse que todos se olharam, meio desconfiados, mas nada fizeram, até que somente ele levantou a mão. O capitão chamou-o para um canto e todos ficaram na expectativa esperando o que aconteceria. Ele foi liberado do exército por insuficiência física, mas podendo exercer atividades civis.

Após este fato ele me relatou que “fez umas arruaças” em Porto Alegre, a ponto de ser convidado pelo delegado a se mudar e, para não causar desgosto aos seus pais, foi o que ele fez – saiu a viajar pelo Brasil atrás de “drogas boas”, pois não queria saber de “misturas, de química, só queria saber da droga boa”. Ele diz que conheceu 90% do território brasileiro, sempre atrás de “drogas boas”, tendo inclusive morado por 5 anos no Acre e trabalhado, nesta época, em um laboratório de refino de cocaína. De acordo com seu relato, a Amazônia é um grande laboratório, principalmente pela dificuldade de acesso das autoridades às regiões mais centrais da floresta e pela abundância de água, não apenas no Brasil, mas também nos outros países no qual ela está assentada. Nas suas palavras: “lá dentro no meio da floresta ninguém vai. Nas beiradas é uma coisa, mas vai lá pra dentro. Lá pra dentro lá é bando de gente cara, é bando, eu to falando de bando. Na minha época nós vivia em 70”.

Segundo Rafael, seu envolvimento com a produção de cocaína se resumia ao trabalho de laboratório, não tendo ele participado de atividades de tráfico propriamente ditas. Ficava se mudando de um lugar para outro, sempre atrás de amostras puras para consumo e de oportunidades de “trabalho” em laboratórios. Seu primeiro contato com a cocaína foi no final dos anos 70, sendo que nessa época já tinha feito uso de LSD e outras substâncias que vinham do exterior. Relatou-me que conheceu a cocaína antes que esta “caísse no mercado, como está hoje, [quando] era exclusiva de gente rica”, e que mantinha contato com pessoas da “[high] society” justamente porque ele tinha coragem de fazer coisas que eles se negavam. Disse que cansou de viajar com cartão de crédito ou carro de outras pessoas, com senha de banco, com cheque assinado, sempre na busca por “drogas boas”. De certa forma, ele dá a entender que se não era um

traficante, daqueles que controlam ou praticam o comércio, era uma espécie de “facilitador”, que fazia a ponte entre os que vendem e os que usam, principalmente para usuários endinheirados que não podiam ou não queriam se expor. Nas suas próprias palavras: “Dinheiro não era o problema, tendo dinheiro mexia tudo”.

Em uma auto-reflexão sobre o que ele considera as principais características dos “adictos” – mentiroso, ladrão e manipulador –, Rafael diz que apenas hoje consegue ver que a afloração dessas características em si próprio é resultante da sua doença, que antes achava que era “pilantragem, safadeza”, e conclui que se voltou para práticas condenáveis socialmente pelo seguinte motivo: “A minha deficiência, que eu não tinha pai rico, não tinha herança, não tinha nada, me despertou pra outro lado. Então eu sentava e planejava e fazia. E aí que desponta os defeitos de caráter”. Na mesma passagem ele aponta para outra característica muito ressaltada dos “adictos”, a inteligência, pois se considera uma pessoa inteligente e que apenas usou seus atributos para coisas erradas.

Na entrevista ele não entrou em muitos detalhes sobre as atividades que praticou durante o período em que fez uso de cocaína e viajou pelo Brasil, mas claramente deu a entender que muitas delas eram ilegais. A sua entrada nos Narcóticos Anônimos se deu em 1993, sendo que desde sua primeira participação não fez uso de nenhuma substância que não fosse “cigarro, cafezinho e chimarrão”. Ou seja, se conheceu a cocaína no final dos anos 70, calculo que esteve envolvido com o uso de cocaína e atividades ilegais por no mínimo 15 anos. No ano de 1992 foi que segundo Rafael ele “se afundou” de vez, divorciou-se da sua mulher e perdeu tudo que tinha naquele momento, “tudo que tu possa imaginar, mental, espiritual, me prostitui, me corrompi, fiz tudo. O que eu não tinha feito, a doença do ‘ainda’, ‘ainda não aconteceu comigo’, eu fiz tudo. Liquidou”.

Foi quando ele resolveu voltar para o Sul à procura de sua família, que já não via há mais ou menos 13 anos, apenas mantinha contato telefônico eventual. Estava no Acre, desceu até Brasília, onde ficou por volta de dois meses com amigos, e posteriormente veio até Porto Alegre. Quando ele saiu do Rio Grande do Sul, saiu casado, com um emprego em uma empresa multinacional, e voltou sem nada, “parecendo um morto-vivo”. Seus pais, na época em que voltou, estavam morando em Alegrete, lugar que ele relatou – sem detalhes – ter morado antes ainda de se jogar na viagem pelo Brasil. Quando estava em Porto Alegre, Rafael contactou um de seus irmãos que estava a trabalho na serra e este lhe pediu que esperasse por dois dias para que eles fossem juntos a Alegrete, fato que gerou desconfiança em Rafael, pois imaginava que

alguma coisa grave tinha acontecido. Chegando lá, ficou sabendo que sua irmã mais velha, que tinha sido uma “criança especial”, estava com câncer. Passados 45 dias ela faleceu, e Rafael, que estava sem usar qualquer substância há quatro meses – na sua viagem de volta ao sul procurou ficar abstinente “na marra” – saiu do enterro de sua irmã para usar cocaína. Neste dia, Rafael ouviu o seguinte de seu pai: “Eu vou comprar um caixão pra ti. Enterrei a tua irmã e o próximo é tu”. O estado físico deplorável com o qual Rafael reapareceu para sua família foi um indicativo de que ele não estava nada bem, a ponto de levar seu pai a pensar que ele estava perto da morte.

Após ter “enterrado a irmã e saído para usar”, Rafael acabou encontrando um antigo companheiro, que usava cocaína e “aprontava” junto com ele em Alegrete. Esse encontro foi chave para o posterior desenrolar da vida de Rafael, pois foi quando ele tomou conhecimento dos Narcóticos Anônimos. Nas palavras de Rafael: “ele tava bonito, barbeado, cabelo cortado, era louco, insano que nem eu. Calça de friso, nunca mais me esqueço, que eu olhei pra calça dele. Eu disse ‘cara, o que é que tu tá fazendo? Como é que tu conseguiu?’”. Foi quando seu amigo, depois de ter-lhe dito que estava horrível, convidou Rafael para ir a sua casa tomar um chimarrão. E nesta ocasião ele passou a mensagem de Narcóticos Anônimos para Rafael, que procurou seguir as principais recomendações iniciais do grupo, entre elas participar de 90 reuniões nos primeiros 90 dias, e conseguiu manter-se em abstinência desde então.

Rafael acredita que a dependência de álcool é um assunto que deve ser tratado separadamente, portanto ele participa dos dois grupos, Alcoólicos e Narcóticos Anônimos. Pouco tempo antes de seu pai morrer – este tinha um relacionamento forte com o álcool desde que Rafael era criança –, ele lhe revelou que era um membro dos Alcoólicos Anônimos há mais de 30 anos. Neste dia Rafael também quebrou seu anonimato com o pai e revelou que participava do grupo “dos bêbados e drogados”. Ressaltou-me que não pode contar tudo que fez porque seu pai já tinha certa idade, então teve que omitir algumas passagens relacionadas a “falcatruas e tiros”.

Desde sua entrada em Narcóticos Anônimos, Rafael procurou se integrar de maneira profunda, pois acredita que esteve procurando por este lugar durante muito tempo, sem saber, como diz na seguinte passagem: “Eu digo sempre que Narcóticos Anônimos não tem o monopólio né, mas onde eu consegui foi ali. Eu andei por tudo, centro de umbanda, candomblé, andei por tudo, fiz tabelinha, parei 2 anos de usar por conta aí depois voltei, voltei pior, é aquelas coisa”. Ou seja, ele já havia tentado por diversas vezes abandonar o uso de cocaína, mas ainda não tinha conseguido assimilar o

problema de maneira suficientemente clara a ponto de fazê-lo mudar de vida, como aconteceu nos Narcóticos Anônimos.

Além de participar de reuniões em grupo diversos, inclusive várias vezes em uma mesma semana, ele participa como servidor em um grupo e faz o que se chama de “levar a mensagem”. Este termo se refere àquilo que aconteceu com ele próprio, quando o seu amigo da época de loucuras estava mudado e lhe apresentou o caminho de NA. Rafael “leva a mensagem” em instituições de recuperação de dependentes químicos em Porto Alegre, como o Cdquim e a Pinel²⁴, já levou em prisões em Brasília e Goiás, e também faz apresentação de painéis no Fórum de Porto Alegre. Estas apresentações no Fórum são feitas quando há audiências em que os réus tenham cometido algum delito leve relacionado ao uso de psicoativos ilegais, como porte de alguma substância ou flagrante de uso. O ato de “levar a mensagem” nessas ocasiões se resume, segundo Rafael, em apresentar “o melhor de Narcóticos Anônimos” juntamente com a sua experiência, falar que “existe um lugar onde as pessoas se recuperam”. É um depoimento sobre como é possível deixar de ser um consumidor de psicoativos ilegais participando dos Narcóticos Anônimos.

De todos os entrevistados, Rafael foi aquele que levou o uso de alguma substância psicoativa às conseqüências mais devastadoras e, ao mesmo tempo aquele que participa mais ativamente dos Narcóticos Anônimos. Demonstrando muitas vezes um sentimento de culpa por ter se envolvido na produção e distribuição da substância que o consumiu, e que continua consumindo muitas outras pessoas, Rafael se apegou de maneira praticamente integral aos Narcóticos Anônimos, da mesma forma com que tinha se dedicado integralmente à “adição”.

Infelizmente, a falta de outra oportunidade para entrevistá-lo deixou algumas lacunas no que diz respeito a alguns aspectos de sua vida, mas a tarefa principal deste item do trabalho foi cumprida, que foi apresentar diferentes histórias de vida de participantes de Narcóticos Anônimos. O principal objetivo desta empreitada foi demonstrar que os membros desse grupo, apesar de compartilharem uma experiência negativa e marcante em suas vidas, uma doença dita incurável, desenvolveram-na, interpretaram-na e lidaram com ela de maneiras bastante particulares, diferentemente do que se poderia pensar ao abordar os membros de forma homogênea. Mesmo em um

²⁴ Para detalhes sobre o funcionamento destas e outras instituições de tratamento da “dependência química” em Porto Alegre, consultar a tese de doutorado de Ribeiro (1999).

ambiente no qual a identificação entre os participantes torna-os iguais de antemão ou por princípio, há a possibilidade de interpretação e negociação da realidade em questão.

2 - AS PRÁTICAS DE USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA “DEPENDÊNCIA QUÍMICA” ENQUANTO DOENÇA

Antes de falar sobre os grupos de ajuda mútua – que atuam nas sociedades urbano-contemporâneas sem muito alarde – enquanto um tipo de terapia para alguns tipos de problemas individuais – dentre eles, a “dependência química” –, acredito ser útil fazer alguns comentários sobre o assunto “uso de substâncias psicoativas”, já que esta prática está intrinsecamente relacionada com o *problema-foco* dos grupos de Narcóticos Anônimos. Sendo este um trabalho apoiado no referencial teórico-metodológico da antropologia, penso que será importante para a argumentação posterior deste texto revisar de que maneira as Ciências Sociais vêm abordando os temas “uso de psicoativos” e “dependência química” ao longo do seu desenvolvimento.

É importante destacar que as primeiras ciências a abordarem este tipo de prática foram as da área biomédica, a partir do momento histórico em que determinados comportamentos associados a elas passaram a ser considerados *anormais, desviantes, doentios*. Em outras palavras, estas práticas tornaram-se sinônimo de *patologia*. Desta maneira, além de destacar como a abordagem antropológica pode e deve contribuir para o entendimento das práticas de consumo de substâncias psicoativas, será feito no decorrer deste capítulo um breve apanhado histórico e conceitual a respeito de como as ciências biomédicas vêm abordando os problemas relacionados a estas práticas.

Se atualmente vivemos em uma época em que diversos governos e grande parte de suas populações se encontram em estado de “guerra contra as drogas”, pode-se dizer que esta não foi sempre a situação corrente. Diversos trabalhos de cunho histórico e antropológico, principalmente, apontam para o uso de substâncias psicoativas como uma prática humana bastante difundida entre povos diversos em épocas²⁵ diversas, nos mais variados contextos de utilização.

Foi principalmente a partir do surgimento dos grandes aglomerados urbanos e do desenvolvimento do capitalismo industrial no final do século XVIII que a “dependência

²⁵ Para referências a este assunto, ver, principalmente, Carneiro (2005), Escotado (1994), Labate (2008), MacRae (2001).

de substâncias psicoativas” passou a ser recorrente, tornando-se um problema social. Os movimentos de temperança surgidos na Europa e nos Estados Unidos no século XIX contribuíram significativamente para que *quaisquer* práticas de uso de psicoativos passassem a ser vistas com maus olhos²⁶. Esta mudança de perspectiva coincidiu com a época em que a medicina se firmava enquanto disciplina científica, e foi justamente a ela que se atribuiu o controle sobre os corpos humanos, a partir de então entendidos como organismos que deviam funcionar dentro de um determinado padrão de normalidade. Mas foi investindo na idéia de *vício* que tanto os movimentos de temperança quanto a medicina conseguiram transformar uma prática humana em assunto de intervenção.

Como diz Carneiro, a idéia de dependência surgiu concomitantemente a algumas outras “categorias de acusação” – tomando emprestado o conceito cunhado por Velho (1981) –,

como o “homossexual”, o “alienado”, o “erotômano” ou “ninfomaníaca”, o “onanista”. Antes desse momento impreciso, que toma seus contornos no início do século XIX, beber demasiado não era uma doença. No máximo, uma prova de mau caráter ou de falta de controle. A embriaguez não supria a vontade, aliás, não se distinguia entre desejo e vontade de beber, não havia um vocabulário que expressasse a existência de uma compulsão, de uma escravidão à bebida ou alguma outra droga. (Carneiro, 2002, p.02)

O mesmo autor aponta para as transformações que a idéia de dependência sofreu nos últimos dois séculos antes de assumir sua presente forma, e ressalta para a influência política de suas definições, tendo em outras épocas sido identificada oficialmente por “adição, hábito, transtornos da vontade, insanidade moral”. (Carneiro, 2002, p.2) Fiore (2004) ressalta que a legitimidade da biomedicina²⁷ enquanto saber social se deu concomitantemente ao surgimento de uma “questão das drogas” como problema social – na passagem do século XIX para o XX –, e é justamente a associação do uso de “drogas” com a idéia de doença ou patologia que legitima este campo científico a ter prioridade no trato do assunto. O importante a ser ressaltado no momento é que desde uma conjunção de forças sociais, culturais e políticas de um período específico – fim do século XIX, começo do XX – a noção de vício em substâncias

²⁶ Para referências a este assunto ver, principalmente, Tadvald (2006), Mota (2004) e Carneiro (2002).

²⁷ Termo sugerido por Langdon (2003) para se referir à *medicina científica* ou *medicina ocidental*.

enquanto uma doença passa a ser difundida baseada principalmente nas definições biomédicas.

A partir deste momento histórico em que o uso de algumas substâncias passou a ser visto como perigoso, muitas delas foram proibidas. Aqueles que continuavam a fazer uso passaram a receber rótulos e punições. O ato de consumir algumas substâncias psicoativas se tornou um crime, em primeiro lugar, e uma doença, posteriormente. É como o usuário dependente de substâncias psicoativas ilícitas pode ser classificado atualmente, como um transgressor da lei e como um doente.

Mas deve-se ressaltar que nem toda pessoa que faz uso de alguma substância psicoativa torna-se dependente – as estatísticas comprovam tal fato. O II Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, publicado no ano de 2005, apresenta os seguintes números: as substâncias com maior incidência de *uso na vida* são o álcool, 74,6%; o tabaco, 44%; e a maconha, 8,8%; as maiores porcentagens de dependência são das mesmas substâncias, na seguinte proporção, respectivamente, 12,3%; 10,1%; 1,2% (Carlini, 2006). Use os números apenas para comprovar que não são todos os usuários que desenvolvem a dependência, apenas uma parcela deles.

De qualquer maneira, pode-se dizer que atualmente existe uma única atitude aceitável frente à questão do uso de psicoativos, principalmente daqueles ilegais que comumente designamos sob a insígnia de “drogas”, que é *não use*. Em um texto extremamente instigante, Stengers (1997) fala sobre o “consenso moral” que domina esta questão, consenso este que a torna de um tipo que alguém só pode se posicionar *contra* ou *a favor*. Mesmo uma atitude indiferente ou por demais preocupada para com o assunto, sem necessariamente expressar uma posição, pode automaticamente posicionar uma pessoa em um dos dois lados do debate. Em outras palavras, usando um exemplo simplista, um trabalho antropológico que aponte para a relativização do uso de psicoativos ilegais pode ser considerado como apologia ao uso. Ela define assim a idéia de *consenso moral*:

Um consenso moral é sempre expresso em termos de frases-slogan genéricas, que designam aquele que não está de acordo como um inimigo público ou, e principalmente se diz respeito a um especialista dissidente, como irresponsável, e que borra a distinção entre controle comunitário e escolhas individuais. Definem a ‘evidência’ que deve ser compartilhada por todos e não uma escolha, aberta à controvérsia e discussão, formulada de tal forma que todos aqueles envolvidos por esta escolha são vistos como sendo partidários legítimos do problema e

capazes de estar interessados no processo de solução. (Stengers, 1997, p.224 – tradução minha)

Em seu texto, a autora compara a situação da *questão das drogas* na atualidade com aquela que ocorreu com o evento AIDS alguns anos atrás. No segundo dos casos não foi o imperativo do consenso moral que definiu o tipo de abordagem a ser executado, e sim um conjunto de medidas que foi proposto a partir do debate público entre diversos profissionais cuja abrangência de sua área tocava a questão, juntamente com os próprios indivíduos portadores da doença. Nas suas palavras:

Em relação à AIDS, os médicos foram reunidos, mas também historiadores, sociólogos, epidemiologistas, e psicólogos – em suma, todos aqueles que representam o corpo social tal qual ele é afetado pelo problema e como ele poderia ser afetado pelas soluções que seriam propostas. No caso das drogas, a opinião reconhecida pela lei é puramente médica. (Stengers, 1997, p.220 – tradução minha)

Stengers reconhece que ao se definir o problema a partir da perspectiva médica houve progressos na desestigmatização dos dependentes, já que agora eles não seriam mais *criminosos* ou *imorais*, mas casos clínicos. Mas ao mesmo tempo ela sugere que esse mesmo tipo de abordagem acaba abarcando qualquer tipo de uso de psicoativos ilícitos, indicando que quando acontece é porque o usuário está *perdido*, *buscando ajuda*. Em outras palavras, a medicina considera que o fato de alguém utilizar uma substância proibida, principalmente em se tratando de uma que é também definida pelo “consenso moral” como devendo ser evitada, é um indicativo de que algo não vai bem. Segundo a autora, cria-se desta forma um perigoso entrecruzamento entre as esferas jurídica e médica:

Estes são os milagres do consenso moral. A premissa ‘não use drogas’ leva primeiramente a uma psicologização da lei e, em seguida, a uma ‘juridização’ do problema psicológico. Todos os gatos se tornaram pardos e ninguém mais sabe exatamente sobre o que se está falando – o problema colocado pela adicção a drogas, a pertinência de uma lei, a relação quase democrática entre o indivíduo e a lei quando esta é colocada em termos psicanalíticos, ou os fundamentos de uma sociedade democrática. O uso de drogas, infração à lei, já ‘significa’ adicção à drogas, uma mensagem desesperada para uma lei ausente. A categorização entre legal e ilegal se tornou a manifestação da ‘arbitrariedade do significador’, que é indiferente á realidade já que é isso que estrutura a realidade. E a lei finalmente se tornou um projeto

que requer não respeito, mas aderência. ‘Você deve ser livre’, diz o juiz. Uma injunção paradoxal à subjugação da autonomia. (Stengers, 1997, p.230-31 – tradução minha)

Confunde-se, assim, o uso com a dependência, quando na verdade, há uma grande diferença entre estas duas situações. Na articulação entre as esferas médica e jurídica se constrói o “consenso moral” que define *qualquer* uso de substâncias psicoativas ilícitas como problemático. Não pretendo com este argumento advogar para que as pessoas possam infringir a lei sem serem incomodadas, mas ressaltar a grande diferença que existe entre *práticas de uso* de substâncias psicoativas e “*dependência química*”. Pensemos no uso de álcool ou tabaco, substâncias lícitas que ao mesmo tempo possuem os maiores índices de dependência, como citado acima. Um uso eventual de qualquer uma das duas substâncias não é considerado problemático, diferentemente do uso eventual de substâncias ilícitas, considerado no mínimo uma infração à lei. Enquanto o uso de psicoativos lícitos se torna um problema digno de intervenção somente a partir do momento em que passa a prejudicar a saúde ou a vida social do indivíduo, o uso de substâncias ilícitas por si só já é considerado um grande problema, interpretado pela medicina e pelo direito como um sinal de que o indivíduo está *chamando por ajuda*, nas palavras de Stengers (1997).

Sobre a diferença entre *práticas de uso* e “*dependência química*”, cito novamente o texto de Fiore (2004). Este autor afirma que a Organização Mundial de Saúde (OMS) identifica atualmente dois tipos de problemas médicos referentes ao uso de substâncias psicoativas: o *uso nocivo* e a *dependência*. O primeiro deles pressupõe apenas um dano real, seja físico ou mental à saúde do indivíduo consumidor, e também o fato de que padrões de uso nocivo são criticados por outras pessoas e produzem conseqüências sociais diversas; já o segundo se apresenta como compulsão, dificuldade de controle de consumo, síndrome de abstinência, tolerância ao consumo, persistência no uso mesmo após danos reais, e a troca de atividades rotineiras e prazerosas pela incessante busca e consumo da substância de preferência.

Olivenstein (2003, p.38), um médico pesquisador da “dependência química”, procura resumi-la na seguinte equação, na articulação destes fatores: “o encontro de um produto, de uma personalidade e de um momento sócio-cultural”, e no mesmo texto afirma que

A verdade de direito é que atualmente não existe teoria cientificamente válida sobre a dependência e muito menos sobre sua terapia. Nós, terapeutas, podemos propor esta ‘qualquer coisa’ que tenha valor ‘de instrumentação’. Somos um instrumento que, como as seringas de plástico, deve ser jogado fora depois do uso. (Olivenstein, 2003, p.45)

A partir destas definições pode-se claramente identificar a diferença entre as *práticas de uso* e a “*dependência química*”, que se localiza basicamente na *motivação do uso*. Mesmo em se tratando de substâncias ilícitas, é possível consumi-las não estando em estado de “dependência química”, inclusive estas práticas podem ser o centro integrador de um conjunto de relações sociais, como demonstram os já citados estudos pioneiros de Becker (1974), Velho (1988) e MacRae & Simões (2000), entre outros. A principal diferença apontada pelos estudiosos da “dependência química” reside exatamente na capacidade de escolha que o indivíduo tem no ato de uso. Em outras palavras, há a *escolha* de usar e a *inevitabilidade* do uso. Obviamente que no uso não dependente podem existir inúmeros fatores que *direcionam* a escolha do indivíduo, que o empurram para o consumo, como a pressão grupal, mas em última instância ele tem a possibilidade de escolher. No estado de “dependência química” o uso é motivado essencialmente pela falta de escolha, pela *necessidade*, a despeito de qualquer dano que o uso esteja causando, e esta necessidade se apresenta principalmente em nível orgânico, biológico, materializada na *síndrome de abstinência* e na *fissura* (Keane, 2005).

Apesar da construção de todo este aparato de controle ao longo do século XX com o intuito de inibir o consumo de substâncias psicoativas, principalmente daquelas consideradas ilegais, as taxas de consumo não tenderam a diminuir, como aponta Vargas (2006), e qualquer uso destas substâncias é explicado, atualmente, como compensação a uma falta, como uma atitude *negativa* no sentido de que é *resposta* a alguma situação, borrando a fronteira entre *uso* e “*dependência química*”. Este autor sugere que façamos uma mudança no tipo de questionamento que se coloca aos usuários destas substâncias, o que vem de encontro com a proposta antropológica de abordar os sujeitos de pesquisa a partir de seu próprio ponto de vista: ao invés de perguntarmos “por que as pessoas usam drogas?” ou “qual o significado do uso de drogas?”, devemos mudar os questionamentos para “o que ocorre em práticas como essa?”, ou “que experiência usuários e substâncias realizam?”.

Vargas diz que ao mudar o tipo de questionamento mudam também as respostas, que apontam para a existência de um *evento* no ato de usar algum psicoativo, que é chamado de “onda”. Este *evento*

não resulta de fantasias subjetivas dos usuários, nem de determinações objetivas da substância, mas exige modalidades de (in)ação como aquelas presentes no paradoxo da paixão e nos jogos profundos. Sustenta-se que o evento ‘onda’ envolve modos singulares de engajamento no mundo, nos quais as substâncias são mediadores indispensáveis (Vargas, 2006, p.581)

Ou seja, o uso de substâncias psicoativas, ao menos enquanto não for praticado em estado de dependência, deve ser visto como uma prática *positiva*, uma agência, no sentido de que não necessariamente está suprimindo alguma falta. A positividade da prática, segundo Vargas, reside na busca pela *alter-ação*, um modo específico de engajamento frente ao mundo que tem como mediador indispensável alguma substância psicoativa. Nestes casos, diz o autor, não é questão de saber *quem comanda* a “onda”, mas sim se ela ocorre ou não. Pensando a partir desta perspectiva, se é possível existir um *agenciamento* mediado pelo consumo de psicoativos, o estado de “dependência química” é exatamente o contrário, a falta de *agenciamento*, a determinação unilateral da ação a partir de uma necessidade físico-psicológica.

Apesar de existirem controvérsias a respeito de sua definição, sua localização precisa e a melhor maneira de tratamento, há o consenso a respeito de que a “dependência química” – no caso das substâncias ilícitas, qualquer uso entra nessa categorização – é um estado *ruim, anormal*, que necessita ser revertido. Em se tratando de práticas que promovem alterações no organismo humano e podem se tornar danosas ao próprio indivíduo – enquanto ser biológico, psicológico e social –, não há como fugir da dicotomia entre saúde/doença, mesmo que se abandone a idéia, por falta de provas científicas, de que a “dependência química” é de fato uma *doença*.

Reinarman (2005) demonstra da mesma forma a construção social da idéia de *addiction-as-disease*²⁸ – outro conceito bastante difundido que identifica, entre outras situações, o uso problemático de psicoativos –, a influência de determinadas instituições sociais em sua divulgação e a elasticidade que o conceito adquiriu com o passar das décadas. Ele aponta que uma das instituições que ajudou na divulgação da idéia de

²⁸ Traduzido livremente por *vício-enquanto-doença*.

addiction-as-disease foi justamente os grupos de ajuda mútua, primeiramente na forma dos Alcoólicos Anônimos e depois através de outros similares, como os próprios Narcóticos Anônimos. O conceito em língua inglesa *addiction* é equivalente ao *vício* da língua portuguesa e segundo o mesmo autor, após a idéia de *addiction-as-disease* ter sido cunhada relacionando-se ao uso danoso ou imoderado de substâncias psicoativas, atualmente encontra-se tão alargada que abarca outros comportamentos compulsivos relativos à comida, sexo, jogos, uso de cartões de crédito, relacionamentos autodestrutivos e, mais recentemente, ao uso de Internet.

Nestas diversas definições outra coisa é certa: a substância que um indivíduo consome e posteriormente o leva a se tornar dependente é essencial no entendimento do quadro clínico da “dependência química”, já que cada uma delas age de maneira específica no organismo. As propostas terapêuticas alicerçadas na biomedicina ou na psicologia levam em consideração este fator no momento de delinear a melhor proposta de intervenção terapêutica. Já os grupos de Narcóticos Anônimos acompanham o senso comum e colocam todas as substâncias em uma mesma categoria: quem foi dependente de uma substância qualquer não deve usar nenhuma, pois todas agem de uma mesma maneira, alterando o comportamento ou a percepção, causando *alteração*, usando o termo de Vargas.

Segundo Izecksohn (2003), as propostas terapêuticas para a dependência de substâncias psicoativas são diversas, podendo abranger desde a intervenção farmacológica, internação do dependente em clínicas de desintoxicação – sendo que algumas destas utilizam também o tratamento farmacológico –, psicanálise, psicoterapia, conversão religiosa ou grupos de ajuda mútua. A mesma autora afirma que é comum os dependentes e seus familiares criarem expectativas de uma *desintoxicação* oposta ao estado *intoxicado* no qual os primeiros se encontram, e assim

A eficácia das práticas terapêuticas dependerá de sua possibilidade de funcionamento enquanto sistema simbólico, contanto que forneça uma versão derivada de uma visão de mundo própria, capaz de ordenar uma experiência antes confusa e sem nome e reintegrá-la num sistema conhecido de crenças e valores. (Izecksohn, 2003, p.126)

Desta maneira, apesar de diversas as terapias para dependentes químicos apontam todas para a abstinência do uso de substâncias como o fim a ser atingido, obviamente levando em consideração que eliminando o contato entre o organismo e a substância

utilizada não há possibilidade de a doença manifestar-se – ou voltar a manifestar-se. Como foi sugerido na citação acima, cada terapia *nomeia* a doença e a experiência do doente da maneira que melhor lhe convém, com fins práticos e terapêuticos. Outra autora que aponta neste mesmo sentido é Keane (2005), quando ela diz o seguinte:

Na retórica densa e na paisagem moral do ‘problema das drogas’, o adicto aparece como uma figura instável ainda que sempre transgressiva, tanto a vítima das drogas que requer ajuda e tratamento, quanto o perpetuador criminal de danos relacionados às drogas que deve ser punido. Mas enquanto vítimas e agressores, os adictos são situados como sujeitos através dos quais a verdade é conhecida, e que não podem falar a sua própria verdade. O que também é claro é que o corpo e a mente do adicto devem ser normalizados com o objetivo de normalizar o corpo social. (Keane, 2005, p.91 – tradução minha)

De acordo com a mesma autora, uma das maneiras que as ciências biomédicas encontraram de intervir sobre os corpos “dependentes” ou “adictos” foi justamente defini-los a partir de uma noção de *diferença*. Os indivíduos “dependentes” são considerados *diferentes* moral e fisiologicamente em relação aos *normais*.

O ‘adicto’ é entendido em termos de uma diferença moral e fisiológica do sujeito normal, e esta diferença é posicionada como um desvio de uma norma não-marcada e não-problemática. Alteridade é equacionada com deficiência (...) Mais especificamente, entretanto, a diferença da ‘adicção’ é constituída como o resultado de um processo de poluição e corrupção, no qual substâncias ‘de fora’ quebram o balanço e auto-suficiência originais do corpo. Este entendimento do corpo do adicto é examinado em relação à ‘síndrome de abstinência’ [withdrawal] e à ‘fissura’ [craving], dois sintomas amplamente discutidos e pesquisados da dependência de substâncias. (Keane, 2005, p.92 – tradução minha)

Como veremos posteriormente, é também baseado em uma noção de *diferença* que os Narcóticos Anônimos constroem a sua definição própria deste estado, denominando-o para fins próprios de “adicação”. Nestes grupos a “adicação” é considerada uma doença incurável, podendo-se apenas controlar seus sintomas através da abstinência total de qualquer substância psicoativa. Em suas próprias palavras: “nossa identificação como adictos inclui toda e qualquer substância que modifique o humor ou altera a mente” (Narcóticos Anônimos, 1993, p.XIII). Os participantes de Narcóticos Anônimos devem evitar, então, aquelas substâncias que na definição de Vargas (2006) causem o evento “onda”, pois a sua constituição *mental, fisiológica e*

espiritual não comporta esta prática sem ter como consequência atingir o estado de “dependência química”. Como expressa a seguinte passagem do Texto Básico:

Embora a tolerância física e mental influa, muitas drogas não necessitam de um longo período para desencadear reações alérgicas. O faz de nós adictos é a nossa reação às drogas, e não a quantidade que usamos. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.06)

Ou então esta outra:

A princípio, nós usávamos de uma maneira que parecia social ou, pelo menos, controlável. Havia poucos indícios do desastre que o futuro reservava. Em algum momento, nosso uso se tornou incontrolável e anti-social. Isto começou, quando as coisas corriam bem e nos encontrávamos em situações que nos permitiam usar com frequência. Geralmente, era o fim dos bons tempos. Talvez tenhamos tentado moderar, substituir ou, até mesmo, parar de usar, mas passamos de uma fase de sucesso e bem-estar com drogas para uma completa falência espiritual, mental e emocional. Este ritmo de decadência varia de adicto para adicto. Seja no espaço de anos ou de dias, o caminho é sempre na descendente. Aqueles de nós que não morrem da doença vão para a prisão, instituições psiquiátricas, ou para a completa desmoralização, à medida que a doença progride. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.07)

Resumindo as idéias apresentadas no decorrer deste capítulo até o momento, vimos que o consumo de psicoativos ilegais é, de antemão, considerado uma prática *anormal*, para não dizer *doentia*. Vimos também que há uma grande diferença entre “uso de psicoativos” e “dependência química”, sendo exatamente a última categoria referente a realidade da doença para a biomedicina; esta não trata de *usuários de drogas*, trata de *dependentes químicos*.

De qualquer forma, o que a literatura da antropologia médica nos ensina é que qualquer doença, além de sua concretude físico-biológica, é constituída por toda uma simbologia que é construída na dinâmica da vida social. Ou seja, estar ou ser um doente é também uma maneira de interagir com a sociedade e com os outros seres humanos. Mesmo considerada dura e empobrecedora por alguns, a noção de “sick role” desenvolvida por Parsons pode ser bastante útil para o presente argumento, justamente por sua simplicidade.

Para este autor, a saúde é um *a priori* essencial para o bom funcionamento da sociedade, sendo a doença um desvio da normalidade que deve ser contornado através

de tratamento adequado. Assim, o seu conceito de “sick role” possui algumas características essenciais: primeiro, ao doente – àquele que assume o “sick role” – é permitido certo afastamento de suas obrigações sociais, desde que sua condição seja legitimada por uma junta de especialistas – os médicos, no caso das sociedades urbanas modernas; segundo, o doente fica livre da responsabilidade de se curar, desde que procure ajuda médica ou técnica com este intuito e colabore com o tratamento; terceiro, há uma complementaridade hierárquica entre os papéis de doente e terapeuta. A respeito deste último aspecto, grande parte das críticas endereçadas a Parsons diz respeito à rigidez dessa hierarquia que se constrói na relação médico-paciente, sendo que os últimos, no limite, são dependentes dos primeiros. De acordo com Crossley (1998, p.510), a idéia de “sick role” canaliza os doentes a se comunicarem com os especialistas em doenças ao invés de procurarem outros doentes e formarem uma subcultura que poderia valorizar a dependência que os doentes têm das outras pessoas.

Mas qual o intuito de trazer à tona tais idéias a respeito dos doentes vivendo em sociedade? No caso específico da “dependência química”, de acordo com a literatura médica, um dos maiores problemas no encaminhamento do doente ao tratamento é justamente a demora que este tem em perceber sua condição. Se na grande maioria das enfermidades o doente é o primeiro a sentir os sintomas característicos da mesma, este não parece ser o caso da “dependência química”. Nestes casos, é bastante comum que as pessoas que convivem com o “dependente” percebam antes os sintomas da doença e tentem convencê-lo de que precisa de ajuda. Ou seja, ao assumir o “sick role” o doente se exime de obrigações sociais desde que procure tratamento, e é exatamente este não reconhecimento da doença que torna difícil o tratamento dos “dependentes”.

O principal argumento levantado neste capítulo é que a partir de determinado momento histórico surgiu uma espécie de “rede de assistência” (e controle) ao “dependente químico” (e às demais enfermidades), rede esta que pode intervir, muitas vezes autoritariamente, sobre os corpos doentes, levando em consideração a recorrente ignorância da enfermidade por parte dos doentes. Esta rede surgiu na intersecção das esferas médica e jurídica – no caso específico da dependência – e está relacionada diretamente com a legitimação da esfera de atuação da medicina enquanto guardião dos corpos saudáveis.

Os NA estão inseridos nesta “rede” como uma dentre várias opções para o tratamento da “dependência química”, mas como demonstram as biografias apresentadas anteriormente – e também, acredito, qualquer pesquisa estatística –, não

são normalmente a primeira opção daqueles que procuram por ajuda. Em contraposição a este fato, é justamente nos grupos de NA que muitos encontram o caminho da abstinência e da “cura” – ainda que não se use este termo nos grupos –, não sem antes ter tentado sem sucesso um ou outro tipo de terapia, geralmente uma associação de tratamentos médicos e psicológicos. As clínicas de desintoxicação ou a internação hospitalar são as *primeiras opções* mais acessadas por aqueles que se encontram no estado de dependência tal qual definido pela literatura médica.

O tratamento nestes moldes pode durar desde poucos dias até alguns meses e conta, inevitavelmente, com a retirada do doente do convívio da vida social, através do internamento. Pode-se dizer que o sucesso deste tipo de tratamento é alcançado quando o doente passa a não sentir mais a “necessidade” de usar a substância que usava outrora, apesar dos danos causados. Mas ao retornar ao convívio social, o indivíduo *curado* da “dependência química” pode voltar a ter contato com outros consumidores, voluntária ou involuntariamente, e retomar o seu próprio consumo, que poderá desencadear novamente em um quadro de dependência. Salvo exceções, a maioria das pessoas que procura os grupos de Narcóticos Anônimos, antes de chegar nos grupos, passou por algum outro tipo de terapia. Se não procurou algum tipo de tratamento no sentido médico, pode ter tentado por si só se desvencilhar de suas práticas de uso de psicoativos, o que não deixa de ser uma maneira de tentar se curar sozinho.

Estas observações remetem com certeza aos conceitos de “itinerário e processo terapêutico”, na medida em que, como demonstraram as biografias apresentadas no capítulo anterior, aqueles que desenvolvem a doença da “dependência química” normalmente passam por mais de uma tentativa de tratamento para sua doença até conseguirem atingir uma espécie de *estabilidade* no controle da mesma, por assim dizer. Para Csordas & Kleinman (1996), qualquer intervenção terapêutica deve ser entendida como fazendo parte de um processo em curso, mais abrangente que um procedimento específico, processo este que começa pela identificação do problema e só termina com a resolução deste. Em se tratando da “adição”, o conceito usado pelos Narcóticos Anônimos para definir o uso problemático de psicoativos, veremos que existem implicações bastante peculiares em relação a este *processo terapêutico*, pois assim que uma pessoa qualquer acometida por este problema passa a visualizar sua condição a partir do referencial do grupo, passa a ser portadora de uma mal crônico, para o qual não existe cura.

As idéias centrais levantadas neste capítulo serão retomadas posteriormente, quando serão discutidos os principais conceitos que circulam nos grupos de Narcóticos Anônimos. Antes, no próximo capítulo, serão apresentados com mais detalhes os princípios de funcionamento e a proposta terapêutica dos grupos de ajuda mútua em geral, além do contexto histórico de surgimento dos Narcóticos Anônimos enquanto uma dissidência dos grupos de Alcoólicos Anônimos, os primeiros a utilizar a ajuda mútua como instrumento terapêutico.

3 - NARCÓTICOS ANÔNIMOS: UM GRUPO DE AJUDA MÚTUA

3.1 Alcoólicos Anônimos, os pioneiros da ajuda mútua

Os grupos de ajuda mútua – auto-ajuda, em algumas definições –, nas suas mais diversas vertentes, partem de um pressuposto essencial: o de que a identificação e o compartilhamento de experiências entre pessoas acometidas por uma mesma condição tem grande valor terapêutico. Outro fator importante de sua constituição é o fato de serem grupos que não são compostos por um corpo de profissionais, pois participam apenas aqueles que se identificam com a condição a ser *tratada*. Desta forma, cria-se um ambiente no qual aqueles que estão participando, por mais diversas que sejam suas histórias de vida, dividem uma coisa em comum, uma mesma condição de doença – que em princípio proporciona a igualdade entre todos. Neste capítulo do trabalho serão abordados os principais elementos constituintes dos grupos anônimos de ajuda mútua em geral, e mais especificamente daqueles que se propõem a ajudar pessoas com histórico de problemas relacionados ao consumo de substâncias psicoativas, levando-se em conta que atualmente funcionam grupos deste tipo destinados ao trato de diversos tipos de problemas²⁹.

Sobre o surgimento deste tipo de grupos, Mota diz o seguinte:

Nascidos a partir da incapacidade das instituições em oferecer-lhes uma alternativa, os indivíduos procuram nos grupos de ajuda mútua o apoio para superar problemas que envolvem dependências e perturbações de ordem psicológica. Os grupos são atrativos para a contemporaneidade: associações voluntárias com critérios mínimos para participação, estruturas administrativas sem hierarquias fixas, além de um *ethos* baseado em valores relacionais comuns. É fácil entrar e sair desses grupos e eles constituem um espaço alternativo ao mundo competitivo e uma oportunidade concreta para o desenvolvimento de relações íntimas baseadas em inovador sistema social. (Mota, 2004, p.41)

²⁹ Para uma lista da diversidade de grupos de ajuda mútua, ver Mota (2004, pp.44-45) e Katz (1981, pp.130-131).

É o que consta na história oficial dos Alcoólicos Anônimos, o primeiro destes grupos a entrar em atividade. Do insucesso em contornar definitivamente o alcoolismo através das terapias médicas, os dois fundadores do grupo (Bill Wilson e Bob Smith) se deram conta que ao compartilhar suas experiências pessoais a respeito de sua condição surgia um alívio sem precedentes no que diz respeito à vontade de voltar a usar.

De acordo com uma definição de Katz (1981, p.135-136), citando seu próprio trabalho,

Os grupos de auto-ajuda são pequenas estruturas grupais e voluntárias, criadas para a assistência mútua e para o cumprimento de um propósito especial. São normalmente formados por iguais que se juntaram para a assistência mútua no propósito de satisfazer uma necessidade comum, procurando superar uma deficiência ou algum problema relacionado à interrupção do ciclo normal de vida, e proporcionando mudanças sociais e/ou pessoais desejadas. Os iniciadores e membros de tais grupos percebem que suas necessidades não são ou não podem ser satisfeitas por ou através das instituições sociais existentes. Grupos de auto-ajuda enfatizam a interação social face-a-face e presumem comprometimento individual por parte dos membros. Não raro oferecem assistência material, assim como suporte emocional; são frequentemente orientados por uma 'causa', e promulgam uma ideologia ou valores através dos quais os membros podem alcançar um forte senso de identidade pessoal. (Katz & Bender, 1976 – tradução minha)

Para complementar, o mesmo autor diz que as associações anônimas de ajuda mútua possuem uma série de atributos que as diferenciam de outros tipos de instituições voltadas para a ajuda, que podem exercer poder político ou econômico, ou podem ser organizações de serviço voltadas para a filantropia tradicional. Estes atributos exclusivos dos grupos de ajuda mútua são os seguintes:

(1) Grupos de auto-ajuda sempre envolvem interações face-a-face. (2) A origem dos grupos de auto-ajuda é espontânea (não são normalmente criados por um grupo de fora). (3) A participação pessoal é um ingrediente extremamente importante; a burocratização é antitética à organização de auto-ajuda. (4) Os membros concordam sobre e se engajam em algumas ações. (5) Tipicamente, os grupos começam a partir de uma condição de fraqueza. (6) Os grupos preenchem as necessidades por um grupo de referência, por um ponto de conexão e identificação com outros, por uma base para atividades e por uma fonte de reforço do ego. (Katz, 1981, p.136 – tradução minha)

Em uma definição diferencial próxima da de Katz, Godbout (1999) aponta para os grupos de ajuda mútua como um lugar de circulação de dádiva³⁰ e os diferencia de outros tipos de associações beneficentes. Por associações beneficentes ele entende aquelas que não são baseadas em salários, em que os serviços prestados não são cobrados, nas quais os próprios membros prestam o serviço oferecido. Assim, o autor sugere que façamos uma distinção entre dois modelos diferentes que classificariam estes tipos de associação: “os organismos baseados na *beneficência*, que prestam livremente um serviço sem reciprocidade (...) e os organismos de ajuda mútua, baseados na reciprocidade, não mais restrita porém generalizada, aberta, o que exclui as associações fechadas em si próprias” (1999, p.83).

Partindo das idéias de Godbout (1999), Mota desenvolve o argumento de sua dissertação de mestrado sobre os grupos de Alcoólicos Anônimos, identificando-os como espaços privilegiados de circulação de dádivas no mundo contemporâneo. É neste ato de ajudar os que padecem da mesma condição que se estabelece o ciclo da dádiva observado por Mota e que pode, com certeza, ser estendido para os outros grupos do mesmo tipo, como os Narcóticos ou os Neuróticos Anônimos. Entretanto, há elementos bem peculiares na circulação da dádiva neste tipo de grupos, já que necessita de uma grande carga de comprometimento e engajamento individual. Como será demonstrado posteriormente, a partir das observações de campo pude constatar que no “processo de recuperação”, cada um deve cuidar de si próprio, sem interferir na vida dos outros participantes. “Vivenciar a recuperação” à sua maneira e compartilhar com os companheiros seus erros e acertos, perdas e ganhos, é a forma de fazer a dádiva circular, e não dizendo aos outros: “você deve fazer assim”. Resumidamente, a ajuda mútua consiste em um comprometimento individual com o “programa de recuperação” e no compartilhar de suas experiências pessoais com os companheiros de grupo: o fato de alguém estar se recuperando é positivo não apenas para ele próprio, mas para o grupo como um todo, já que esta pessoa se torna uma prova viva da eficácia do programa.

Os Alcoólicos Anônimos foram os pioneiros no desenvolvimento deste tipo de grupo, tendo sido fundados oficialmente no ano de 1935³¹. Anteriormente existiam

³⁰ O conceito de dádiva é baseado no estudo clássico de Marcel Mauss (2003).

³¹ As principais referências sobre a história dos Alcoólicos Anônimos remetem a Katz (1981), Trois, (1998), Mota (2004), Garcia (2004), Tadvald (2006), Cardoso (2006). Sobre os Narcóticos Anônimos remetem a Cardoso (2006) e ao seguinte site de internet: http://www.na-history.org/fellowship_history.html (acessado em 27/10/2008).

grupos religiosos voltados a ajudar alcoolistas que utilizavam princípios bastante parecidos com aqueles que vieram a ser desenvolvidos nos AA – como os “12 Passos”, que já existiam em germe antes da fundação do grupo. Segundo Cardoso (2006, p.25-26), os “12 Passos” remetem ao “Grupo Oxford”, fundado por Frank Buchman após ter tido uma experiência espiritual na Inglaterra. Sua experiência foi ter percebido através de uma conversa sobre a Cruz de Cristo que sua vida era muito diferente da que Jesus levou, então resolveu adotar “padrões absolutos de pureza, amor, honestidade e altruísmo” (Cardoso, 2006, p.25) e, posteriormente, levou estes valores ao grupo que fundou.

O primeiro dos “Grupos Oxford” foi fundado no começo do século XX e em menos de 20 anos já havia se difundido nos Estados Unidos, parte da Europa, África do Sul, China, Egito e América do Sul (Cardoso, 2006, p.25), graças a atividade missionária de seu fundador. Mota (2004, p.51) cita também outros grupos de ajuda mútua integrantes do movimento de temperança ativo nos Estados Unidos até a metade do século XX como precursores dos Alcoólicos Anônimos, dentre eles: “Washingtonian Movement, Ollapod Club, Keeley Leagues, United Order of Ex-Boozers, Jacoby Club”. O interessante de notar nestes grupos que antecederam os Alcoólicos Anônimos é que eram de orientação puramente religiosa, na maioria dos casos protestante, e que se propunham a ajudar bebedores problemáticos a se recuperar através da conversão. Seu principal propósito não era o de tratar bebedores, e sim o de propagar valores de conduta e fé cristãos, o que acabou por incluí-los em seu nicho de atuação, em vista da má visibilidade que os bebedores tinham na época, devido principalmente aos movimentos de temperança e à Lei Seca, promulgada nos Estados Unidos em 1920 (Tadvald, 2006, p.17).

As duas figuras centrais que engendraram o surgimento dos Alcoólicos Anônimos, Bill Wilson e Bob Smith, eram ambos alcoolistas e participavam de reuniões do “Grupo Oxford”. Segundo Cardoso (2006, p.26), Wilson notou que provavelmente devido à rigidez dos princípios praticados nestes grupos e ao fato de que os alcoolistas se sentiam mais à vontade compartilhando suas experiências com outros alcoolistas e não com pessoas diversas, que muitos deles não conseguiam se manter abstinidos nos “Grupos Oxford”.

Segundo Tadvald (2006, p.18), quando Bill e Bob se encontraram em Akron, Ohio, em 1935, “ao conversarem sobre seus problemas advindos do alcoolismo, se sentiram confortados mutuamente. Perceberam que seria possível fazer o mesmo com

outras pessoas que provavelmente passavam por coisas semelhantes”. Surgia então uma das idéias-chave presentes na ideologia dos grupos de ajuda mútua, aquela que diz respeito à igualdade de condição entre todos os que padecem do mesmo mal e participam dos grupos, princípio este aplicado nos mais diversos grupos de ajuda mútua existentes na atualidade.

Após este *insight*, Bill e Bob decidiram trabalhar juntos na recuperação de alcoolistas junto a um hospital na cidade de Akron, formando então o primeiro grupo de Alcoólicos Anônimos de que se tem notícia. Em 1939 já existiam mais dois outros grupos, um em Nova Iorque e outro em Cleveland, mas os fatos que realmente impulsionaram o crescimento de Alcoólicos Anônimos foram os seguintes: neste mesmo ano Bill Wilson escreveu o livro *Alcoholics Anonymous*, que continha os “12 Passos” posteriormente adaptados por vários outros grupos de ajuda mútua e, segundo Cardoso (2006, p.27), juntamente com seu companheiro Bob, fundou a Junta de Custódios (posteriormente denominada de Junta de Serviços Gerais de AA) em Nova Iorque “com o objetivo de administrar o AA, atender a pedidos de ajuda e informações e distribuir o livro de Wilson”.

De acordo com o mesmo autor, esta Junta de Custódios foi formada para prestar serviços aos Alcoólicos Anônimos e não estava diretamente ligada aos grupos. Mas o seu constante crescimento devido à fundação de novos grupos e a conseqüente demanda por serviços trouxeram a necessidade de, em primeiro lugar, procurar manter a unidade e o funcionamento desta rede de grupos. Desta necessidade surgiram as “12 Tradições” de Alcoólicos Anônimos. Se os “12 Passos” contém ensinamentos que dizem respeito às atitudes individuais daqueles que procuram controlar sua doença, as “12 Tradições” podem ser comparadas à idéia de “cimento social” desenvolvida por Durkheim (1989), elas dão sustentação à coletividade, são princípios que garantem a coesão dos grupos como um todo, formando o que convencionaram chamar de “irmandade”³². Outra necessidade advinda da expansão dos grupos foi a de vincular os AA como um todo à Junta de Custódios, fato que se tornou realidade em 1951, data da realização da primeira “Conferência de Serviços Gerais”, à qual a Junta de Custódios passou a ser subordinada (Cardoso, 2006, p.28).

³² A idéia de “irmandade”, tanto nos Alcoólicos quanto nos Narcóticos Anônimos diz respeito à totalidade da rede que formam e se trata de uma autodenominação. Usa-se este termo, acredito, porque representa bem a idéia de que nesses ambientes todos são iguais, “irmãos”. Neste trabalho, quando for usada a palavra “irmandade”, será para fazer referência aos Narcóticos Anônimos como um todo, enquanto uma instituição, já que possuem diretrizes que são divulgadas pelo sua instância organizacional máxima, o *World Services Office*.

Pode-se considerar estes dois momentos, o da escrita de um texto-referência e o da centralização da organização, como impulsionadores da difusão dos grupos, pois é justamente após estes eventos que o grupo começa a crescer vertiginosamente, atingindo em 2002, de acordo com Mota (2004, p.54), um total aproximado de 100.131 grupos – 56,1% destes localizados nos E.U.A. e Canadá – e 2.215.293 membros – sendo 56,8% destes residentes nos E.U.A. e Canadá. Segundo o mesmo autor, deve-se também dar atenção para o fato de que no começo da década de 1940 alguns artigos de jornal elogiando a atuação de Alcoólicos Anônimos tiveram bastante repercussão na opinião pública e ajudaram na divulgação e no posterior crescimento dos grupos.

É no entrecruzamento das esferas jurídica e médica que primeiramente os bebedores e posteriormente os consumidores de outras substâncias psicoativas passaram a ser vistos como objetos passíveis de intervenção externa na forma punitiva, através da prisão, ou na forma terapêutica, através de sua denominação como doentes. Em ambos os casos a abstinência total do uso das substâncias era o objetivo maior, assim como nos grupos de ajuda mútua, o que acabou favorecendo a divulgação destes, como aponta Cardoso (2006, p.31):

Em outros termos, a espiritualidade ascética e o parâmetro de abstinência do AA têm como fontes o protestantismo dos Grupos Oxford e, em certa medida, seus padrões éticos absolutos. Igualmente, não é gratuito que essa mesma abstinência tenha sido proposta num contexto em que ela era avalizada tanto pelo discurso médico quanto pelo sistema de justiça.

Da mesma forma, Trois (1998, p.37) também aponta para o relacionamento dos Alcoólicos Anônimos com profissionais de áreas diversas em sua fase de consolidação enquanto uma terapia válida para o problema do alcoolismo:

A forma como legitimaram sua história se deu, em grande parte, através da referência a profissionais reconhecidos no âmbito social, ocupando as funções de religiosos, médicos, psiquiatras a juristas (...) Deste complicado jogo de apropriações da medicina, da psiquiatria e do campo religioso, vai construindo-se uma forma de saber diferenciado, híbrido, para dar conta de uma experiência que contém seu saber prático, inscrevendo-a junto com os sujeitos a ela identificados e, sobretudo, que busca legitimar-se como uma alternativa terapêutica.

Em outras palavras, foi com o apoio de algumas instituições sociais que os grupos de ajuda mútua em sua forma primeira, os Alcoólicos Anônimos, conseguiram se firmar enquanto um tipo de terapia válida. Mas esse apoio não veio gratuitamente, já que esses profissionais puderam ter uma prova da eficácia dos grupos no seu propósito, o de manter bebedores compulsivos abstêmios de álcool; além do fato de que as terapias oficiais – médicas, psicológicas, ou mesmo religiosas – não estavam tendo muito sucesso. Este é, justamente, outro fator impulsionador da expansão de Alcoólicos Anônimos: a sua eficácia. Apesar de não existirem meios de *medir* a eficácia da recuperação em grupos como os Alcoólicos Anônimos, o fato de que cada vez mais pessoas tornaram-se membros é um indicador da eficácia do programa, já que em caso contrário a tendência seria de uma participação cada vez menor, como sugere Godbout (1999, p.85):

Enfim, são eficazes. São mais bem-sucedidos (o que evidentemente não significa que o sejam sempre) do que qualquer outra abordagem ou tratamento de alcoólatras, tanto assim que a maioria das instituições de desintoxicação adota pelo menos parcialmente sua abordagem e muitas nela se inspiram oficialmente.

Foi justamente a comprovação da eficácia e a conseqüente expansão dos Alcoólicos Anônimos que tornou possível a sua adaptação a outros tipos de problemas individuais como a neurose, a drogadição, a compulsão por sexo, por comida, por jogos de azar, por compras, por relacionamentos autodestrutivos, entre outros.

Um dos principais fatores a impulsionar a criação dos grupos de Narcóticos Anônimos, por exemplo, diz respeito às peculiaridades inerentes ao consumo e à dependência das outras substâncias psicoativas que não o álcool. Como será demonstrado posteriormente, muitos dependentes de outras substâncias que procuravam – e ainda procuram – grupos de Alcoólicos Anônimos passaram a ser discriminados, principalmente pela condição de ilegalidade das substâncias que consumiam. Desta forma, com o intuito de proporcionar uma atmosfera de identificação mais coesa para estas pessoas, surgiu a idéia dos grupos de Narcóticos Anônimos, já que as experiências de consumo e dependência de substâncias ilícitas carregam peculiaridades em relação às mesmas experiências de consumo e dependência de álcool. Mas no que consiste, em termos gerais, a proposta terapêutica destes grupos de ajuda mútua? É o que tentarei demonstrar no próximo item.

3.2 A proposta terapêutica dos grupos de ajuda mútua

A proposta terapêutica dos grupos de ajuda mútua, ao menos daqueles formados por pessoas com problemas relacionados ao consumo de substâncias psicoativas, lícitas ou ilícitas, é de certa forma bastante simples: sugere-se que esses indivíduos mudem radicalmente de vida com o intuito de se manterem em abstinência total do uso de qualquer substância, além de sugerir que levem uma vida permeada por valores positivos como honestidade, espiritualidade e solidariedade. O grande problema é justamente a dificuldade que qualquer pessoa, não necessariamente um “dependente químico”, tem em mudar radicalmente sua maneira de agir no mundo. Esse rompimento ou transformação dificilmente acontece da noite para o dia ou sem o apoio de outras pessoas ou instituições, pois os humanos são animais essencialmente sociais e precisam se espelhar e se relacionar com outros humanos para respaldar ou contrariar suas ações e decisões.

Os principais serviços oferecidos por grupos de ajuda mútua são as reuniões ou encontros, nos quais os indivíduos que se identificam com a condição compartilhada pelos membros trocam experiências a respeito da doença e do “processo de recuperação”³³, e a disponibilização de literatura de auto-ajuda que contem os principais elementos de seu “programa de recuperação”. Além disso, os Narcóticos Anônimos fazem um trabalho de divulgação de seus propósitos junto a instituições de tratamento para “dependentes químicos” e também em prisões, hospitais e outros locais conforme solicitação. Resumidamente, os Narcóticos Anônimos, como sua própria literatura atesta, se encarregam de “levar a mensagem de recuperação” para aqueles que possivelmente estejam sofrendo dessa doença. É seu único e exclusivo propósito divulgar que é possível, para aqueles que desejarem, viver uma vida “limpa” e serena, abstinência de qualquer psicoativo, através do ingresso em sua rede de ajuda mútua.

Sendo as reuniões o local privilegiado de circulação dos conceitos e dos participantes de NA, posteriormente estas serão apresentadas de maneira aprofundada.

³³ No capítulo 5 deste trabalho será apresentado um relato etnográfico sobre essas reuniões, resultado do trabalho de observação participante junto a grupos de Narcóticos Anônimos da cidade de Porto Alegre – RS.

Cabe agora, no complemento deste capítulo, elucidar outros importantes elementos constituintes deste universo de “recuperação”. O mais importante destes elementos, segundo os próprios participantes, são os “12 Passos”³⁴, primeiramente criados pelos Alcoólicos Anônimos e posteriormente adaptados pelos outros grupos de ajuda mútua. Estes passos devem ser praticados por aqueles que ingressam na “carreira de recuperação” e pressupõem o entendimento da sua condição como doentes incuráveis, em primeiro lugar. Retornando à idéia de “sick role” apresentada anteriormente, o primeiro passo é justamente a aceitação/incorporação deste papel, que neste caso específico traz uma peculiaridade, já que a abordagem dos Narcóticos Anônimos caracteriza esta doença como incurável³⁵.

O primeiro dos passos proposto pelos Alcoólicos Anônimos é justamente aceitar a condição de doente incurável, neste caso aceitar sua impotência perante o álcool³⁶. Nos passos dois e três, o participante deve aceitar que existe um poder maior do que ele – assim como o álcool também é –, uma forma divina concebida de maneira particular que o ajudará a enfrentar a sua doença. Não podemos deixar de ressaltar que os grupos de ajuda mútua estão imersos em um universo de *espiritualidade*, como foi demonstrado logo acima, no qual a crença em um “Poder Superior” é essencial para o bom andamento da “recuperação”. É assunto constante nos “12 Passos” e no discurso dos participantes. Nesta dissertação não discutirei os aspectos *espirituais* ou *religiosos* destes grupos, mas fica a sugestão de consulta ao trabalho de Tadvald (2006), que aponta para os grupos de Alcoólicos Anônimos como uma espécie de religião secular. E também o trabalho de Trois (1998), que demonstra a confluência de aspectos advindos da religião e das ciências biomédicas na definição do problema e na forma de tratamento usados pelos Neuróticos Anônimos.

No quarto passo dos Narcóticos Anônimos deve-se fazer um “inventário moral” sobre si mesmo, refletir sobre os erros do passado, sobre todas as atitudes que possam ter prejudicado outras pessoas enquanto estava na fase “ativa”³⁷ de alcoolismo, o que para muitos é a parte mais dolorosa dos passos. Dando seqüência, o próximo diz

³⁴ Para uma lista dos Passos e Tradições de AA e NA, consultar o apêndice deste trabalho.

³⁵ As implicações decorrentes do auto-reconhecimento como doente crônico serão discutidas no próximo capítulo.

³⁶ No caso dos Narcóticos Anônimos, como veremos detalhadamente mais adiante, o primeiro passo sofreu uma adaptação. A idéia de impotência foi alargada e deixou de focar em uma substância específica para ser direcionada à própria noção de “adicação”.

³⁷ Este termo é discutido detalhadamente no capítulo 4 deste trabalho. Para os AA não existem ex-alcoolistas, portanto a fase “ativa” se refere à época de consumo, em oposição a uma fase presente de abstinência e participação nos grupos.

respeito à confissão, em admitir perante outra pessoa os erros cometidos naquele período conturbado. Nos passos seis e sete, novamente se pede ao “Poder Superior” que ajude a remover os *defeitos de caráter* e imperfeições que ainda possam estar latentes. Os passos oito e nove sugerem ao membro que faça uma lista das pessoas que possa ter prejudicado e, em seguida, repare diretamente, da maneira que for possível, aqueles danos causados a essas pessoas. O décimo passo é, na verdade, uma lembrança de que o “processo de recuperação” não está nunca finalizado, já que a doença é incurável, na medida em que tem o mesmo conteúdo do quarto passo, que deve ser praticado constantemente. O décimo primeiro passo diz respeito à ligação com o “Poder Superior”, da maneira como cada participante o concebe, ressaltando a oração ou prece como uma forma de contato privilegiado com esta entidade. No último dos passos reside um dos principais pontos de propagação da ideologia dos grupos de ajuda mútua, que é o de “levar a mensagem” para aqueles que compartilham da mesma condição mas ainda não conhecem o grupo.

Esses passos devem ser seguidos como etapas sucessivas no “processo de recuperação” e de acordo com o *tempo pessoal* de cada participante: sem pressa e principalmente com comprometimento. É bastante comum participantes desses grupos levarem um longo período de tempo para conseguir aplicar o primeiro dos passos, que é justamente o auto-reconhecimento da sua condição de doente. Segundo me foi informado, não adianta um novato querer atropelar o tempo e tentar praticar todos os passos de uma só vez, com aponta um dos membros de NA entrevistados por mim:

a coisa não... não é do dia pra noite que tu vai chegar e bah ó meu... porque é comum assim a gente chegar lá logo no início... acha a coisa toda linda e maravilhosa... e quando vê tu quer... quer fazer tudo num dia só... o cara ta a 2, 3 reunião e diz bah meu já to no meu 4º Passo... [riso]... tu olha aquilo bah, pra ele é muito maravilhoso, ele ta com vontade... mas não é do dia pra noite que vai vim à tona toda essa recuperação sabe... então a coisa vai longe... é uma coisa assim... é lento, constante... e sempre... ta entendendo?... não adianta tu não vai fazer tudo num dia só... tu vai fazer a coisa de forma... de forma devagar... (Jorge)

Resumidamente, os passos levam o indivíduo a se reconhecer como um doente incurável, a se submeter a um poder maior que ele próprio como condição de “vivenciar a recuperação”, a refletir sobre os erros que cometeu durante a fase crítica de sua doença, e a transmitir a mensagem de “recuperação” para outros na mesma condição. A

prática dos passos aliada à frequência em reuniões é o que torna alcançável o objetivo proposto pelos grupos de Narcóticos Anônimos para os “adictos”, o de viver uma vida serena, sem drogas. Só frequentar as reuniões sem a prática dos passos pode funcionar durante um tempo na manutenção da abstinência, mas provavelmente não irá proporcionar as mudanças concretas na vida da pessoa que devem acontecer conforme aqueles forem sendo seguidos. Os passos funcionam como uma espécie de *guia para mudança de comportamentos*, digamos assim, no que diz respeito principalmente àqueles comportamentos característicos de um “dependente químico” ou “adicto”. Não apenas com o intuito de, em um primeiro momento, afastar o indivíduo das práticas de uso de psicoativos, mas principalmente como uma forma de mantê-lo sempre alerta à possibilidade de tornar a ser o que era anteriormente.

Da mesma forma, apenas praticar os passos individualmente, sozinho, sem frequência em reuniões, não deve funcionar plenamente, já que um dos fatores-chave no entendimento da condição de “adicto” é o confronto face-a-face com outras pessoas na mesma situação. A prática confessional diante destes outros *iguais* é fator fundamental no processo de identificação que ocorre no interior dos grupos de ajuda mútua. Outros trabalhos demonstram que os momentos de “partilha”³⁸ são o principal acontecimento destas reuniões, justamente quando os participantes expõem suas angústias, seus erros e seus acertos no “processo de recuperação” junto a seus companheiros de grupo, proporcionando a identificação entre eles. Para Trois, cujo trabalho abordou grupos de Neuróticos Anônimos, nestes momentos das reuniões

Evita-se o diálogo e as interpretações sobre o que foi dito e recomenda-se que apenas se ouça com atenção os depoimentos, que ajudarão na recuperação pessoal de cada um (...) Esse reconhecer-se no depoimento do outro para conhecer-se melhor é o fundamento do procedimento terapêutico dos Neuróticos Anônimos. Mas essa fala-depoimento é também uma fala-testemunho sobre a eficácia de seu programa de recuperação. Ela vem marcada por uma repetição nos testemunhos que expressa a passagem-transformação da pessoa, de um ‘eu era’ – marcado por alguma característica tida como negativa, como por exemplo: ‘eu era infeliz’; ‘eu era uma pessoa hostil’; ‘eu não gostava da minha vida’; eu tinha perdido as esperanças’, etc. – para um ‘hoje encontrei a serenidade’, caracterizando a experiência dos neuróticos anônimos. (Trois, 1998, p.85)

³⁸ Termo usado nos limites do grupo e que representa a idéia de exposição ou compartilhamento dos depoimentos pessoais. Quando alguém “partilha”, faz um depoimento pessoal frente ao grupo durante uma reunião.

Pode-se dizer que estes são os momentos *oficiais* de circulação dos símbolos dos grupos de ajuda mútua, nos quais aqueles que se utilizam da palavra, por mais que estejam quase sempre falando de suas próprias vidas, falam através da *verdade* contida no discurso do próprio grupo: é o Neuróticos ou o Narcóticos Anônimos enquanto uma instituição que discursa através daqueles que se utilizam da palavra. Esta idéia vem de encontro com o que apontam dois outros autores ao tratar das narrativas pessoais nos ambientes de grupos de ajuda mútua.

O primeiro deles é Humphreys (2000), que entende os grupos de Alcoólicos Anônimos não apenas como um tipo de terapia para um problema de saúde, mas também como uma comunidade espiritual que propõe uma maneira de viver. O foco de seu artigo é a relação dialética que existe entre os AA enquanto uma *comunidade narrativa* e as histórias de vida de seus membros. Este autor identifica cinco tipos-ideais de narrativas que são utilizadas pelos membros de AA em seus encontros e que ao mesmo tempo influenciam e são influenciadas pela *comunidade narrativa* ou, em outras palavras, pelo *discurso institucional*. No que cabe ao presente trabalho, me aterei aos comentários que ele faz sobre a categoria *drunk-a-log*³⁹, considerada a mais importante:

Os membros tipicamente começam o seu *drunk-a-log* descrevendo seu envolvimento inicial com o álcool, algumas vezes incluindo um comentário sobre parentes alcoolistas. Membros freqüentemente descrevem as primeiras experiências com álcool como positivas, e freqüentemente mencionam que eles tinham um descontrole especial em beber que os outros não experienciam. No decorrer da história, mais menções são feitas sobre os problemas iniciais com o álcool, como perda de emprego, conflitos matrimoniais, ou amigos demonstrando preocupação em relação às bebedeiras do falante. Normalmente os membros descreverão que viam esses problemas como insignificantes e podem rotular a si mesmos como tendo desaprovado ou negado os problemas com álcool. Como os problemas continuavam a se acumular, a história normalmente detalha tentativas de controlar o problema com bebida, tais como evitação de amigos de bar, mudança de residência, beber só vinho ou cerveja, e tentar ficar abstinente por determinados períodos de tempo. O clímax da história ocorre quando os problemas se tornam muito severos para negar por mais tempo. Membros de AA chamam esta experiência de “fundo de poço”. (...) Depois de descreverem esta experiência traumática, os membros descreverão então como eles entraram em contato com os AA ou com algum tipo de tratamento que se utilizasse dos princípios dos AA (...) Funcionalmente, *drunk-a-logs* ajudam os narradores a

³⁹ Mantenho o termo original em inglês para não empobrecê-lo na tradução. A idéia geral contida neste conceito é de um diário, uma história de vida.

incorporar aspectos da visão de mundos dos AA em sua própria identidade e abordagem de vida (...) Cada vez que um membro diz ‘eu sou um alcoolista’ e conta a história a respeito da sua condição na frente do grupo, esta identidade se torna mais firmemente incorporada (...) Esse processo de construção aproxima a história de vida do membro mais completamente em harmonia com a narrativa comunitária dos AA, e é um dos mais dramáticos exemplos de como um fenômeno situado no nível comunitário (a narrativa de AA) influencia um fenômeno situado no nível individual (a história de vida do membro) nos grupos de ajuda mútua. (Humphreys, 2000, p.498-499 – tradução minha)

Com isto temos que à medida que os membros vão participando das reuniões, falando e refletindo sobre suas próprias trajetórias e também ouvindo os relatos de seus companheiros, eles tendem a incorporar aquele conjunto de idéias a respeito do seu problema advindos da ideologia do grupo de ajuda mútua em questão. A narração das histórias pessoais ajuda a moldar o discurso do grupo enquanto uma *comunidade narrativa*, e ao mesmo tempo este discurso institucional influencia na interpretação que cada um tem de sua própria trajetória. Mas, acredito ser também muito importante neste processo de reinterpretação da própria experiência, o relacionamento que cada membro tem com a literatura do grupo e, principalmente, com a prática dos “12 Passos”, já que estes elementos são concretamente representativos de toda a ideologia que circula em cada um dos tipos de grupo de ajuda mútua.

Outro autor que aponta no mesmo sentido de Humphreys a respeito da importância das narrativas enquanto instrumentos de socialização e identificação entre os participantes é Steffen (1997). Em pesquisa de campo realizada junto a grupos de Alcoólicos Anônimos na Dinamarca, ele diz o seguinte:

Um processo de socialização entra em curso desde o primeiro momento que uma pessoa entra em seu primeiro encontro de AA (...) Ainda que a apresentação oral tenda a ser menos estruturada do que a escrita, o enquadramento da narrativa parece implicar em uma intencionalidade que leva o narrador a apresentar sua experiência de uma determinada maneira que o ouvinte possa se identificar e fazer uso dela (...) A narrativa da doença passa a ser a narrativa da experiência vivida para o benefício de todos, e a experiência de dor e sofrimento do narrador perde sua insignificância e ganha valor como conhecimento coletivo. E mais, a narrativa da doença preenche o propósito de ajudar tanto o narrador quanto os ouvintes, cujas experiências se tornam objeto de reflexões renovadas resultando em reconsiderações e em uma memória revisada. (Steffen, 1997, p.106 – tradução minha)

Ou seja, a “vivência da recuperação” nos grupos de ajuda mútua é um processo ao mesmo tempo individual, na medida em que é vivido por cada um dos membros individualmente, mas também uma construção coletiva, no sentido de que as experiências individuais, ao serem narradas no ambiente grupal, funcionam como matéria prima para a identificação entre os participantes. Quando um dos membros narra ao grupo a sua experiência pessoal, seja relatando seus percalços ou seus acertos no caminho da “recuperação”, ele não estará apenas ajudando a si mesmo, por refletir sobre suas ações do passado e do presente, ele estará também ajudando a todos os outros companheiros presentes, pois estes poderão se utilizar dessas experiências para refletir sobre a sua própria trajetória. É somente porque todos os membros de grupos de ajuda mútua são humanos, em primeiro lugar, e compartilham de uma mesma condição a ser superada, em segundo, que a dinâmica do jogo de espelhos entra em ação, fazendo com que os membros veteranos vejam nos novatos o seu próprio passado, e estes vejam naqueles a possibilidade concreta de um futuro melhor. É exatamente por esta questão do compartilhamento de experiências em comum que em determinado momento alguns participantes de Alcoólicos Anônimos sentiram a necessidade de criar um novo grupo da mesma natureza, os Narcóticos Anônimos, como será demonstrado a seguir.

Antes disso, um breve comentário sobre outra questão essencial para os grupos de ajuda mútua, que é o anonimato. Como já foi comentado anteriormente neste trabalho, a “dependência química” é uma doença que está associada diretamente a uma prática que não é bem vista por grande parte da(s) sociedade(s), ou seja, os “dependentes” são constantemente alvo de acusações e estigmatização (Goffman, 1975). Este é um dos motivos que levaram os criadores dos grupos de ajuda mútua a incluírem o anonimato como um princípio central, na medida em que é uma forma de proteção dessas pessoas contra esse tipo de acusação ou desmoralização. Para Fróis (2007), o anonimato tem duas funções principais nos grupos de ajuda mútua: a primeira delas é permitir a identificação entre os participantes através do seu problema compartilhado em comum, ou seja, eles não necessariamente precisam falar nas reuniões sobre sua vida pessoal, podem apenas falar sobre o assunto que é comum a todos, o problema que estão procurando solucionar; em segundo lugar, ela identifica a importância do anonimato fora dos limites grupais, no sentido de que os participantes não necessitam tocar no assunto com aquelas pessoas que não sabem do seu problema e também não devem comentar com pessoas de fora sobre o que é discutido e quem participa das reuniões.

3.3 Narcóticos Anônimos: uma dissidência dos Alcoólicos Anônimos⁴⁰

Nos Estados Unidos houve uma proibição ao álcool no final de década de 20 através da Lei Seca, o que acabou acarretando em um aumento no consumo de outras substâncias psicoativas como ópio, morfina, heroína, cocaína e maconha. Com o aumento do consumo surgiram também os “dependentes” destas substâncias, como já ocorria com o álcool. Desta forma, o governo americano foi pressionado para tomar atitudes em relação ao crescente número de “dependentes” de outras substâncias psicoativas que não o álcool. A resposta do governo foi abrir no ano de 1933 o “U.S. Public Health Service Hospital” na cidade de Lexington, estado de Kentucky, o qual fazia parte da “Lexington Kentucky Federal Prison” naquele momento. O lugar era aberto a quem quisesse participar, havendo apenas a necessidade de comprometimento da pessoa em questão, mas nesta época ainda não se tinha muita idéia, mesmo dentro das ciências biomédicas, sobre o que fazer com “dependentes químicos”, então foi possível que se fizessem vários experimentos neste local.

Um membro da “irmandade” de AA chamado Houston chega à conclusão de que os “12 Passos” de Alcoólicos Anônimos podem ser úteis para a recuperação de “dependentes” de outras substâncias e faz contato com Dr. Vogel, o médico responsável pelo Hospital de Lexington. Houston convence o médico a fundar um grupo de 12 Passos no hospital e no ano de 1947 é realizada a primeira reunião naquela instituição. Ocorreriam reuniões semanais neste local por mais de vinte anos, tendo eles adotado os nomes de “NARCO group” e “Addicts Anonymous”. No mesmo ano de 1947 quando estava ingressando na instituição pela sétima vez, Daniel Carlson passou a participar dos encontros do grupo e percebeu que poderia haver uma esperança de que parasse de usar drogas algum dia. Após ficar por seis meses na instituição, Carlson volta para a cidade de Nova Iorque e encontra uma pessoa que se tornaria importante na história dos Narcóticos Anônimos, uma Major do Exército da Salvação chamada Dorothy Barry. No ano de 1948, juntamente com a Major Barry e outra pessoa, Carlson inicia um grupo de 12 Passos no Sistema Prisional Federal de Nova Iorque chamando-o de Narcóticos

⁴⁰ As principais informações apresentadas neste item do trabalho foram retiradas de um site de Internet dedicado a divulgar a história dos Narcóticos Anônimos: <www.na-history.org> (acessado em 12/2008), levando em consideração que não encontrei outras fontes publicadas. Outras fontes de informação serão devidamente referenciadas conforme forem citadas.

Anônimos, grupo que se extinguiria pouco tempo depois. Ainda no ano de 1948, a “Federal Narcotics Farm” localizada em Fort Worth, Texas, passou a adotar o ‘modelo Lexington’, que àquela altura se tratava dos 12 Passos de Alcoólicos Anônimos com a palavra ‘droga’ substituída no 1º Passo. “Admitimos que éramos impotentes perante o álcool” passou a ser “Admitimos que éramos impotentes perante as drogas”.

Em 1949 Daniel Carlson tem uma nova recaída e ingressa novamente no Hospital em Lexington, mas desta vez consegue se render à recuperação e se mantém abstinência após a saída. Além disso, na sua volta para Nova Iorque procura o Exército da Salvação com o intuito de conseguir um espaço para realizar encontros de Narcóticos Anônimos. Ele também consegue junto ao YMCA (Young Men’s Christian Association) outro espaço para realizar encontros.

O interessante de notar é que estes grupos não eram ainda o que viria a se tornar a “irmandade” de Narcóticos Anônimos. Tratava-se de iniciativas isoladas que se utilizavam do programa de 12 Passos dos Alcoólicos Anônimos de maneira adaptada aos seus interesses. Algumas dessas iniciativas podem ser interligadas por terem surgido de pessoas que passaram pelo Hospital de Lexington ou pelo Exército de Salvação, e para onde iam levavam o programa junto, mas não havia ainda a idéia de “irmandade” posteriormente desenvolvida. Assim, de 1950 a 1953 sabe-se que havia várias coisas acontecendo em várias partes dos Estados Unidos. Iniciativas individuais formaram diferentes grupos com o mesmo propósito, a recuperação da “adição” através dos “12 Passos”, e tinham variadas denominações: “Addicts Anonymous”, “Narcotics Anonymous”, “Narc Group”, “Habit Forming Drug Groups”, entre outros.

No começo dos anos 50, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos, surge outra importante figura na história dos Narcóticos Anônimos, que é Jimmy Kinnon. Ele se reconhecia como um “alcoholic addict” – tinha problemas com o álcool e outras substâncias – e participou por algum tempo de reuniões em grupos de Alcoólicos Anônimos antes de ter a iniciativa de articular a formação dos NA. No ano de 1953, mais especificamente no mês de julho, Jimmy K. se reúne com outros interessados em fundar uma “irmandade” de ajuda mútua para “adictos” e no dia 17 de agosto do mesmo ano acontece a primeira reunião do então denominado “San Fernando Valley Alcoholics Anonymous and Narcotics Anonymous” (AANA), em Los Angeles, Estados Unidos. Data desta época os primeiros escritos dos “12 Passos” e “12 Tradições” adaptados dos Alcoólicos Anônimos, usando a palavra “adicto” no primeiro passo e a palavra “nós” em todos eles. Nesta época os Alcoólicos Anônimos já estavam bem estabelecidos

institucionalmente e entraram em contato com este novo grupo para dizer que poderiam usar os seus passos e as suas tradições, mas não poderiam usar o seu nome. Desta forma passam a se chamar “Narcotics Anonymous”.

No seguir da década de 1950 os encontros de Narcóticos Anônimos aconteciam sem lugar e hora fixos, principalmente nas casas de seus poucos participantes. No final da década perdem um pouco de força devido a conflitos entre lideranças e pelo fato de que participavam sem muita distinção “alcoolistas” e “adictos”, a atmosfera de identificação ainda não era a que viria ser conseguida posteriormente. Em alguns encontros podia haver mais “alcoolistas”, em outros mais “adictos”. É recorrente, mesmo em dias atuais, membros de NA relatarem que tentaram participar de reuniões de AA, mas não se sentiram muito identificados. É um dos motivos que fizeram com que esses pioneiros convergissem para a fundação de uma “irmandade” própria, pois algumas experiências são características de quem faz apenas o uso de álcool, e outras são peculiares àqueles que usam outras substâncias.

No final dessa década Jimmy K. se afasta do cargo que fora designado a ocupar por achar que os grupos não estavam respeitando devidamente as tradições e porque alguns membros estavam personificando suas posições e querendo assumir a frente dos grupos. Em 1959 chega a haver um hiato de 4 meses sem reuniões no sul da Califórnia. Mas, já no começo de 1960, Jimmy K. novamente se junta com pessoas que compartilhavam de sua visão sobre como a “irmandade” devia ser gerida – com estrito respeito às Tradições, principalmente àquela que toca na questão do anonimato e que diz que NA não tem líderes – e recomeça as reuniões. Ainda que no começo dos anos 60 acontecessem reuniões esporádicas sem local fixo na casa de participantes, Jimmy fixa o que seria o primeiro grupo de Narcóticos Anônimos – com local e horários fixos – em uma igreja no distrito de Van Nuys, cidade de Los Angeles.

Grande parte da literatura de Narcóticos Anônimos foi escrita por Jimmy K. neste período de real estabelecimento dos Narcóticos Anônimos no começo dos anos 60. Também data deste período o primeiro anúncio em lista telefônica de um telefone dos Narcóticos Anônimos, a primeira publicação de um livro de bolso com textos e o primeiro encontro do “Subcomitê de Hospitais e Instituições”⁴¹, na Penitenciária Estadual de Tehachapi, no ano de 1963.

⁴¹ Consultar o item 3.4.3 deste capítulo para detalhes.

Em 1964 funda-se o “Board of Trustees” dos Narcóticos Anônimos, com o objetivo principal de não deixar que a “irmandade” morresse novamente. O papel deste grupo de confiança era garantir o respeito e apego às Tradições. Com o passar dos anos os NA começam a crescer lentamente e a se organizar institucionalmente. No ano de 1966 já existem 10 reuniões de NA nos Estados Unidos e em 1968 representantes de cada um dos grupos (RSGs)⁴² passam a se reunir mensalmente com a “Board of Trustees”.

A década de 1970 presencia um grande crescimento dos NA, sendo que no ano de 1971 o “World Services Office” (WSO) tem o seu primeiro endereço estabelecido e em 1972 já existem 70 reuniões de Narcóticos Anônimos, não apenas nos Estados Unidos, mas também na Alemanha, Austrália e Bermuda. Em 1978 NA conta com mais ou menos 200 grupos registrados realizando reuniões, e no mesmo ano estes são incorporados ao WSO.

Em 1983 a “irmandade” de Narcóticos Anônimos publica o seu auto-intitulado Texto Básico, um compêndio de alguns dos vários textos escritos principalmente por Jimmy K. juntamente com os “12 Passos” e as “12 Tradições. Existem versões deste Texto Básico que apresentam também depoimentos de membros. Após a publicação desta peça de literatura NA conhece um grande *boom* de crescimento, alcançando a marca de 2.966 reuniões semanais em pouco mais de 12 países no ano de 1983. Em 1993 Narcóticos Anônimos já se fazia presente em 60 países, com 13.000 grupos realizando cerca de 19.000 reuniões semanais. Em 2002, 20.000 grupos espalhados por 116 países realizavam por volta de 33.500 reuniões semanais e em 2007, 25.065 grupos realizavam mais de 43.900 reuniões semanais em 127 diferentes países⁴³.

No Brasil, o primeiro grupo de NA foi fundado no ano de 1985, sendo que desde 1976 já existiam grupos semelhantes, que utilizavam a literatura de Narcóticos Anônimos em suas reuniões. No ano de 1990 os grupos brasileiros se unem à “irmandade mundial” de NA, registrando-se junto ao WSO. Em Porto Alegre, pelo que pude constatar junto a membros mais antigos, o primeiro grupo tem pouco mais de 20 anos de idade, sendo que anteriormente também existiam grupos semelhantes que não usavam o nome de Narcóticos Anônimos.

⁴² Esta e outras funções exercidas voluntariamente por membros são apresentadas no próximo item deste trabalho.

⁴³ Fonte: <<http://www.na.org/?ID=Home-basicinfo#Rateofgrowth>> (Acessado em 12/2008).

3.4 A Organização Institucional dos Narcóticos Anônimos

Os Narcóticos Anônimos surgiram, como foi demonstrado no item anterior, como grupos isolados que praticavam os mesmos pressupostos dos Alcoólicos Anônimos, com o intuito de ajudar dependentes de outras substâncias psicoativas. A necessidade de criação do novo grupo se deu, principalmente, porque esses dependentes de outras substâncias não estavam conseguindo se identificar nos grupos de alcoolistas.

Da mesma maneira que ocorreu com os Alcoólicos Anônimos, após algum tempo de atuação e um crescente número de participantes, além da demanda por criação de novos grupos em outras cidades, foi necessário uma organização mais formal dos grupos e um controle maior sobre a produção e distribuição de sua literatura. Para tanto, aos poucos foram sendo criadas instâncias organizacionais locais, regionais, nacionais e de prestação de serviços específicos, até culminar na criação de um Escritório Mundial de Serviços. A criação destas diversas instâncias organizacionais depende proporcionalmente da distribuição e do número de grupos em uma determinada localidade. Existem cidades nos Estados Unidos que se articulam através das várias instâncias, pelo grande número de grupos, enquanto que em alguns pequenos países existem apenas grupos ou Comitês de Serviço de Área.

Em recente estudo sobre Narcóticos Anônimos realizado em Niterói, Cardoso (2006) explica como funciona cada uma destas instâncias organizacionais, portanto as próximas linhas deste trabalho podem soar repetitivas a quem já conhece o estudo citado. Não deixo de incluí-las por entender que nem todos os leitores do presente trabalho terão acesso fácil a esta fonte, e acredito ser importante algumas observações, mesmo que gerais, sobre como se organizam os grupos de Narcóticos Anônimos.

3.4.1 O grupo

O *grupo* de Narcóticos Anônimos é a menor instância da organização como um todo, e ao mesmo tempo a mais importante. Para se ter uma idéia, até o momento de realização da pesquisa de campo, a cidade de Porto Alegre contava com 21 grupos de

NA, sendo que ao fim da pesquisa mais 2 estavam se juntando à “irmandade”. No total, são realizados por volta de 35 reuniões semanais de Narcóticos Anônimos na cidade de Porto Alegre, número próximo das cidades de Florianópolis e Curitiba, que realizam respectivamente 33 e 43 reuniões semanais. Já na cidade de São Paulo, maior cidade do Brasil, são realizadas 125 reuniões semanais de Narcóticos Anônimos⁴⁴.

Mas no que consiste um *grupo* de Narcóticos Anônimos? O *grupo* de Narcóticos Anônimos consiste, resumidamente, em no mínimo dois “adictos” compartilhando suas experiências de “recuperação” em um local específico com horários de reunião específicos. Os grupos são os responsáveis pela disponibilização de um local para as reuniões, que são realizadas em horários determinados, e vão sendo criados de acordo com a demanda dos participantes.

Pensem na seguinte situação: em uma cidade qualquer existem grupos de Narcóticos Anônimos distribuídos na região central, sendo que uma grande porcentagem dos participantes reside na zona sul. Estes participantes podem juntar seus esforços e criar um grupo na região de suas residências, bastando disponibilizar um local para sediá-lo e alguma literatura para ser usada nas reuniões. Não apenas a localização geográfica cria estas demandas, mas também a questão dos horários, entre outras. Cito o exemplo de um grupo recentemente criado em Porto Alegre, que é o único que atende o público com deficiência auditiva na cidade.

Cada grupo de Narcóticos Anônimos conta com servidores que desempenham tarefas importantes para o seu funcionamento como um todo. Estes servidores são todos membros do grupo que atuam de maneira voluntária e os encargos são exercidos de maneira rotativa, não permanente. Cada grupo deve ter um Secretário, um Representante de Serviços Gerais (RSG) e um Tesoureiro, cujas funções podem ser exercidas momentaneamente por outros membros no caso da ausência de algum deles em uma reunião. O Secretário é aquele que atua como uma espécie de coordenador das reuniões, é o responsável por abrir e organizar a sala que será utilizada e também por conduzir a reunião. O RSG é o representante direto de cada grupo na sua instância superior imediata, que são os Comitês de Serviço de Área (CSA). Tudo que é decidido dentro de cada um dos grupos de NA é levado às reuniões dos CSAs por seus representantes, os RSGs. Da mesma forma, tudo que é decidido nas reuniões dos CSAs é levado a cada um dos grupos por seus respectivos RSGs. O Tesoureiro é a pessoa

⁴⁴ Fonte: <www.na.org> (Acessado em 12/08/2008).

encarregada de cuidar das finanças dos grupos, já que todo o sustento de NA vem de doações feitas por membros durante as reuniões. O membro que exerce esta função deve prestar contas de tudo que é arrecadado junto a seus companheiros de grupo, assim como deve também prestar contas a respeito do que é feito com este dinheiro. Muitos grupos utilizam esse dinheiro arrecadado para pagar seu aluguel, para comprar o café distribuído nas reuniões, entre outras coisas. Dependendo do número e da condição social dos participantes de cada grupo, a arrecadação pode ser muito maior ou muito menor do que as necessidades imediatas. Se a arrecadação é maior, são feitos repasses das sobras para os CSAs; se é menor, são os CSAs que repassam o dinheiro para os grupos necessitados.

3.4.2 Os Comitês de Serviço de Área, as Regiões e o World Services Office

Os Comitês de Serviço de Área são criados em localidades onde existe um grande número de grupos de Narcóticos Anônimos, ou seja, no organograma institucional da “irmandade” é o que está logo acima do grupo, mas não pressupõe uma hierarquia, não há a subordinação dos grupos em relação a estes comitês. Sua função é prestar serviços essenciais à manutenção e desenvolvimento das redes de grupos locais, como os seguintes: distribuição da literatura oficial de Narcóticos Anônimos; disponibilização de informações via telefone; apresentação de informação ao público para equipes de tratamento, sociedades civis, organizações governamentais e escolas; apresentação de painéis de informação sobre o programa de NA para instituições correcionais ou de tratamento; listas de reuniões para a informação individual dos membros e do público em geral.

Na cidade de Porto Alegre existem dois destes comitês, o CSA Gaúcha e o CSA Porto Alegre e no Brasil como um todo, existem 64 Comitês de Serviço de Área. Estes comitês de área, geralmente em países grandes ou nos quais o NA esteja bem desenvolvido e distribuído, se juntam para formar *Regiões*. O Brasil inteiro era considerado até pouco tempo uma única Região, mas os CSA's do sul do país se juntaram recentemente para formar a Região Brasil Sul de Narcóticos Anônimos.

A quantidade de CSA's em um determinado país e o número de regiões criadas é um bom indicador da disseminação dos Narcóticos Anônimos em uma determinada

localidade. Comparando os números apresentados logo acima sobre o Brasil, com os dos Estados Unidos, pode-se ter um exemplo disto. Apenas no estado da Califórnia existem sete Regiões de Narcóticos Anônimos, que prestam serviço a 34 Comitês de Serviço de Área. Como foi comentado logo acima, quase 60% dos participantes de Narcóticos Anônimos estão nos Estados Unidos e Canadá.

O *World Services Office* é a instância máxima da organização dos Narcóticos Anônimos. Qualquer mudança que se deseja fazer no nível mínimo da organização – o grupo – deve passar pelos diversos níveis representativos e chegar às reuniões de serviço mundiais, respeitando os princípios democráticos que regem os NA. Justamente por ser um tipo de associação que não possui líderes, tudo que é decidido dentro dos limites dos Narcóticos Anônimos é feito através do processo de “consciência coletiva”⁴⁵, por votações nos diversos níveis organizacionais. Por exemplo, se um membro de um grupo de Porto Alegre achar que em toda sala de reunião deve haver um relógio de parede, para controlar a duração das reuniões, este assunto entra em votação primeiramente naquele grupo, depois o representante do grupo leva a decisão tomada para a reunião com os representantes dos outros grupos, e assim sucessivamente, até que a pauta chegue a uma reunião mundial. Obviamente que este processo demoraria algum tempo, mas é como são decididos e mudados os assuntos estruturais nos Narcóticos Anônimos.

3.4.3 Subcomitês de Hospitais e Instituições, de Longo Alcance e de Informação ao Público

O Subcomitê de Hospitais e Instituições é de essencial importância para os grupos de Narcóticos Anônimos, no que diz respeito à questão de transmitir sua mensagem para aqueles “adictos que ainda sofrem”, se levarmos em consideração que muitos deles estão em instituições de tratamento ou mesmo presos, ou então em hospitais. Sua função

⁴⁵ A idéia de “consciência coletiva” dentro dos grupos de NA diz respeito a um processo democrático de escolha em determinadas situações. Se acontece de ser acionada durante uma reunião, por exemplo, a “consciência coletiva” diz respeito à somatória da opinião de cada um dos presentes, na forma da democracia direta. Em assuntos que dizem respeito à instituição de NA como um todo, a “consciência coletiva” é acionada nas suas diversas instâncias, começando pelos grupos, até chegar ao *World Services Office*.

é visitar estes ambientes nos quais se encontram participantes em potencial e apresentar painéis sobre como funcionam os grupos.

Nesses painéis, normalmente um membro com certa vivência de grupo faz uma “partilha” para o grupo que o assiste, contando como a participação em Narcóticos Anônimos mudou a sua vida para melhor, dizendo que é possível viver uma vida sem drogas mesmo “lá fora”, referindo-se à situação de isolamento em que se encontram seus ouvintes. Além disso, são distribuídos folhetos da literatura oficial e também pequenos guias de grupos da cidade, guias estes que contém os endereços e horários de reunião dos grupos daquela localidade, para quando essas pessoas saírem da sua situação de isolamento.

Os Subcomitês de Longo Alcance, basicamente, fazem a intermediação do contato entre os diversos grupos com a estrutura de serviços de Narcóticos Anônimos, podendo em alguns lugares se limitar a atividades em nível regional, e em outros em um âmbito maior ou menor. A principal missão dessas atividades é assistir os grupos para que se tornem auto-sustentáveis.

O Subcomitê de Informação ao Público é um tipo de serviço de relações públicas dos Narcóticos Anônimos. Nas minhas primeiras visitas aos locais de reunião, quando perguntava para algum membro sobre assuntos que diziam respeito à organização institucional, sobre a história dos grupos, sobre literatura, sobre qualquer assunto que dissesse respeito à “instituição”, me mandavam procurar o escritório de Informação ao Público. Neste lugar um representante do grupo está a disposição para esclarecer qualquer dúvida que um membro ou mesmo pessoas de fora tenham a respeito do funcionamento dos grupos de Narcóticos Anônimos. Sua principal função é exatamente ser a “voz oficial” da instituição quando esta é procurada principalmente por pessoas de fora da “irmandade”.

3.5 A Literatura Oficial de Narcóticos Anônimos

Nesta seção sobre a literatura de NA serão brevemente apresentadas e interpretadas algumas peças de literatura produzidas pelo grupo, destacadamente aquelas utilizadas durante as reuniões e que têm maior alcance de público. São elas: o “Texto Básico” (Livro Azul de Narcóticos Anônimos), os folhetos de Informação ao

Público, a Revista NA Way Magazine e o livro de meditações diárias “Só por Hoje”. Estes escritos são os mais utilizados no “programa de recuperação” proposto pelo grupo, mas existem vários outros que dizem respeito a parte organizacional da “irmandade” como manuais de prestação de serviços para os grupos – guia para prestação de Informação ao Público; guia para atuação no Subcomitê de Hospitais & Instituições, guias para serviços locais e mundiais, guia para atuação como tesoureiro de grupo – e boletins divulgados pelo *World Services Office* a respeito de temas específicos – geralmente temas que tenham causado controvérsia⁴⁶.

Muito dos ensinamentos compartilhados nas reuniões são passados oralmente, de membro para membro, tendendo a ser dos mais experientes para os mais novos, mas os textos são a referência última a ser consultada em casos de dúvidas. Os textos de NA foram escritos também por membros e se referem às experiências pessoais daqueles que escreveram, só que de maneira generalizante, em uma linguagem que pode ser acessada pela diversidade de pessoas que procura os grupos.

Com certeza a mais importante literatura de NA é o Texto Básico, publicado oficialmente pela primeira vez em 1983. Apesar de sua publicação tardia, o texto foi sendo paulatinamente escrito, principalmente por Jimmy K., com o passar dos anos, desde o começo do movimento de NA em meados da década de 1950. A versão que circula hoje, ao menos nos grupos de Porto Alegre, não contém depoimentos, apenas a apresentação do “programa de recuperação” de NA, mas existem versões mais extensas que contam com depoimentos selecionados de membros.

Conhecido como o “Livro Azul de Narcóticos Anônimos”, ou então como “Texto Básico”, esta publicação pode ser geralmente encontrada para venda nas salas de reunião de Narcóticos Anônimos, ou então nos subcomitês responsáveis pela distribuição de material. Muitos membros possuem este pequeno livro para uso particular, para terem em sua posse a literatura com o essencial do “programa de recuperação”. Nas reuniões abertas ele raramente é utilizado, sendo nestes casos mais utilizados os folhetos de Informação ao Público, mas existem reuniões de estudo em que o debate sobre os pontos abordados pelo texto é o centro do evento. Na introdução do livro consta a seguinte passagem:

⁴⁶ Tanto estes manuais de prestação de serviço quanto os boletins divulgados pelo *World Services Office* estão disponíveis no site oficial da irmandade. Os primeiros no seguinte endereço: <<http://www.na.org/handbooks/handbook-index.htm>>; os segundos neste: <<http://www.na.org/bulletins/bulletins-main.htm>>. (Acessados em 04/11/2008).

Este livro é a experiência compartilhada da Irmandade de Narcóticos Anônimos. Nós lhe desejamos boas vindas à leitura deste texto, na esperança de que a sua escolha seja compartilhar conosco a nova vida que encontramos. Não encontramos de modo algum uma cura para a adicção. Oferecemos, somente, um plano comprovado para a recuperação diária. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.XIII)

É interessante neste momento atentar para a linguagem utilizada na escrita deste pequeno livro. Ele foi escrito de maneira que representasse a opinião de todos aqueles que participam de Narcóticos Anônimos, como se fosse um compêndio de todas as experiências pessoais de seus participantes exposto de maneira generalizada, com o intuito de demonstrar que as experiências daqueles que padecem do que nos limites do grupo se chama de “adicção” são muito próximas. O estilo de narrativa utilizado para construir o Texto Básico visa a identificação daquele que lê com o conteúdo apresentado e proporciona uma idéia de pertencimento, de que os “adictos” são ligados entre si pela sua condição, já desde as primeiras linhas. Inúmeras passagens do tipo: “Aqueles de nós que encontraram o Programa de Narcóticos Anônimos não precisam pensar duas vezes sobre ‘Quem é um adicto?’ Nós sabemos!” (NA, 1993, p.3); “Nós nos concentramos em recuperação e sentimentos, não no que fizemos no passado” (NA, 1993, p.17); “Quando chegam ao programa, muitos de nós percebem que voltaram a usar inúmeras vezes, mesmo sabendo que estavam destruindo suas vidas” (NA, 1993, p.25); e assim por diante. A referência à semelhança de condição é recorrente em todas as 117 páginas do Texto Básico. Se antes de procurarem os Narcóticos Anônimos aquelas pessoas eram vistas como *diferentes* da normalidade, um dos principais argumentos desta “irmandade” é demonstrar que eles não estão sozinhos, que existem muitas outras pessoas passando pelos mesmos problemas e que estas se encontram, compartilham seus erros e acertos e se ajudam nas salas de NA.

Não apenas este Texto Básico, mas toda “literatura de recuperação” produzida pelos Narcóticos Anônimos foi escrita desta maneira, falando sempre de um ponto de vista coletivo e inclusivo, através do pronome “Nós”. Outra interpretação que pode ser extraída deste fato é que esta foi uma maneira de expressar o comprometimento da “irmandade” em ser totalmente auto-sustentada e independente de outras instituições, já que não há uma separação entre aquele que escreve a mensagem e aquele que recebe, mas basicamente a idéia presente nesta forma de apresentação é a de que todos são *iguais* – é um motor de identificação.

Chamo a atenção também para os folhetos de Informação ao Público, já que estes podem ser os primeiros escritos de NA que um novo participante tem contato. Nas reuniões abertas estes folhetos são lidos e refletidos conjuntamente pelos participantes, pois são curtos, concisos e bastante específicos. Estes folhetos estão normalmente disponíveis para venda nas salas de reunião por um preço acessível – R\$ 1,00 na época da pesquisa – e podem ser adquiridos por qualquer pessoa, assim como todo o resto da literatura. Os folhetos mais utilizados nas reuniões abertas são aqueles que apresentam o grupo e seus princípios, tendo em vista que nas reuniões abertas normalmente participam pessoas que não conhecem o modo de funcionamento de NA, como visitantes ou “recém-chegados”⁴⁷.

Os folhetos mais utilizados nestas ocasiões são quatro: “Bem-vindo a Narcóticos Anônimos”; “Quem, o que, como e porque”; “Para o recém-chegado”; “Sou um adicto?”. O primeiro deles não apresenta os Passos nem as Tradições que caracterizam os Narcóticos Anônimos, mas sim uma série de observações a respeito das sensações que aqueles que participam pela primeira vez possam estar sentindo, como medo, insegurança, nervosismo, dizendo que a maioria dos “adictos” experimentaram sentimentos semelhantes quando começaram a freqüentar os grupos. Em seguida toca-se num assunto essencial para o recém-chegado, como ingressar na “irmandade”: “É um alívio descobrir que o único requisito para ser membro é o *desejo de* parar de usar”. Aponta-se já neste momento, neste folheto introdutório e de boas-vindas, para o ideal da abstinência praticado pelos membros de Narcóticos Anônimos.

É interessante que desde o primeiro contato o “recém-chegado” saiba como funciona o programa de NA e que a abstinência total do uso de qualquer substância psicoativa é um elemento fundamental. Além de tocar neste assunto, dizendo que “A única maneira de não voltar à adicção ativa é não tomar aquela primeira droga”, os folhetos também adiantam que o programa de NA é muito mais amplo que a participação em reuniões, que para “vivenciar a recuperação” é necessária a prática dos 12 Passos e a redenção a um “Poder Superior”, assuntos recorrentes no restante da literatura.

Os folhetos de Informação ao Público têm um papel importante na circulação dos principais conceitos difundidos nos grupos de Narcóticos Anônimos, justamente porque

⁴⁷ Termo utilizado internamente para se referir àquelas pessoas que estão participando de uma reunião pela primeira vez, sem ainda ter “ingressado” como membro. Ou seja, é um membro em potencial, recorrentemente ressaltado como a pessoa mais importante a participar de uma reunião.

são textos curtos, objetivos, que abordam tópicos específicos e são lidos em momentos estratégicos no decorrer das reuniões. Além disso, diferentemente de um livro como o Texto Básico ou o “Só por hoje”, o custo do folheto é quase simbólico, e desta forma este pode ser mais facilmente *doado* a um novo participante ou então *dado de presente* por algum membro mais antigo, permitindo o estabelecimento de laços. Eu mesmo ganhei alguns dos folhetos durante a realização do trabalho de campo para esta pesquisa, já o livro do Texto Básico tive que comprar junto a um dos grupos que freqüentei. Se os folhetos de Informação ao Público tratam de assuntos pontuais, o Texto Básico é um compêndio de tudo aquilo que é importante no “programa de recuperação” de Narcóticos Anônimos.

4 INTERPRETANDO ALGUNS CONCEITOS CENTRAIS DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS

4.1 “Adicção”, “adicto na ativa”, “adicto em recuperação”

No segundo capítulo desta dissertação foi demonstrado que o consumo de substâncias psicoativas é uma prática recorrente entre seres humanos, variando em épocas e lugares, além das substâncias consumidas, as significações dadas a tais práticas. Em outras palavras, mudam os contextos de uso, tanto a maneira quanto a finalidade do consumo. Algumas destas substâncias são consumidas de maneira ritual, são consideradas sagradas, outras são consumidas com o intuito de embriagar-se (alterar-se), como uma forma de lazer.

Atualmente, de acordo com as ciências biomédicas, é fato que algumas destas substâncias, dependendo da maneira com que são consumidas, tornam o indivíduo dependente, transformam-no em um escravo, incapaz de escolher entre usar e deixar de usar. As experiências pessoais de inúmeras pessoas comprovam tais fatos, os membros de Narcóticos Anônimos são um pequeno exemplo da gama de indivíduos acometidos por esta síndrome ao mesmo tempo física, psicológica e social.

Como também foi demonstrado, a definição médica do fenômeno e sua proposta de intervenção é quase que exclusivamente física, biológica, atua no nível do indivíduo enquanto *organismo*. Um organismo dependente é um organismo intoxicado, que na falta da substância da qual está dependente reagirá de maneira brusca, manifestando o que se chama de *síndrome de abstinência* ou então *fissura* – uma vontade incontrolável e que domina a mente. Esta síndrome é um recado do *organismo* ao *indivíduo psicológico* de que algo muito importante está faltando, tão importante que irá se sobrepor em alguns casos a outras prioridades de sua vida cotidiana. O principal ponto de atuação da abordagem médica é justamente o *organismo intoxicado*. Seu principal objetivo é *desintoxicar* o organismo a tal ponto que ao não consumir a substância que outrora necessitava, a pessoa não sinta *fissura* ou qualquer outro sintoma da *síndrome de abstinência*.

Mas, dentro deste quadro de dependência, não é apenas o *organismo* dos indivíduos que se acostuma, depende da substância, mas também sua esfera psicológica e suas relações sociais, se pensarmos em uma idéia de indivíduo repartida entre – ou composta por – biológico, psíquico e social. Muitos dependentes químicos conseguem se desintoxicar, ficar sem consumir qualquer substância durante o período do tratamento médico, mas basta receber alta para voltar a consumir a substância que fazia uso e, muitas vezes, chegar ao estado de dependência novamente. Desta forma fica a pergunta: teve sucesso o tratamento médico? Se pensarmos do ponto de vista físico, biológico, a resposta é positiva, pois em muitos casos o quadro é revertido nestes termos. Mas se pensarmos a partir de um ponto de vista do indivíduo enquanto entrecruzamento das esferas biológica, psicológica e social, a dependência também deve ser pensada nestes termos, enquanto fenômeno que se manifesta neste mesmo entrecruzamento.

Estudos mais recentes vêm propondo a interdisciplinaridade no trato da “dependência química” ou a troca de informações em estudos de áreas distintas, justamente na tentativa de contornar esta defasagem que a abordagem enviesada por um único campo disciplinar pode proporcionar.

Talvez o principal motivo do sucesso no tipo de abordagem praticado pelos grupos de ajuda mútua como os Narcóticos Anônimos advenha do tratamento do indivíduo enquanto um ser múltiplo, não exclusivamente biológico, psíquico ou social. Assim, nas próximas páginas explorarei a sua definição particular de “dependência química” enquanto “adicção”, sendo este um dos pilares de seu “programa de recuperação”, a definição da “adicção” enquanto doença incurável.

Como dizem seus folhetos informativos e outros textos, quem não é “adicto” não fica se perguntando sobre esta possibilidade. Sobre os que compartilham desta condição, os textos dizem o seguinte:

A maioria de nós não precisa pensar duas vezes sobre esta pergunta. NÓS SABEMOS! Toda a nossa vida e nossos pensamentos estavam centrados em drogas, de uma forma ou de outra – obtendo, usando e encontrando maneiras e meios de conseguir mais. Vivíamos para usar e usávamos para viver. Um adicto é simplesmente um homem ou uma mulher cuja vida é controlada pelas drogas. Estamos nas garras de uma doença progressiva, que termina sempre da mesma maneira: prisões instituições e morte. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.3)

Ou seja, com isto querem dizer que é *evidente* quem compartilha desta condição. O simples fato de se questionar a respeito do assunto pode ser um indicativo de que a pessoa está seguindo este caminho. Para ser um “adicto” é necessário, no mínimo, que se consuma alguma substância psicoativa. Pensando inversamente, consumir uma substância psicoativa é o requisito mínimo para possivelmente se tornar um “adicto”. Assim, o ato de consumir – muito, pouco, da maneira que for – pode ser um indicativo de que a pessoa possa estar se tornando um “adicto”, mas no geral encaixam-se melhor nesta categoria aqueles que realmente passam a ter problemas associados ao consumo das substâncias, isso porque os que consomem sem maiores problemas acabam por não questionar – ou não serem questionados sobre – seu consumo.

Voltando ao que foi comentado nas linhas anteriores, sobre a abrangência e localização da “dependência química”, os Narcóticos Anônimos definem a doença da “adicção” como atingindo todas as esferas da vida do indivíduo: “Baseados na nossa experiência, acreditamos que todo adicto, incluindo o adicto em potencial, sofre de uma doença incurável de corpo, mente e espírito”. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.XIV)

A principal ruptura que os Narcóticos Anônimos tiveram que praticar em relação aos Alcoólicos Anônimos diz respeito exatamente ao conceito de doença utilizado em cada um dos grupos. Enquanto nos últimos precisa-se admitir a impotência perante o *álcool* – uma substância psicoativa específica –, nos primeiros admite-se a impotência perante a “adicção”, não a qualquer substância. Muda-se o foco da substância – seja ela qual for – para o próprio conjunto de sintomas que define o estado de “adicção” por si só, ou seja, o indivíduo está impotente perante a *doença*. Em passagens do Texto Básico, define-se assim o problema que aflige os participantes de Narcóticos Anônimos:

Nossa incapacidade de controlar o uso de drogas é um sintoma da doença da adicção. Não somos apenas impotentes perante as drogas, mas também perante a adicção. Precisamos admiti-lo para nos recuperarmos. A adicção é uma doença física, mental e espiritual que afeta todas as áreas de nossas vidas (...) O aspecto físico da nossa doença é o uso compulsivo de drogas: a incapacidade de parar uma vez que tenhamos começado. O aspecto mental é a obsessão ou o desejo incontrolável que nos leva a usar, mesmo destruindo nossas vidas. A parte espiritual da nossa doença é o total egocentrismo. Pensávamos que podíamos parar quando quiséssemos, apesar de todas as evidências em contrário. Negação, substituição, racionalização, justificação, desconfiança dos outros, culpa, vergonha, desleixo, degradação, isolamento e perda de controle são alguns resultados da nossa doença. Nossa doença é progressiva, incurável e fatal. Para a maioria de nós, é

um alívio descobrir que temos uma doença, e não uma deficiência moral. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.21-22)

A partir destas definições apresentadas pelo Texto Básico dos Narcóticos Anônimos, pode-se destacar um conjunto de qualidades do comportamento que são características dos “adictos”, a saber: a *compulsão*, a *obsessão* e o *egocentrismo*. Mas deve-se ressaltar que estes tipos de comportamento não são exclusividade de pessoas que consomem substâncias psicoativas e desenvolvem “dependência química”, pelo contrário, podem se manifestar em pessoas que jamais consumiram qualquer tipo de substância. Ou então podem voltar a se manifestar em (ex-)usuários que estejam em abstinência total há bastante tempo e serem interpretados como um indicativo de que alguma coisa não vai bem no “processo de recuperação”. Por exemplo, pode significar a iminência de uma recaída. É comum ouvir nas reuniões de Narcóticos Anônimos membros compartilharem com seus companheiros a respeito de “comportamentos de ativa” mesmo estando abstêmios, como no seguinte exemplo extraído da observação de uma reunião:

Bah, essa semana, percebendo melhor, eu estou sendo muito egoísta, egocêntrico. Estou achando que tudo tem que ser do meu jeito, na hora que eu quero, e isso não ta certo né. Agora é só isso, eu querendo impor a minha vontade a todos na minha volta, mas isso é um aviso, um aviso que se eu bobear, logo, logo estarei de novo na boca, mesmo estando limpo⁴⁸ há um bom tempo (Marcos, 45 anos, 2 anos e 3 meses limpo – membro não entrevistado)

Esta passagem ajuda-nos a pensar em como a noção de doença praticada pelos Narcóticos Anônimos, assim como a sua definição própria do “programa de recuperação”, são conceitos amplos, abrangentes, já que não focalizam apenas o consumo de psicoativos em si, mas uma série de comportamentos associados a esta prática. O objetivo do “programa de recuperação” de Narcóticos Anônimos não é apenas proporcionar a abstinência aos seus participantes e sim permitir que estes tenham uma mudança radical de vida na qual a abstinência total é um elemento central. Simplesmente “ficar limpo” não quer necessariamente dizer a mesma coisa que “vivenciar a recuperação” nos termos praticados pelos NA.

⁴⁸ Termo usado nos Narcóticos Anônimos para representar a idéia de *abstinência*. No próximo item deste capítulo discuto com detalhes e exemplos a utilização deste termo.

Como foi demonstrado logo acima, para os Narcóticos Anônimos “adicto é simplesmente um homem ou uma mulher cuja vida é controlada pelas drogas”. “Adicção” é o conceito que define a doença para a “irmandade” e trata-se de uma doença crônica, progressiva e incurável, podendo-se apenas controlar seus sintomas. Do ponto de vista do NA existem muitas pessoas que entrariam na sua categoria de “adicto”, mas não passam nem perto dos grupos ou de algum outro tipo de tratamento. Com isto quero dizer que existem muitos consumidores de psicoativos cujas vidas podem estar sendo controladas pelas drogas, mas que não são *direcionados*, à força ou por vontade própria, para a rede de assistência ao dependente químico. Para os Narcóticos Anônimos, “adicto” é uma condição *evidente* que deve ser *assumida*. Assim sendo, existem “adictos” dentro e fora dos grupos, “adictos” que já sabem da sua condição e outros que ainda não estão a par da sua situação, que não sabem ou não querem reconhecer seu problema. Ao mesmo tempo, a responsabilidade da doença não recai sobre os “adictos”. Muitos acreditam que a doença já estava presente muito antes de começarem a consumir qualquer substância psicoativa. A responsabilidade que lhes recai é para com a sua “recuperação”, esta sim dependendo única e exclusivamente do indivíduo.

Para diferenciar os dois tipos de situação, circulam na literatura da “irmandade”, assim como nos diálogos entre os membros, as categorias de “adicto na ativa” e “adicto em recuperação”. Ambas as categorias são usadas para se referir a “adictos”, com o diferencial de que no primeiro caso o “adicto” estará consumindo substância(s) psicoativa(s), e no segundo estará participando do “programa de recuperação” de Narcóticos Anônimos. Isso quer dizer que o fato de estar “limpo”, sem consumir qualquer substância, não torna ninguém um “ex-adicto”. Esta condição, uma vez assumida, deverá acompanhar constantemente aquele indivíduo, no mínimo enquanto ele estiver participando dos Narcóticos Anônimos ou compartilhando de seu referencial simbólico.

Observar esta diferenciação é interessante porque remete às duas únicas possibilidades que uma pessoa identificada por “adicto” tem, na opinião de Narcóticos Anônimos: continuar consumindo e, possivelmente, ser mandado para uma instituição de tratamento ou prisão ou, no pior dos casos, morrer; ou então procurar o caminho da “recuperação”, que não irá mudar sua condição de “adicto”, mas proporcionará uma mudança radical na sua vida, a ponto de controlar os principais sintomas da doença.

Pode acontecer de “adictos em recuperação” terem “recaídas” e voltarem a ser classificados na outra categoria, de “adicto na ativa”, mas isto dependerá da intensidade da “recaída” sofrida por tal pessoa. Se for o caso de uma única ocasião de uso, será classificada apenas como uma “recaída”, se este primeiro uso for impulsionador de um afastamento do grupo e da continuidade do consumo, o termo a ser usado será novamente “adicto na ativa”. Como será demonstrado a seguir, as “recaídas”, quando ocorrem, são consideradas momentos importantes no “processo de recuperação” do indivíduo, podendo ser interpretadas como um novo começo ou como a ruína do próprio processo. Mas uma coisa é certa, elas funcionam como uma espécie de *prova* de que a “adicção” é realmente incurável, do contrário, membros com décadas de abstinência não recairiam.

Neste ponto é interessante atentarmos para a noção de incurabilidade da “adicção”, considerada um fato dentro dos grupos de Narcóticos Anônimos, mas que não se apóia em qualquer evidência científica. Sua definição da “adicção” enquanto doença incurável é totalmente pragmática e auto-explicativa, tautológica: “nós assim a definimos porque funciona”. Ao mesmo tempo em que a noção de cronicidade pode direcionar o indivíduo a tomar um cuidado maior consigo mesmo, pode tornar a caminhada da “recuperação” mais árdua, mais difícil de ser encarada. Se pensarmos nos processos de saúde/doença como passagens rituais de estados (papéis sociais), primeiramente temos a separação do indivíduo doente do convívio social, em seguida a liminaridade do processo terapêutico e, por fim, a reintegração do indivíduo recuperado à vida em sociedade. No caso de doenças crônicas como a “adicção”, estas passagens de estado ficam obscuras, como demonstra Kleinmann:

Os doentes crônicos são como aqueles que ficam presos em uma fronteira, vagando confusos em uma área fronteira desconhecida, esperando desesperadamente retornar à sua terra natal. A cronicidade, para muitos, é o perigoso cruzamento das fronteiras, é a espera interminável pela saída e reentrada na vida cotidiana normal, é a perpétua incerteza sobre se alguém realmente pode voltar. Passar por esse mundo de limbo é se mover por um sistema ‘nervoso’, um reino de ameaçante incerteza. Para alguns essa passagem não é tão difícil, para outros se torna rotina como muitas outras coisas na vida; já para outros envolve o desespero de estar preso em um lugar que alguém passa a odiar e temer (...) a movimentação social para os doentes crônicos é como um vai-e-vem através de rituais de separação, transição, e reincorporação, de acordo com as idas e vindas [melhoras e

pioras] da sua própria doença (Kleinmann, 1988, p.181 – tradução minha)

Ou seja, é como se os doentes crônicos não conseguissem sair deste estado de liminaridade que é o próprio processo terapêutico. No caso dos grupos de Narcóticos Anônimos, realmente não há um período de participação que garanta a “cura” do indivíduo, por isso é necessária a participação constante, mesmo para aqueles que ficam “limpos” por muitos anos; caso contrário fica iminente a possibilidade de uma “recaída” e a volta ao estado de “adicação ativa”.

4.2 “Limpo”

A noção de “limpo” usada dentro dos grupos de ajuda mútua como os Alcoólicos e Narcóticos Anônimos é um interessante ponto de discussão e se refere à abstinência total do uso de qualquer substância (psicoativa) “que altere o humor”, nas palavras da literatura de NA, ou que cause “onda”, nas palavras de Vargas (2006). Comparando os Narcóticos Anônimos com outros tipos de grupos de ajuda mútua como os Neuróticos Anônimos, ou qualquer outro que não tenha relação com o consumo de substâncias psicoativas, este termo apresenta-se como uma peculiaridade.

Se a abstinência é considerada como um estado de “limpeza”, isto só pode ser pensado em oposição a um estado anterior de “sujeira” ou “impureza”. O consumo da substância psicoativa é considerado uma prática de poluição que deve ser evitado a qualquer custo. A literatura desses grupos aponta para a única possibilidade de controle da doença que os aflige: “a abstinência total” do uso de qualquer substância psicoativa. Mesmo as medicações controladas são vistas com alguma desconfiança pelos mais radicais, o que por vezes traz contornos problemáticos a esta idéia de abstinência total, como é exposto na seção de opinião da revista *NA Way Magazine* de janeiro de 2005, em artigo intitulado “E quanto à medicação?”:

Desde 1992, a posição de Narcóticos Anônimos em relação ao uso de medicamentos foi claramente definida em nosso folheto, aprovado por NA, que se intitula *Em tempos de doença*: ‘Narcóticos Anônimos como um todo não tem opinião sobre questões alheias, incluindo questões de saúde. A responsabilidade final em decisões médicas cabe a cada

pessoa, individualmente (...) Um purista de NA levanta a mão e começa a dizer para todo mundo que as pessoas que tomam medicação não estão realmente limpas, porque nosso Texto Básico diz que este programa é de total abstinência (...) Na minha área, houve conseqüências medonhas dessa interpretação equivocada de Narcóticos Anônimos, feita pelos puristas. Conheço casos de internação psiquiátricas que resultaram deste tipo de partilha, e até coisa pior. Um companheiro de NA que se mudou daqui da Flórida relatou que soube de um caso de suicídio de um recém-chegado que parou de tomar antidepressivo, depois de ouvir um purista dizer que ele não estava limpo. (NA Way Magazine, 2005, p.15)

Ou seja, há interpretações divergentes sobre o que são estas substâncias poluentes que devem ser evitadas pelos membros de NA. O álcool é constantemente ressaltado com uma destas substâncias que se deve evitar de todas as maneiras, pois muitos participantes têm a idéia de que seu problema é com as substâncias ilegais, que o álcool é diferente, e acabam tendo experiências desastrosas, como aponta um dos entrevistados para este trabalho:

Fiquei 6 meses e pouco limpo, claro recaí um pouco assim, tentei beber. Achei que meu problema era só maconha, tentei beber. Primeiro bebi [rindo], no outro dia eu fumei. Eu não, não dá, tem que fazer o que os caras me disseram, álcool é droga e se eu usar álcool eu vou recair na maconha e tal, não posso beber. (Gustavo)

Um dos outros entrevistados, Rafael me afirmou que o álcool seria uma importante “porta de entrada” para outras drogas:

Mas eu acho que ta uma aberração hoje. Já com a droga e com o álcool. E eu sempre digo que o álcool é o pai e a mãe de todas as drogas, o álcool é o pai e a mãe de todas as drogas, ela abre a porta pras outras. Vai chegar uma hora que não vai ta legal. Eu foi assim cara, eu tomei álcool, tomei álcool, ah mas pera um pouquinho, isso aqui, tem mais alguma coisa? Tem. Aí quando eu fui no tem, tem mesmo, um inferno te esperando. E essa moçada aí é tudo inibida né. Aí quando se soltam acham que é o barato né, quando querem sair já passou 10, 15, 20 anos e o inferno continua maior.

A noção de “limpeza” que deve ser partilhada pelos membros é, então, aquela que diz respeito a qualquer substância que “altere o comportamento”, na literatura de NA, ou cause “onda”, nas palavras de Vargas (2006). Desta forma, os medicamentos psicotrópicos, se tomados sob prescrição médica, são vistos não como agentes

promovedores do evento “onda”, mas como substâncias que atuam “normalizando” um organismo afetado de alguma maneira. Se tomados sem a prescrição médica, como é bastante comum, os psicotrópicos assumem a insígnia de “droga”, no mesmo sentido que a cocaína, a maconha ou o álcool, como substâncias alteradoras de comportamento.

Acredito que usar a palavra “limpo” para designar o estado no qual os indivíduos estão em abstinência total é uma estratégia eficiente para que eles possam reinterpretar suas experiências de uso de psicoativos a partir de um novo referencial, o da experiência negativa. Ao transformar “limpeza” em sinônimo de “abstinência”, qualquer prática de uso de drogas, mesmo que mínima e única, remete à sujeira, a situações que devem ser vistas de maneira condenável.

4.3 “Vivenciar a Recuperação”

“Vivenciar a recuperação” em NA é viver um dia de cada vez, é conseguir ficar *limpo* de 24 em 24 horas. Se na época de “adicção ativa” algumas dessas pessoas não conseguiam passar nem algumas horas sem consumir sua substância de preferência, ficar 24 horas *limpo* é uma grande vitória. A temporalidade é constantemente ressaltada neste sentido. Se a temporalidade de sua doença repousa na permanência, na incurabilidade, a maneira de controlá-la não é outra senão um dia de cada vez, também ressaltando para um aspecto de constância e intermitência.

Se no conceito médico de “dependência química” o que define o problema é a urgência do momento, é uma situação pontual que pode ser revertida a partir de um processo de desintoxicação, fato puramente físico, biológico, no conceito de “adicção” utilizados pelos Narcóticos Anônimos acontece exatamente o oposto. Tanto a doença quanto o tratamento são realidades de longa duração, que na verdade nunca cessarão de acontecer enquanto o indivíduo em questão estiver compartilhando daquele referencial simbólico. Se a “adicção” é uma doença incurável, a “recuperação” é também um processo que nunca estará finalizado, sendo que o termo “viver a recuperação” é o que melhor define esta liminaridade permanente. Se o indivíduo deseja a completude deste recurso terapêutico, não deve usufruí-lo instrumentalmente, pelo contrário, deve “vivê-lo”, deve transformar a sua própria vida cotidiana em um processo contínuo e diário de “recuperação”.

Este processo para os Narcóticos Anônimos começa com o momento em que um “adicto” qualquer pára de usar e fica *limpo*, como está expresso em seu Texto Básico:

O primeiro passo para a recuperação é parar de usar. Não podemos esperar que o programa funcione para nós se as nossas mentes e corpos ainda estiverem enevoados pelas drogas. Podemos parar em qualquer lugar, até mesmo numa prisão ou instituição. Fazemos de qualquer maneira que pudermos, a frio ou num local para desintoxicação, contanto que fiquemos limpos. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.59)

Há também uma recomendação feita no começo das reuniões para que nenhum participante esteja portando qualquer substância psicoativa ou instrumentos de uso. Da mesma forma, é pedido aos eventuais participantes que tenham feito uso de qualquer substância naquele dia para que não falem durante a reunião e procurem algum responsável no intervalo. Esta preocupação com a abstinência de seus participantes nas reuniões tem um único objetivo, que é o de preservar o ambiente de “recuperação” proposto pelos Narcóticos Anônimos. Pessoas sob o efeito de psicoativos podem incitar os outros participantes a querer usar, seja através do apelo corporal, aparecendo *alterado* diante de pessoas “adictas”, seja verbalmente, falando sobre sensações, sobre as substâncias em si, sobre coisas que supostamente não devem ser faladas nas salas de Narcóticos Anônimos. Como certa vez me disse Rafael⁴⁹ em um momento informal de conversa, sobre a questão da abstinência e da participação nas reuniões: “se você usou, o problema é seu; se você não usou, o problema é nosso”.

Uma situação que presenciei certa vez em uma reunião pode melhor exemplificar esta idéia. Com a reunião já em andamento chega uma mulher aparentando trinta e poucos anos, visivelmente agitada, e se senta no círculo já formado pelos participantes que chegaram no horário. No momento em que iriam ocorrer as “partilhas”⁵⁰ ela pega uma ficha para poder falar com o grupo e posteriormente é sorteada para usar a palavra. Quando começou a falar pode-se notar que estava de alguma forma alterada, não sei se por ter usado alguma substância ou porque estava em um estado de *necessidade*, *fissura*, precisando consumir. Seu depoimento foi no sentido de que estava decepcionada com os Narcóticos Anônimos, pois no dia anterior tinha *usado* e procurou uma companhia

⁴⁹ Membro de NA entrevistado durante a realização do trabalho de campo e citado outras vezes nesta dissertação.

⁵⁰ O ato de compartilhar suas experiências com o grupo no decorrer das reuniões é identificado pelo termo “partilhar” dentro de Narcóticos Anônimos. No capítulo 5 deste trabalho, itens 5.3 e 5.6, se discute detalhadamente o papel das “partilhas” nas reuniões e no processo de “recuperação”.

de grupo para pedir auxílio. Esta companheira, segundo a mulher que estava “partilhando”, se negou a encontrá-la e simplesmente recomendou que ela procurasse uma sala de reunião, pois não poderia fazer nada por ela já que ela já tinha *usado*. A mulher se mostrou indignada com esta atitude, falou que pensava que os Narcóticos Anônimos serviam para ajudar as pessoas nestes momentos difíceis e que a companheira tinha virado as costas para ela.

Como de praxe, todos ouviram em silêncio o seu depoimento, não fazendo qualquer ressalva ou julgamento, mas quando outra moça – bastante jovem, aparentando de 18 a 20 anos – teve oportunidade de compartilhar com o grupo, esta dirigiu a sua palavra diretamente para a mulher que havia reclamado. A garota disse que não recriminava aquela outra companheira, pois antes de pensar nos outros, ela tinha que pensar na sua própria “recuperação” e podia ser o caso de ela não estar muito confiante ou segura a ponto de poder encontrar uma pessoa que tivesse *usado*, que estivesse *alterada*. Estes encontros entre pessoas *limpas* e pessoas *usadas* podem ser comprometedores do “processo de recuperação” daqueles que estão se mantendo *limpos*, pois estes podem ainda não estar preparados para enfrentar tal situação. Por isso que a jovem moça aprovou a atitude da outra companheira ao apenas indicar que a mulher procurasse uma sala de reuniões e, se possível, não usasse mais qualquer substância.

A proposta de NA é que seus membros compartilhem experiências *negativas* a respeito do uso de psicoativos e *positivas* a respeito do “processo de recuperação”, já que é considerado um fato consumado a “alergia dos adictos por substâncias psicoativas”. O seu Texto Básico, por exemplo, é autodefinido desta maneira: “Muitos livros têm sido escritos sobre a natureza da adicção. Este livro trata essencialmente da natureza da recuperação. Se você for um adicto e tiver encontrado este livro, por favor, dê uma chance a você mesmo e leia-o”. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.1)

Os esforços de Narcóticos Anônimos não estão concentrados em centralizar a discussão sobre a doença da “adicção” – como foi demonstrado na seção anterior, sua definição é simples e pragmática – e sim em mostrar aos seus membros que o foco deve ser o “processo de recuperação”. Então se deve começar cortando o mal pela raiz através da abstinência total, não importando de que maneira. Mas manter a abstinência em longo prazo parece ser a tarefa mais difícil e urgente, já que a possibilidade de novamente desenvolver um estado de *compulsão* após um primeiro uso é bastante grande:

A única maneira de não voltar à adicção ativa é não usar aquela primeira droga. Se você é como nós, então sabe que uma é demais e mil não bastam. Colocamos grande ênfase nisto, pois sabemos que, quando usamos qualquer droga, ou substituímos uma por outra, liberamos nossa adicção novamente. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.19)

É justamente aí que entra a proposta de Narcóticos Anônimos, como uma maneira simples e pragmática de viver uma vida sem “drogas”:

(...) Somos adictos em recuperação, que nos reunimos regularmente para ajudarmos uns aos outros a nos mantermos limpos. Este é um programa de total abstinência de todas as drogas. Há somente um requisito para ser membro, o desejo de parar de usar. Sugerimos que você mantenha a mente aberta e dê a si mesmo uma oportunidade. Nosso programa é um conjunto de princípios escritos de uma maneira tão simples que podemos segui-los nas nossas vidas diárias. O mais importante é que eles funcionam. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.10)

Estar em abstinência é apenas o começo da caminhada da “recuperação” e um requisito essencial para vivenciar o programa, assim como o *desejo* daquele pretendente a membro em levar uma vida sem “drogas”, como diz a sua 3ª Tradição: “O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar”. Ou seja, aquele *desejo* pela *alteração* – remetendo ao conceito utilizado por Vargas (2006) –, por *usar drogas*, deve ser convertido em *desejo de não usar*, em *desejo de ficar limpo*. Este elemento é considerado essencial no sucesso do “programa de recuperação” proposto por esta “irmandade“, a *vontade*, a *motivação*, o *desejo* em se recuperar da condição em que se encontra. Diferentemente de outros tipos de terapia em que o paciente tem um papel mais *passivo* e *recebe* o tratamento, na proposta dos grupos de ajuda mútua o *envolvimento pessoal* dos seus participantes é muito importante para se atingir os objetivos terapêuticos. Um trecho de entrevista realizada com um membro de NA, quando falava sobre pessoas que são direcionadas pela justiça para as reuniões, ajudará a esclarecer este ponto:

É... aqui no grupo [X]... ta... eles não tem essa imposição assim de presen... freqüentar a reunião... porque pra nós assim ó, só vai ficar limpo quem quer... ta entendendo? Então o que que acontece... o cara chega ali ele é livre, ele chega a hora que ele quiser ali dentro, né... tem um cara que fica do lado do carimbo, ele só chega ali carimba o papel e

vai embora na hora [**Não precisa nem assistir?**] Não precisa nem assistir, não precisa nem sentar na cadeira... tem outros grupos que não, que tu chega... no início.. daí o intervalo né que é 1 hora, 10 minutos de intervalo, que no intervalo é pra carimbar... ou tu chega na hora do intervalo ou tu chega antes, se tu chega antes do intervalo tu tem que frequentar, tem que sentar ali e assistir... né... tem algumas outras que não, que só carimbam no final... aí os caras que não querem mesmo eles vão só no final, chegam lá ah só vim carimbar e pronto, vamo embora... então quer dizer não é uma... pro juiz que não conhece a história, ele acha que aquilo ali é um determinante na cura do cara mas não é... se o cara não quer não vai funcionar... assim como eu... cheguei muitas vezes, cheguei lá encaminhado pela... com a minha mãe assim né, debaixo do braço... bom, agora eu vou fazer pela minha mulher, bah to incomodando demais a minha mulher, vou dar um tempo... então eu ia lá... entrava na irmandade né, pra dar um tempo, pra acalmar os ânimos dentro de casa, pra minha mulher voltar a ser feliz de novo, respirar, bah agora ele ta vindo pra casa, sai do trabalho e vem pra casa... dava um tempo e voltava... voltava pra loucura, não queria, achava que não era o meu lugar, achava que podia usar socialmente... (Jorge)

Usando o exemplo de sua própria história de vida, Jorge indica que o *desejo* do participante é essencial na “vivência da recuperação” em Narcóticos Anônimos. Como ele próprio diz, não adianta a pessoa frequentar os grupos se não tiver vontade própria, pois desta forma fica difícil de acontecer a identificação com os outros participantes. Um trecho de entrevista com outro participante aponta para fatores *individualizantes* no “programa de recuperação de Narcóticos Anônimos”, no sentido de que cada um deve cuidar de si mesmo e ajudar os outros no que for necessário, mas a “recuperação” de cada um é assunto particular, e não se deve interferir ou julgar outros participantes, em como eles “vivenciam a sua recuperação”:

E tu sabe como é que é sala né, ali só tem cobra. Ninguém ali comeu balinha jujuba e nem comeu o amendoim do superpateta, todo mundo usou mesmo, então não tem anjinho ali, não tem anjinho, inocente ali não tem, então tu tem que ser ligeiro. Porque eu sempre digo pra todo mundo dentro de sala: ‘Aqui meu amigo, tu tem que cuidar do teu rabo, o rabo dos outros larga’. Isso eu sempre falo. Porque se tu pegar o rabo dos outros tu esquece do teu. Dali a pouquinho tu perde os pedaços do teu e tu não vai achar mais. Porque é um labirinto né. Sala é um labirinto. Eu cuido de mim. Tem pessoas que eu me identifico eu ajudo no que eu posso, mas não que eu tenha obrigação, não tenho obrigação com ninguém, eu tenho obrigação de cuidar de mim. E as vezes é complicado porque as pessoas querem botar personalidade né e eu já, eu respeito essa irmandade porque foi o lugar que salvou minha vida. Tem vários lugares que salvam vidas né, pra mim foi ali. Não é o céu,

mas foi a saída do meu inferno. Eu sei de onde é que eu vim, eu sei onde é que eu to, não é que eu sei onde é que eu vou chegar, eu sei aonde e o que eu quero hoje, então, pra mim é importante isso. O resto, dinheiro, trabalho, prestígio na sociedade, mulher, isso daí pra mim é secundário. Isso aí se eu andar direitinho vem tudo na minha mão. **[É consequência né]** Isso é consequência. Então as pessoas lá vão atrás de dinheiro, de trabalho, aí padece. **[Tem muita gente na irmandade assim que vai, que tu acha que vai atrás de outras coisas que não são a recuperação?]** Tem. Tem. Na realidade eles não querem recuperação, eles querem dar um tempo pra reconquistar as coisas perdidas. Mas o programa é individual, eu não posso interferir no programa do cara. Mas se ele usar, manipular o programa ele vai cair cara, mais dia menos dia ele cai. E ele vai vim naquela cadeira e vai falar pra mim naquela cadeira que ele usou e se quebrou. Então aí eu vou fazer o que? Eu vou pegar a experiência dele pra não fazer a mesma coisa que ele. É por isso que eu to esse tempo todo dentro da irmandade, e é isso que eu passo pros guri novo, ‘ó cara, presta atenção nas coisas meu’. Tem gente que ‘ah, o cara falou um monte de merda’. Usa a merda do cara meu, guarda ela que amanhã pode precisar cara (...). (Rafael)

Esta passagem demonstra que além de requerer a *vontade*, o *desejo* individual pela “recuperação”, o programa de Narcóticos Anônimos exige uma atitude de certa forma individualista no que diz respeito a como cada participante vivencia este processo, já que não se deve julgar os outros e sim trocar, aprender com eles. O programa é de *ajuda mútua*, mas ao mesmo tempo *individual*, no sentido de que cada um deve cuidar de sua própria vivência do programa, pois aquele que cuida da vida dos outros acaba esquecendo de cuidar da sua própria, como nos diz Rafael logo acima. O que permite a articulação da *ajuda mútua* com uma atitude *individualista* para com ela é o fato de que todo o programa de Narcóticos Anônimos é sugerido, não imposto. A única exigência feita a quem quer participar de uma reunião é que esteja *limpo*, sóbrio, e para o ingresso na “irmandade” é o *desejo de parar de usar*. O restante do “programa de recuperação” é praticado individualmente, no ritmo e intensidade que melhor couber a cada um. Mas, mesmo não impondo nada a seus membros, a literatura de NA diz que aqueles que seguem todas as suas sugestões encontram *de fato* a “recuperação”:

(...) Sabemos que a honestidade e a empatia são essenciais. A rendição total é a chave para a recuperação, e a total abstinência é a única coisa que funcionou para nós. Pela nossa experiência, nenhum adicto que tenha se rendido totalmente a este programa deixou de encontrar a recuperação. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.98)

A “recuperação” dentro dos grupos de ajuda mútua é exatamente aquilo que em outros tipos de terapia entraria na categoria de *cura*. O diferencial é que dentro da definição destes grupos, a doença que acomete o indivíduo é incurável, podendo-se apenas controlar seus sintomas. Como dizem Langdon (2003) ou Csordas & Kleinmann (1996), nos processos de saúde e doença existem algumas etapas que se repetem e começam com a percepção do estado doentio, a procura por ajuda e a avaliação dos resultados da terapia. No caso dos grupos de ajuda mútua o resultado do tratamento não pode ser avaliado senão diariamente, pois a “recuperação” é um processo nunca finalizado. É neste sentido que deve ser interpretado um dos lemas da “irmandade”, que é o “Só por hoje”. Se não há cura, cada dia que um “adicto” passa sem usar qualquer substância é uma vitória diante de sua condição, tendo em vista que outrora alguns deles não conseguiam passar nem mais de uma hora inteira sem consumir nada.

Como foi demonstrado no item anterior, a “adição” enquanto doença não se resume ao consumo desenfreado de alguma substância psicoativa, envolve também um conjunto de comportamentos e atitudes que caracterizam o “adicto”. Da mesma forma, a “recuperação” em Narcóticos Anônimos não se resume simplesmente à abstinência, ela diz respeito a uma transformação radical na vida da pessoa acometida por esta moléstia, que só pode acontecer se ela estiver *limpa* e seguir as recomendações de NA:

(...) A nossa doença envolveu muito mais do que apenas o uso de drogas, portanto a nossa recuperação tem que envolver muito mais do que a simples abstinência. Recuperação é uma mudança ativa nas nossas idéias e atitudes (...) Aprendemos que velhas idéias e velhas maneiras não nos ajudarão a nos mantermos limpos nem a viver uma vida melhor. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.59)

Além de sugerir a participação nas reuniões, o envolvimento com serviços prestados pela “irmandade”, o cumprimento dos 12 Passos e o contato com outros membros, há outras sugestões importantes presentes no “programa de recuperação” de NA que devem ser ressaltadas e elas dizem respeito principalmente ao convívio social de seus membros. Uma delas é a seguinte:

Uma boa idéia é irmos a uma reunião por dia, pelo menos nos primeiros noventa dias de recuperação. É um sentimento especial quando os adictos descobrem que existem outras pessoas que compartilham de suas dificuldades passadas e presentes. No início, podemos fazer pouco mais do que freqüentar reuniões. Provavelmente,

não conseguimos lembrar de uma única palavra, pessoa ou pensamento da nossa primeira reunião. Com o tempo, conseguimos relaxar e apreciar a atmosfera de recuperação. As reuniões fortalecem a nossa recuperação. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.60)

Esta sugestão indica que no começo do “processo de recuperação” o indivíduo deve, de certa forma, se deixar mergulhar naquele universo simbólico particular. Participando de uma reunião por dia poderá estar em constante contato com o grupo, seus membros e seus conceitos, facilitando a apreensão dos últimos. Como já foi sugerido em outro momento, as reuniões são o principal espaço de identificação entre seus participantes, já que nestas eles compartilham seus erros e acertos a respeito do “processo de recuperação”. Quanto mais intensamente um novo membro participar de reuniões, maior a possibilidade dele se identificar com os outros participantes e com os princípios difundidos pelos Narcóticos Anônimos.

Esta é uma das mais importantes sugestões presentes na literatura de Narcóticos Anônimos e bastante difundidas entre os membros, que se desenrola em uma outra, a de que se deve evitar *lugares, hábitos e pessoas* da época de “adição ativa”, justamente para não se confrontar com situações que remetam à esta época que deve ser *esquecida*. Se não *esquecida*, deve ser lembrada com uma época de dor, como um passado triste, já que a nova perspectiva para aqueles que ingressam nos grupos de Narcóticos Anônimos é justamente uma nova vida sem drogas.

Se durante a época da “ativa” os usuários de psicoativos participavam de “redes sociais” especialmente ligadas a esta prática, incluindo amigos usuários, fornecedores, espaços de consumo e as próprias substâncias, todo este entrelaçamento deve ser desfeito na proposta de Narcóticos Anônimos, com o objetivo de evitar ao máximo a aproximação ou o contato direto com as substâncias psicoativas. É o que os entrevistados relataram, que para cumprir o objetivo da “recuperação” tiveram que se afastar das amizades que mantinham na época de consumo. A grande dificuldade encontrada por participantes de NA é justamente se desvencilhar de velhos amigos, já que muitas vezes essas amizades não se limitavam às práticas de uso de psicoativos, mas vinham de longa data. Se um indivíduo qualquer acometido pela “dependência química” tinha nas suas amizades de infância os principais companheiros de uso, imagine a dificuldade em se afastar deles, caso estes continuem com a prática. Ou então se as únicas amizades que algum “dependente” tinha eram exclusivamente com outros

usuários. Afastando-se deles cria-se quase um vazio nos seus laços sociais, salvo suas relações familiares, que podem ter se deteriorado durante a fase crítica de sua doença.

Desta forma, os Narcóticos Anônimos não apenas sugerem que se rompam esses laços, mas proporcionam através da sua enorme rede de participantes a possibilidade de formação de novos laços de amizade, justamente com pessoas que compartilham da mesma condição, pessoas que estão ao máximo evitando o contato com substâncias e pessoas ligadas a essas substâncias. Ou seja, participar e “vivenciar a recuperação” em Narcóticos Anônimos é também criar novos laços sociais, desta vez com pessoas que não praticam qualquer uso de substâncias psicoativas.

Todos os entrevistados para este trabalho foram bem claros ao dizer: “meus amigos hoje se encontram em NA”. A única exceção foi Gustavo, que me disse tentar não ficar dependendo unicamente de Narcóticos Anônimos para criar laços de amizade ao discernir quais pessoas do seu convívio diário de trabalho e faculdade podem se encaixar no perfil que ele não precise evitar, ou seja, quais pessoas não fazem uso de psicoativos e não freqüentam ambientes nos quais se faz uso.

Em última instância, além de proporcionar um “programa de recuperação”, Narcóticos Anônimos se apresenta como uma possibilidade de “rede social” privilegiada para os “dependentes” em “recuperação”, já que é composta unicamente por pessoas que procuram evitar qualquer contato com substâncias psicoativas. A amizade que se cria entre os participantes não diz respeito unicamente ao “programa de recuperação”, mas pode se estender às vidas particulares de seus participantes, que se encontram para praticar atividades não necessariamente ligadas ao “programa de recuperação”.

4.4 As “recaídas”

As recaídas dentro do “programa de recuperação” de Narcóticos Anônimos são interpretadas por alguns participantes como uma confirmação de que são realmente doentes, e por outros como uma indicação de que o tratamento é ineficaz. No primeiro dos casos, pode ser o fato que impulsionará uma participação mais interessada e ativa nas atividades da “irmandade”, e no segundo, o fato que afastará aquele participante das

reuniões e dos companheiros e possivelmente o levará a repetir o consumo outras vezes, podendo voltar ao mesmo estado em que se encontrava antes de chegar aos grupos.

Como se ficasse implícita no ar, após a volta de um participante que abandonou as reuniões e recaiu, uma idéia do tipo: “Viu só? Não te falamos que tu ias recair se abandonasse às reuniões?” E assim aquela pessoa, muitas vezes constrangida, reconhece que sem o grupo ela não consegue lidar com a sua doença. A “recaída” é o que deve ser evitado ao máximo, mas em alguns casos não é considerada de todo mal se pensada dentro do “processo de recuperação” como mais amplo e duradouro ao invés de imediato, específico ou localizado, justamente porque serve como aprendizado para aquele indivíduo em “recuperação”: é uma confirmação de sua condição de doente. Existem alguns que conseguem manter sua “recuperação” desde o primeiro ingresso, por anos a fio sem qualquer recaída, já outros passam longos períodos ingressando e recaindo inúmeras vezes. Cito como exemplo dois dos entrevistados para este trabalho, sendo que um deles estava completando 14 anos de ingresso sem nenhuma recaída e o outro estava completando 12 anos da primeira vez que procurou um grupo de ajuda mútua, tendo recaído inúmeras vezes e estando, na época da entrevista, limpo há apenas 50 dias.

Algumas passagens presentes no texto básico de Narcóticos Anônimos expressam a idéia de que uma recaída, ao invés de ser um retrato do fracasso na “recuperação”, pode ser interpretada como um novo começo, uma prova de que até aquele momento o programa não estava sendo aplicado de maneira honesta ou com determinação. A recaída pode ser interpretada e ocorrer por motivos diversos, mas a idéia geral presente tanto na literatura quanto na fala de muitos membros é de que as recaídas são o resultado da falta de comprometimento com a aplicação do “programa de recuperação”, ou mesmo o relaxamento para com este. Cito a seguir alguns trechos da literatura que expressam estas interpretações sobre a recaída, primeiramente sobre o perigo da complacência com o “programa de recuperação”:

A recaída é uma realidade. Pode acontecer e realmente acontece. A experiência demonstra que, quem não trabalha nosso programa de recuperação, diariamente, pode recair (...) Nunca somos forçados a recair. É-nos dada uma escolha. A recaída nunca é acidental. A recaída é um sinal de que temos reservas para com o nosso programa. Começamos a negligenciar nosso programa e deixar brechas em nossas vidas diárias. Sem perceber as ciladas à nossa frente, tropeçamos

cegamente na crença de que podemos conseguir por nós mesmos. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.86)

Nesta passagem está incluída a idéia muito difundida entre os membros de NA de que aqueles que já têm algum tempo “limpo” muitas vezes são os mais propensos a ter recaídas, justamente por acharem que atingiram um estado em que já estão totalmente desvinculados das substâncias que usavam antigamente e não correm mais perigo, estão *imunes* à recaída. Mas, como foi mencionado anteriormente, a recaída pode significar um novo começo, no qual o programa passa a ser percebido e vivido com mais atenção e comprometimento:

A recaída pode ser a força destrutiva que nos mata, ou a que nos leva a perceber quem e o quê realmente somos. A miséria decorrente do uso não vale a possível fuga temporária. Para nós, usar é morrer em todos os sentidos. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.89)

Passagens de entrevistas realizadas com membros também apontam no mesmo sentido a respeito do papel das recaídas no “processo de recuperação”. Na entrevista com Gustavo, ex-usuário de maconha, ele me contou que após seu primeiro ingresso em NA ficou 7 meses “limpo”, mas aí passando o carnaval no litoral acabou usando lança-perfume com uma garota que estava paquerando naquele dia, fato que interpretou desta maneira:

“(...)Tá meu, aí fui pra casa ‘bah recaí’, aí no outro dia falei pro meu irmão, ‘bah usei lança-perfume ontem cara, eu acho que eu recaí velho’. [**Tu não bebeu nem nada, nem fumou?**] Não bebi, não fumei, foi só o lança. E eu ‘bah o meu, usei lança-perfume ontem’ (...) eu ‘ah o meu, recaí velho, acho que eu recaí, eu usei lança-perfume ontem de noite’, ele ‘não meu, capaz velho, tu não recaiu cara, para com isso cara, não inventa, tu só usou um negócio cara, pára’. Eu: ‘não eu recaí, como é que eu vou chegar no NA e dizer que eu to limpo?’ Daí nesse dia eu fui visitar meus amigos, de vez em quando eu ia meu, nesse verão eu ia meio que visitar os caras, o QG dos caras. Os caras só fumando maconha ali sabe, tocando violão, essas coisas. Os caras não eram maus sabe, os caras eram só perdidos e doentes como eu sabe, só que os caras não sabiam desse negócio que tu tinha que te separar das pessoas que usavam e enfim. Eu me lembro até que eu peguei um tijolinho de maconha assim, fiquei olhando meu e fiquei na dúvida. Como eu já tinha usado ontem eu fiquei na dúvida: ‘Bah, eu uso ou não uso?’, ‘Bah, mas se eu usar eu não vou poder dizer que eu to limpo dessa droga a tanto tempo’, ‘Bah eu uso ou não uso?’ e pá, larguei o troço e saí ‘o meu, vou nessa’ e saí. Saí da casa e voltei pra minha casa,

daí deu 2 dias eu voltei pra Porto Alegre e fui no NA, daí até conheci o grupo Independência, cheguei lá ‘bah olha, eu tava limpo a tanto tempo só que aconteceu tal coisa’, contei toda essa história que eu te contei agora, ‘e não posso dizer que to limpo a todo esse tempo né? Eu to limpo a tantos dias, to limpo a 8 dias’, desde esse dia que eu tinha usado. E continuei voltando velho, continuei voltando. Já tinha aprendido várias coisas né, mas zerei meu tempo limpo, zerei meu tempo limpo. E conheci outras pessoas como eu, tem pessoas como eu no grupo, que são surfistas, são bem jovens, que conseguiram se dar conta antes, consegui me identificar com eles. E percebi, olha velho, tu vai ter que andar com essas pessoas iguais a ti cara, anda com elas, funciona se for assim, serve o grupo de repente. Me identifiquei muito com o grupo, comecei a servir o grupo como secretário. **[no Independência?]** No Independência. Comecei a servir o grupo como secretário, me fez muito bem, muito bem. Aí comecei a andar com a galera de NA, com surfista de NA, a gente ia pra praia surfar no final de semana, daí desde então não recaí mais né. To limpo hoje a 2 anos, 10 meses e 2 dias né. É a coisa mais importante da minha vida ficar limpo né cara (...)”

Nesta passagem fica claro que uma recaída não necessariamente é o fim do processo, mas pode ser interpretada como um novo começo. Muitos membros de NA após uma recaída passam novamente da condição de “adicto em recuperação” para “adicto na ativa”, porque aquela primeira dose que deve ser evitada desencadeia toda uma sucessão de doses – não necessariamente de maneira compulsiva. Com isso quero dizer que em alguns casos o fato de ter recaído desanima aquele membro de NA e o afasta do grupo. No caso de Gustavo, ao ter consumido o lança-perfume na noite de carnaval, ficou tentado no dia seguinte a consumir a substância que o tinha feito procurar os Narcóticos Anônimos (a maconha) justamente por já ter considerado que tinha recaído de qualquer jeito, mas conseguiu contornar este impulso e voltar em seguida a participar dos grupos, desta vez com mais afinco.

Diferentemente dele, Jorge reconheceu durante nossa conversa que a sua situação dentro dos grupos era representada sob o nome de “cai-cai”, ou seja, aquele pessoa que não consegue ficar longos períodos “limpo”, que está constantemente “recaindo”:

Normal... esses dias eu tava na reunião lá... companheiro meu da antiga... eu nem sabia que ele tinha recaído... o cara com 11 anos limpo... achou que tava bem... recaiu... só que claro, na medida... quanto mais tempo tu fica limpo... né... maior... melhor é o retorno sabe, porque tu sabe que... bah... não tem saída... agora... é bem vulgo ‘cai-cai’ né... que era... era o meu caso... vai, fica 1 mês, 2 mês, 3 mês, 1 ano, cai, volta... **[Se usa esse termo?]** [Gagueja um pouco] Mas é

assim ó... é um... é em off né... bah, aquele ali é um ‘cai-cai’, bah aquele ali é um ‘cai-cai’, o cara não se firma... **[Só não se fala isso durante uma reunião né?!]** É... mas é o ‘cai-cai’ né... mas... mas mesmo assim o cara ta feliz que o cara voltou... pior é o cara que cai e não volta, ta entendendo?... tipo... por vergonha, por frustração, sentimento de derrota não volta... e aí acaba morrendo na rua, porque morre mesmo... morre mesmo... tu não... é impressionante assim a recaída meu... ela te dá a sensação de que assim.. bah fiquei ‘X’ tempo limpo, bah to bem... posso voltar a usar... aí tu volta com uma velocidade, com uma vontade... tipo assim ó tu quer... descontar aquele tempo que tu teve limpo... é impressionante a... a... a traição da... a traição da tua mente né, a tua mente mente pra ti mesmo... porque não, agora eu posso, pô fiquei um ano limpo... o que que dá usar uma vez aí tu vai usa, usa, quando vê tu já ta um mês usando direto de novo... **[Nunca é só uma vez?]** Nunca é só uma vez... e aí muitos não voltam... aí a gente fala do grau de ‘insucesso’... a estatística assim prova... muitos... como dizem assim... muitos os chamados, poucos os escolhidos... na verdade é o cara que se escolhe, tu que se escolhe... é tu através de um despertar assim que diz... bah olha, aqui é o meu lugar...

Do seu caso podemos concluir que as recaídas não foram empecilho para que continuasse voltando, pelo contrário, quando via sua situação piorando novamente procurava os grupos de NA. Este caso é um exemplo da utilização instrumental dos Narcóticos Anônimos, como uma maneira de controlar esporadicamente o uso de psicoativos, já que o entrevistado intercalava períodos de consumo intenso com períodos de participação nas reuniões. Esta é uma das hipóteses que formulei durante a fase exploratória do campo, de que algumas pessoas não necessariamente “se convertiam” nos Narcóticos Anônimos, no sentido de mudarem radicalmente de vida, ou de que esse “convertido” seria um “tipo-ideal” de participante, não necessariamente condizente com a realidade de muitos outros. Este “convertido” existe com certeza, mas em alguns casos é uma realidade momentânea, passageira, enquanto que em outros perdura por longos períodos; vide os exemplos apresentados no primeiro capítulo deste trabalho, com as biografias de Jorge e Rafael, o primeiro considerado um “cai-cai” e o outro um membro “convertido” desde sua primeira participação. Como vimos até o momento, as rupturas nesse “processo de recuperação” são mais constantes do que se imagina, a tal ponto que apenas uma minoria consegue desde seu primeiro contato com a “irmandade” captar a mensagem, aplicá-la em sua vida e permanecer “limpo” a partir daquele primeiro momento.

5 AS REUNIÕES DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS: UM ESPAÇO (RITUAL) DE INTERAÇÃO E RE-SOCIALIZAÇÃO

5.1 A rede de Narcóticos Anônimos em Porto Alegre

Na cidade de Porto Alegre existem atualmente 21 grupos de Narcóticos Anônimos distribuídos pela cidade, sendo que cada um deles tem dias e horários específicos para a realização de suas reuniões. Foi-me informado por alguns membros que os grupos de uma cidade (ou região) tentam se organizar conjuntamente de forma a possibilitar uma abrangente combinação de locais e horários de reunião, para que aqueles que queiram (ou necessitem) participar possam fazê-lo com certa facilidade, independentemente do dia da semana, do horário ou de sua localização. A sugestão para aqueles que desejam participar de reuniões de NA e não encontram grupos em suas comunidades é a de fundar um novo grupo. Além de ser um processo supostamente simples, existe um incentivo por parte do *World Services Office* no sentido de que fornecem gratuitamente o material básico necessário para iniciar um novo grupo. (www.na-pt.org – “Iniciando uma nova reunião”, Acessado em 12/09/2008)

Como foi mencionado em um capítulo anterior⁵¹, o grupo é a menor instância organizacional de Narcóticos Anônimos. Na cidade de Porto Alegre eles se localizam em sua grande maioria dentro dos domínios de igrejas, mas sem possuir qualquer vínculo com as mesmas, a não ser o de inquilino, já que as salas são geralmente alugadas. Na cidade existem até o momento 21 grupos, sendo que 15 deles se reúnem em salas alugadas junto a igrejas, outros 5 são sediados em centros comunitários ou de saúde e apenas 1 se reúne em uma escola, mas que fica também junto a uma igreja. O mesmo espaço de uma igreja é cedido a 3 diferentes grupos que se reúnem em dias e horários diferentes e todos os outros são sediados em locais diferentes, abrangendo várias regiões da cidade. Para se ter uma idéia da disponibilização de reuniões apenas na cidade de Porto Alegre, nas segundas-feiras são realizadas seis reuniões; nas terças-

⁵¹ Para esclarecimentos a respeito da organização institucional dos Narcóticos Anônimos, ver capítulo 3, item 3.4.1 desta dissertação.

feiras, quatro; nas quartas-feiras, sete; nas quintas-feiras, cinco; nas sextas-feiras, seis; nos sábados, seis; e nos domingos, cinco reuniões, totalizando 39 reuniões semanais.

Durante os dias úteis da semana, dois grupos se reúnem ao meio-dia, ambos na região central, um deles às terças e sextas e o outro às segundas, quartas e quintas. Os demais grupos que se reúnem em dias úteis realizam suas reuniões no horário noturno, após o expediente do horário comercial, sendo que a grande maioria deles começa suas reuniões às 19h30min. Nos finais de semana é possível participar de reuniões no começo da tarde, no meio da tarde e à noite. Além disso, no domingo é realizada uma única reunião pela manhã. Esse parágrafo talvez um tanto confuso com horários e datas de reuniões é apresentado para exemplificar que o intuito da rede de grupos é proporcionar a maior flexibilidade possível de horários e locais de reunião para que seus membros possam exercer suas atividades cotidianas normalmente e também freqüentar as reuniões.

No papel de pesquisador cujo objetivo era o de abordar participantes de NA, tive que ir atrás dos grupos da cidade de Porto Alegre, procurar saber onde estes se localizavam e quais reuniões eu poderia assistir nesta condição. Tive que *fazer aparecer* esta rede de grupos, esta “irmandade” que atua de maneira praticamente invisível à grande maioria da população mundial que não tem problemas relacionados ao consumo de substâncias psicoativas. Suponho que dificilmente alguém que não tenha tido direta ou indiretamente problemas desta natureza ficará sabendo da localização dessa rede em sua cidade ou nas proximidades. Eu mesmo, antes de ter surgido o interesse por este tema de pesquisa que me acompanha desde o curso de graduação, jamais havia reparado na existência dos grupos.

Desta forma, eu cheguei aos grupos porto-alegrenses procurando-os através de um de seus poucos meios de comunicação (ou divulgação) com a sociedade circundante, sua *home-page* na internet⁵², que é de livre acesso a qualquer pessoa em grande parte do seu conteúdo – o conteúdo restrito é apenas acessível a membros-servidores de Narcóticos Anônimos e diz respeito a assuntos organizacionais. Neste sítio é possível fazer uma busca de reuniões por localidade e foi onde consegui as primeiras informações da rede formada na capital do Rio Grande do Sul. Tendo conseguido um pequeno mapa das localidades das reuniões e seus horários, assim como a

⁵² O endereço eletrônico é o seguinte: www.na.org.br

disponibilidade de reuniões *abertas* das quais eu poderia participar, o próximo passo dado foi justamente a procura das salas de reunião.

Particpei de aproximadamente 30 reuniões *abertas* ao longo dos anos de 2006 e 2007. O período mais intenso de participação foi nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2007, tendo participado de maneira esporádica de algumas reuniões no restante do período citado. Dos vários grupos que existem na cidade de Porto Alegre, limitei-me a participar daqueles que eram de acesso mais fácil para mim, já que no período de um curso de mestrado seria impossível conseguir apreender toda a rede de 21 grupos presente na cidade de maneira satisfatória. Quando digo *acesso mais fácil* me refiro à localização geográfica dos grupos escolhidos, que foram os localizados na região central da cidade e suas imediações. Desta forma, particpei de pelo menos 1 reunião em 5 diferentes grupos da cidade, todos eles localizados no centro ou nas imediações da região central, tendo repetido a participação em 3 destes 5.

É interessante notar um fato sobre os participantes de determinados grupos de Narcóticos Anônimos. Como sua própria literatura expressa claramente, NA não faz distinção de classe, raça, gênero ou crença religiosa em relação às pessoas que desejam se tornar membros do grupo. Mas, de certa forma, a localização geográfica de cada um dos grupos reflete a situação social de seus participantes, em maior ou menor grau, lembrando sempre que existem participantes que circulam por diversos grupos, sem distinção. Com isso quero dizer que um grupo localizado dentro de um centro de saúde comunitário em uma zona carente da cidade dificilmente contará com participantes de um estrato social mais privilegiado, que moram em uma zona nobre da cidade, principalmente se houver no mesmo município outros grupos em uma localização mais próxima destes últimos.

Dois fatores me fizeram pensar nesta hipótese: em primeiro lugar, comparando a observação em dois grupos distintos, um localizado no bairro Santana e outro no bairro Auxiliadora; em segundo, algumas passagens das entrevistas realizadas com membros. Minhas observações não tiveram o intuito de transparecer qualquer tipo de *diferença de classe* a respeito de cada um dos grupos, mas esta pista emergiu das observações. No primeiro dos grupos citados, apesar de não ser localizado em um bairro periférico da cidade, pude perceber que pouquíssimos participantes chegavam de carro às reuniões, enquanto no segundo, localizado próximo a uma região nobre da cidade, a grande maioria dos participantes chegava de carro, alguns inclusive em carros importados.

Não apenas o fato de se utilizar de um meio de transporte particular, mas a maneira de se vestir dos participantes e o vocabulário usado durante as reuniões apontou para diferenças sociais neste sentido. Enquanto no primeiro deles os participantes se apresentavam de maneira mais casual, alguns deles de bermuda e chinelos, no segundo muitos apareciam bem vestidos, com roupas formais. Apesar de os Narcóticos Anônimos sugerirem que apenas o fato de todos os participantes compartilharem de uma mesma condição – a de “adicto” – gera a identificação, existe uma tendência de que este processo leve em consideração outros fatores. Apresento um trecho da entrevista realizada com Jussara para exemplificar:

Até logo que eu cheguei em NA, as pessoas me achavam assim, algumas, não é todas né, porque a gente fala muito em igualdade, em cada um, na 3ª Tradição né, não importa o que você fez, qual é o seu sexo, condição social. mas algumas pessoas me discriminava sabe. **[Mesmo? De que forma?]** Ah, me achavam assim meio metida a besta sabe. **[Mas isso foi uma coisa que dificultou talvez a tua inserção?]** Não, não. **[Porque também tinham pessoas que te acolhiam]** É, é. Os que me achavam besta, sei lá, problema deles, outros eram super chegados em mim. Até assim ó, até pelo meu vocabulário já, tem algumas pessoas que não conseguiam entender o meu vocabulário. Eu não podia mudar meu vocabulário. Não era assim, eu sou simples né, como eu te disse, meu pai era uma pessoa simples, a pessoa que eu mais admirava, como é que eu vou ser metida a besta assim né. Mas eram esses detalhes assim, o fato de algumas pessoas irem de chinelo de dedo e camiseta furada e eu ter um carro. Tipo ‘bah, essa daí não chegou no fundo do poço’, sabe. Ela tem casa, ela tem carro, ela fala o que eu não entendo. (Jussara)

Outro exemplo pode ser retirado de um texto informativo divulgado pelo *World Services Office* intitulado “Freedom from prejudice”⁵³ (Liberdade do preconceito). Este texto deixa explícito que qualquer diferença entre os participantes deve ser superada por aquilo que os torna iguais, a condição de “adicto”. O fato de o Escritório Mundial de Serviços ter se pronunciado sobre o assunto indica que o preconceito é um elemento presente no universo dos Narcóticos Anônimos, como é também presente se pensarmos na vida social como a amplitude das relações sociais do mundo moderno-contemporâneo. O preconceito se manifesta de maneiras diversas, podendo ser relacionado a questões de gênero, étnicas, de classes sociais, de opção sexual, políticas, dentre outras; tem a ver com idéias pré-concebidas que uma pessoa tem a respeito de

⁵³ Disponível em <<http://www.na.org/bulletins/bull20.htm>> e <<http://www.na.org/bulletins/bull28.htm>> (Acessado em 30/10/2008).

outra(s). Nos grupos de Narcóticos Anônimos este preconceito pode assumir outras formas como por exemplo a discriminação de pessoas que entram e saem dos grupos constantemente, que têm muitas recaídas, que têm dificuldade em ingressar na carreira de “recuperação”, entre outros fatores.

5.2 Chegando às salas de reunião de Narcóticos Anônimos

Como é constantemente ressaltado pelos participantes, ninguém chega às salas de reunião por acaso. Quando um novo pretendente a membro se dirige a uma sala de reunião, de uma forma ou de outra ele conseguiu a informação de que ali haveria uma sala aberta e disposta a recebê-lo. Essa informação se dá, muitas vezes, através do 12º Passo da “irmandade”, que diz que a mensagem deve ser levada a outros “adictos”. Ou seja, se um membro tem conhecimento de algum usuário de psicoativos que possa estar procurando ajuda e não sabe qual direção tomar, é seu papel informá-lo de que existe um lugar onde pessoas se recuperam e levam uma vida “limpa”: os Narcóticos Anônimos. Outra maneira de se conseguir esta informação é através do Subcomitê de Hospitais e Instituições, que faz visitas a presídios e instituições de assistência ao “dependente químico” e apresenta painéis sobre o básico do programa de Narcóticos Anônimos aos internos, também ressaltando que “lá fora” – lembrando que estas instituições são, geralmente, fechadas – existe um lugar onde as pessoas se reúnem para levar uma vida “limpa”. Segundo fui informado, este subcomitê apresenta seus painéis também em audiências em que são julgadas pessoas que foram flagradas pela polícia com alguma substância psicoativa ilícita. Nestes casos de julgamento de pessoas enquadradas como “usuárias” pela Justiça não são apenas os painéis que surtem efeito em recrutar novos membros, o próprio parecer do juiz, muitas vezes, obriga o réu a comparecer a determinado número de reuniões da “irmandade” e carimbar um documento oficial que deve ser apresentado posteriormente perante o tribunal. Este procedimento é denominado por Carvalho (1996; 2007) de “Justiça Terapêutica” e vêm sendo aplicado correntemente no Brasil. Stengers (1997) também aponta para este entrecruzamento das esferas médica e jurídica.

Posso afirmar, baseando-me em minha observação das reuniões e conversas com membros, que o contingente de pessoas que são enviadas aos grupos pela justiça não é

pequeno, mas os que permanecem participando após o cumprimento da obrigação judicial são poucos, já que muitos deles não chegam a participar do encontro, apenas carimbam seus papéis e se dirigem porta afora. Mensurar qual a porcentagem de pessoas enviadas pela justiça que de fato “ingressam” na “irmandade” pode ser um dado interessante, mas que não cabe ao presente trabalho.

Apenas para finalizar a apresentação de algumas maneiras pela qual uma pessoa pode chegar a Narcóticos Anônimos, ouvi relatos de que mesmo profissionais da saúde como médicos psiquiatras ou psicólogos podem fazer a indicação para seus pacientes da existência de NA, que deve ser seguido paralelamente à terapia proposta pelos profissionais como uma maneira adicional de se manter abstinente, como no caso de Gustavo, um dos participantes entrevistados. Obviamente que se pode chegar às reuniões da “irmandade” de inúmeras outras maneiras, apenas cito aqui aquelas que segundo os interlocutores desta pesquisa parecem ser as mais comuns.

5.3 Sobre a abordagem das reuniões

Como foi demonstrado no decorrer deste texto, o principal serviço oferecido pela “irmandade” de Narcóticos Anônimos são as reuniões, que são realizadas por *grupos* específicos que se reúnem em horários e locais específicos. O objetivo deste capítulo é apresentar aos leitores um pouco do que acontece nessas reuniões através de um exercício de descrição etnográfica. Além de apresentar o material sobre os NA coletado durante as observações, concomitantemente será feita uma discussão sobre o próprio fazer antropológico, sobre aquilo que Geertz chama da experiência de *estar lá*, através de minha incursão em campo, por entender que é importante para a elaboração de um bom trabalho etnográfico explicitar de que maneira se construiu o que alguns autores pós-modernos denominam de *encontro etnográfico*. Em outras palavras, pretendo demonstrar que tipo de receptividade eu tive ao procurar os grupos, em que circunstâncias pude participar de suas reuniões, que tipo de vínculo/relacionamento construí com os informantes, entendendo que todo esse processo de construção das relações é uma etapa importante na elaboração da etnografia.

Outros trabalhos sobre grupos de ajuda mútua apontaram para os momentos de “partilha” (depoimentos pessoais) como o principal acontecimento destas reuniões,

justamente quando os participantes expõem suas angústias, seus erros e seus acertos no “processo de recuperação” junto a seus companheiros de grupo, proporcionando a identificação entre eles. É inegável o valor terapêutico deste tipo de atividade; os trabalhos citados anteriormente demonstram tal fato, principalmente o de Trois (1998), no qual o autor apresenta as reuniões como um ritual performativo de identificação.

As “partilhas” são os *momentos oficiais* de circulação dos símbolos dos grupos de ajuda mútua, nos quais aqueles que se utilizam da palavra, por mais que estejam falando de suas próprias vidas, falam através da *verdade* contida no discurso do próprio grupo. Mas durante minhas observações de campo pude perceber que estes não são os únicos momentos importantes de circulação dos conceitos do grupo, já que as trocas entre os participantes acontecem também fora destes *momentos oficiais*, em momentos de socialização informal. Desta forma, os aspectos a serem focados na descrição das reuniões aqui proposta incluem, além das “partilhas”, os momentos de interação que ocorrem antes, ao final e no intervalo das reuniões; o tipo de acolhimento que é praticado com os chamados “recém-chegados”; a relação dos membros com a figura do pesquisador – e outros visitantes – participando das reuniões; o “ritual de ingresso” na “irmandade”, que é praticado durante as reuniões, assim como o de “troca de ficha”; a coleta das contribuições, entre outros.

Em outras palavras, este exercício de descrição tentará focar outros elementos componentes das reuniões além das “partilhas” – ou o conteúdo destas –, em vista de que ao se comparar com as descrições e análises já realizadas em outros trabalhos sobre grupos de ajuda mútua não haveria muito que se acrescentar, principalmente em se tratando do papel destes depoimentos enquanto recurso terapêutico e motor de identificação entre os participantes. Chama-se a atenção, desta maneira, para o fato de que não apenas nos momentos *oficiais* de “partilha” no decorrer das reuniões que pode acontecer a identificação entre os participantes e a apreensão dos conceitos ali difundidos de “adição” enquanto doença incurável e de “recuperação”. Essas idéias circulam também nestes outros momentos a serem apresentados, assim como em muitos outros ainda localizados fora dos espaços de reunião, nas trocas que podem ocorrer entre participantes de NA encontrando-se em situações cotidianas – *fora dos espaços físicos de atuação da “irmandade”*.

Propõe-se aqui pensar as reuniões como espaços ao mesmo tempo de interação – a lá Goffman (1985), já que uma reunião pressupõe o encontro físico entre várias pessoas em um mesmo ambiente sendo que não necessariamente todos se conhecem ou sabem

como agir dentro das normas implícitas e explícitas do grupo, ao mesmo tempo em que trocam experiências subjetivas sobre um determinado problema (“adicção”) em comum – e de re-socialização – aqui à maneira como pensam Becker & Luckman (1976) quando se referem a transformações radicais de realidades subjetivas (incluindo a identidade) que podem ocorrer através de processos sociais, ou seja, principalmente dentro de alguns grupos que expressam interpretações da realidade objetiva que sejam coerentes, plausíveis e passíveis de serem apreendidas por outros. O limite extremo da re-socialização, ainda pensando com estes autores, seria o que chamam de *alternação*, que é quando a transformação é praticamente total – ou ao menos passa esta impressão –, sendo o exemplo mais característico deste caso, segundo eles, a conversão religiosa. (Becker & Luckman, 1976, p.209).

As reuniões de Narcóticos Anônimos atuam, desta forma, como uma espécie de *porta de entrada* para todo um universo simbólico particular que define o uso problemático de substâncias psicoativas pelo termo “adicção” e a entende como uma doença incurável, apenas controlável através da abstinência do uso de qualquer substância que altere o humor ou o comportamento. Nestas reuniões encontram-se para a troca de experiências pessoas já iniciadas nos grupos de NA, algumas com muitos anos de participação e manutenção da abstinência (“limpos”), com outras chamadas de “recém-chegados” que podem estar tendo um primeiro contato com os grupos naquele mesmo dia e ainda não saber exatamente do que se trata a “adicção”, ao menos nos termos com os quais a “irmandade” a entende.

5.4 Sobre os diferentes tipos de reunião

Apesar de ser um agrupamento quase invisível ao grande público, é bom deixar claro que de maneira nenhuma a “irmandade” se coloca *contra* a participação de membros da comunidade que não tenham o problema da “dependência química”, pelo contrário, suas *reuniões abertas* são a prova de que a comunidade é bem-vinda às salas de reunião, desde que procure respeitar os princípios de anonimato ali pregados. Em uma passagem do Texto Básico: “Reuniões fechadas são para adictos ou para quem pensa que possa ter problemas com drogas. Nas reuniões abertas, é bem-vinda qualquer pessoa que queira conhecer a nossa irmandade”. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.13)

Pensando no principal ideal da “irmandade” que é o de “levar a mensagem ao adicto que ainda sofre”, a abertura para participação nas reuniões de pessoas que não tenham direta ou indiretamente *problemas com drogas* é uma forma de divulgar os serviços oferecidos sem fazer qualquer tipo de *propaganda* propriamente dita.

As reuniões abertas são aquelas em que participam não apenas membros, mas também pessoas da comunidade tais como familiares de membros, profissionais, estudantes, pesquisadores, curiosos ou quaisquer pessoas que tenham vontade. Segundo informações recolhidas junto aos participantes, o *formato* das reuniões *abertas* e *fechadas* é o mesmo, a seqüência dos momentos da reunião e os próprios elementos componentes do que se entende por ritual permanecem iguais. Aquilo que seria diferente, segundo os informantes, são os assuntos compartilhados por eles nos momentos reservados à fala, que no caso das reuniões fechadas são supostamente mais intimistas, “reservados a assuntos pessoais daqueles que se identificam por adictos”.

Já nas reuniões abertas, muitas vezes, os assuntos dos depoimentos podem ser outros, como a apresentação do grupo, o agradecimento a “irmandade” e aos presentes, entre outras coisas. Pelo que me foi relatado, alguns participantes se sentem inibidos de falar certas coisas na presença de visitantes, outros não. Cito o exemplo de um dia em que eu participava de uma reunião e na ocasião um dos presentes estava completando 15 anos de “tempo limpo”. Aqueles que completam determinado “tempo limpo” acumulado, assim como os novos ingressantes, têm direito a receber aquilo que chamam de “ficha”⁵⁴ em um determinado momento das reuniões. Muitos membros escolhem as reuniões abertas para receber tais “fichas”, pois assim podem recebê-las das mãos de familiares ou no mínimo contar com a presença deles ou de amigos na ocasião, como foi o caso do exemplo aqui aludido, no qual um homem aparentando 50 anos trouxe sua mãe para a reunião, já uma senhora de idade avançada, para lhe entregar a “ficha”. Assim que este momento passou e o homem recebeu o medalhão de sua mãe, os dois se retiraram da sala.

Nesta pequena cena que quero apresentar para ilustrar a restrição que alguns participantes têm em falar sobre qualquer assunto nas reuniões abertas, após o homem mencionado logo acima e sua mãe terem se retirado da sala, um dos presentes fez questão de verificar na hora de fazer sua “partilha” se “a senhora já foi embora, ou ainda

⁵⁴ Estas fichas são, na verdade, chaveiros coloridos com o logotipo dos Narcóticos Anônimos – um NA estilizado – e cada uma das cores representa um tempo de abstinência acumulada atingido. Para mais informações, consultar o item 5.6 deste capítulo.

ta aí?”. Isso para, no momento seguinte, usar palavras bastante duras para denominar a si mesmo na época em que *usava drogas*, dizendo “eu era um filha da puta mesmo, é isso que eu era”. Ou seja, antes de usar um linguajar mais ofensivo fez questão de verificar quais pessoas poderiam ser atingidas por aquelas palavras. Mesmo assim, ainda havia na sala alguns outros visitantes, como eu próprio e outras pessoas, inclusive a mulher de um outro membro, mas o que pesou naquele momento foi o fato de haver uma senhora de idade e ser a mãe de um dos membros.

É importante notar, de acordo com o que os próprios participantes fazem questão de ressaltar, que algumas vezes as reuniões abertas podem ser bastante diferentes das fechadas e em outras ocasiões podem não diferir muito, dependendo da disposição dos participantes em partilhar naturalmente como se estivessem apenas *entre “adictos”* ou de se sentirem inibidos pelos visitantes. O que me parece acontecer é que quanto mais visitantes participam de uma reunião aberta, menos parecida com a fechada ela será e quanto menos visitantes em uma reunião aberta, mais próxima ela estará do que acontece em uma fechada; mas não se deve entender essa observação como uma regra geral. Posso citar ainda outra reunião aberta que participei e era comemorado o aniversário de fundação daquele grupo. Nesta ocasião o número de visitantes foi maior em relação ao de membros e as “partilhas” neste dia foram em sua grande maioria de agradecimento a “irmandade”, nas quais os membros que partilharam fizeram questão de ressaltar as mudanças positivas em suas vidas proporcionadas pelo ingresso em Narcóticos Anônimos. Neste dia pouco ou nada se ouviu sobre a época de consumo de drogas, sempre associada a um tempo passado de autodestruição e a fatos lamentáveis. Talvez naquele dia o clima festivo e o grande número de visitantes tenham direcionado o conteúdo das “partilhas” neste sentido menos intimista e pessoal.

Mesmo não podendo participar de reuniões fechadas, algumas vezes me dirigi a grupos que realizariam reuniões desta natureza apenas para conversar com alguns membros antes do início da reunião, para coletar algumas informações sobre a sua organização ou então para pedir indicação de pessoas que pudessem me esclarecer algumas dúvidas sobre aspectos institucionais da “irmandade”. Da mesma forma que nas reuniões abertas, fui sempre muito bem recebido nessas ocasiões e tive a maioria das minhas dúvidas esclarecidas, havendo apenas a ressalva de que não poderia participar da reunião naqueles dias; ainda assim sempre me indicavam onde aconteceria a próxima reunião aberta e me diziam para participar que eu seria muito bem-vindo. Nas ocasiões de reuniões fechadas, há a possibilidade de algum *não-adicto* participar se

todos os presentes no momento do começo da reunião concordarem de forma unânime em *abrir* a reunião para o visitante, através da consulta ao que chamam de “consciência coletiva”. Não me utilizei deste artifício nenhuma vez, preferi aproveitar o espaço que a “irmandade” já disponibiliza para aqueles que desejam conhecê-la. Como sabia que algumas pessoas não se sentem a vontade para “partilhar” em reuniões abertas, preferi não interferir no andamento das reuniões fechadas por entender que se trata de um momento muito importante para aqueles que participam do grupo em busca de “recuperação”, ou seja, entendi que poderia estar prejudicando a “recuperação” daqueles que não se sentem a vontade com visitantes.

Além das reuniões abertas e fechadas, que são essencialmente voltadas aos depoimentos dos participantes, existem ainda as reuniões de estudo ou de serviço, sendo as primeiras direcionadas à discussão de tópicos específicos da literatura do grupo e as segundas ao debate de pontos referentes a assuntos organizacionais, lembrando que em ambos os tipos de reunião participam somente membros.

5.5 As reuniões enquanto um espaço ritual de interação e aprendizado

Na bibliografia existente sobre os grupos de ajuda mútua, muito se fala sobre a ritualidade dos seus encontros, o que não pode ser ignorado por qualquer pesquisador que participe de uma reunião ou que resolva abordar este tema de pesquisa. No trabalho de Trois (1998) sobre os Neuróticos Anônimos há um capítulo inteiro sobre as reuniões enquanto um ritual performativo de identificação. Já Tadvald (2006), em sua dissertação sobre grupos de Alcoólicos Anônimos, usa a palavra ritual para definir as reuniões sem qualquer tipo de problematização do conceito, ele pressupõe como evidente a definição das reuniões como um ritual.

Assim sendo, acredito que será importante demonstrar em que sentido podemos considerar as reuniões como um ritual e quais as implicações desta aproximação, tendo em vista principalmente uma fértil discussão proposta por Mary Douglas (1982) sobre *ritualismo* e *anti-ritualismo*. Antes disso, parto de uma definição contemporânea de ritual cunhada por Segalen, para quem

O rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagem e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo (...) Enquanto conjuntos fortemente institucionalizados ou efervescentes – quer regulem situações de adesão comum de valores, quer funcionem como reguladores de conflitos interpessoais –, os ritos devem ser considerados sempre como um conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas (...) Finalmente, o ritual se reconhece como fruto de uma aprendizagem, implicando por conseguinte a continuidade das gerações, dos grupos etários ou dos grupos sociais dentro dos quais ele se produz. (Segalen, 2002, p.31-32)

Ou seja, num primeiro momento podemos fazer a aproximação das reuniões enquanto um ritual, já que nelas está em jogo um universo particular de símbolos que são utilizados dentro daquele contexto específico e que são transmitidos não necessariamente dos mais velhos para os mais novos, mas de um grupo de iniciados, *experts*, para um grupo de *novatos*, inexperientes. Acredito que dificilmente alguém que nunca tenha participado das reuniões em um grupo deste tipo poderá compartilhar do entendimento das noções e símbolos utilizados já num primeiro momento; há a necessidade de um aprendizado. Além da questão do conteúdo, do conjunto de símbolos que circulam nestes ambientes, pode-se dizer que o *formato* das reuniões também se aproxima do que se define por rito ou ritual. A marcação rígida da sucessão de etapas de uma reunião, o caráter formal com o qual o secretário a conduz, as orações pronunciadas no começo e no fim, demarcando estes limites, o tom de respeito mútuo com aqueles que estão falando; a todo momento fica claro que aquela situação é marcadamente separada do cotidiano. Na descrição das reuniões que segue nas próximas linhas deste capítulo, espero que essas observações sobre o caráter ritual das mesmas fiquem mais claras.

5.6 Descrevendo as reuniões: notas sobre o trabalho de observação participante

Geralmente aqueles que primeiro chegam aos locais de reunião são os membros responsáveis pela organização da mesma. Como as salas são alugadas e normalmente

não são de uso exclusivo dos Narcóticos Anônimos, se faz necessária toda uma *arrumação* do ambiente antes do começo da reunião. Todo grupo deve ter um Secretário, um Tesoureiro e um Representante de Serviços Gerais⁵⁵, sendo um deles o responsável pela abertura e arrumação da sala. Como todas essas funções são preenchidas voluntariamente por membros, muitas vezes acontece de uma mesma pessoa exercer momentaneamente mais de uma função. De qualquer forma, um destes “servidores” deve fazer o trabalho de preparação do ambiente de reunião. Pode ser que por alguma indisponibilidade momentânea de algum ou de todos os “servidores” um outro membro faça este trabalho, mas a tendência é que um dos encarregados o faça. Nas observações de campo percebi que não existe uma regra geral para isto, é bem comum que mais de uma pessoa faça a arrumação, participando principalmente aquelas que chegam com certa antecedência.

Portanto, se alguém chegar um tanto mais cedo que o horário previsto para o começo da reunião, deparar-se-á provavelmente apenas com um ou mais servidores e membros fazendo a arrumação da sala, como foi o caso de algumas reuniões que participei fazendo questão de chegar mais cedo para ter oportunidade de fazer alguns questionamentos aos encarregados. Chegando em um horário próximo do começo da reunião, a probabilidade de se deparar com vários membros conversando do lado de fora da sala e mesmo dentro dela é muito grande. Não é apenas durante o *ritual* da reunião que os membros interagem e trocam idéias sobre sua condição, os momentos anteriores ao começo, o intervalo e o final da reunião são dominados pela interação entre os participantes. Conversam sobre assuntos diversos como qualquer grupo de pessoas que se conhece faria na ocasião de um encontro, mas muitas vezes os temas de bate-papo são exatamente aqueles que surgem durante a reunião. É perceptível que se formam pequenos grupos de conversa, dependendo do número de participantes presentes e da identificação que cada um tem para com os outros. Quando o número de presentes é pequeno, é possível que todos conversem numa grande roda e quando o número é grande, em pequenos grupos.

Sempre que cheguei cedo em um grupo e não conhecia nenhum dos presentes, me foi feita a seguinte pergunta: “É a tua primeira reunião?” Não por acaso esta mesma pergunta é feita a todos os *novatos*. Estes são, possivelmente, novos pretendentes a membro ou, nas palavras usadas dentro da “irmandade”, “recém-chegados”. Quando

⁵⁵ Estes encargos de serviço são apresentados no capítulo 3 deste trabalho.

essa pergunta foi dirigida a mim respondi me apresentando enquanto pesquisador e de pronto fui sempre muito bem recebido com palavras como: “Seja bem-vindo”, “Obrigado pelo interesse em Narcóticos Anônimos”, “Fique a vontade”. Em outras ocasiões em que cheguei em um grupo e já estavam várias pessoas presentes, fui abordado de maneiras diferentes. Houve vezes em que fiquei apenas esperando o começo da reunião e observando os grupos de conversa sem que ninguém viesse falar comigo, e outras em que logo que cheguei algum dos presentes vinha me cumprimentar, perguntar se era minha primeira reunião e me dar boas-vindas.

Esboço aqui essas observações para chamar a atenção de que é praticamente impossível para alguém que chegue a um grupo pela primeira vez passar totalmente despercebido, assistir uma reunião sem que ninguém se comunique com ele. Uma das coisas que percebi durante a realização do trabalho de campo e que volta e meia é repetida pelos membros é que o “recém-chegado” é a pessoa mais importante do grupo, portanto há um esforço dos participantes enquanto representantes da “irmandade” em acolhê-los da melhor maneira possível.

Mesmo aqueles que procuram as reuniões por recomendação judicial e muitas vezes não estão interessados em participar das reuniões são bem recebidos pelos membros. Em algumas ocasiões podem sofrer um pequeno assédio por parte dos membros, no sentido de que deveriam “ingressar” e não apenas freqüentar o NA, e em outras ocasiões podem apenas pegar o seu carimbo sem qualquer tipo de comentário por parte dos membros e servidores. Certo dia pude presenciar a chegada de um rapaz muito jovem (aparentava ter menos de 18 anos) que foi apenas buscar o carimbo de seu documento, pois havia sido enviado pela justiça. Além de um dos encarregados da reunião, apenas eu e mais um membro estávamos dentro da sala e quando o rapaz pediu o carimbo foi logo indagado: “Mas não vai ficar pra reunião?” Muito sem graça o rapaz fala que não, que apenas veio pegar o carimbo. Neste momento os dois membros presentes fizeram brincadeiras com o rapaz falando coisas do tipo: “Ah, tá curado né”, “Ele não precisa, tá curado”. Mesmo assim o rapaz pegou seu carimbo e foi embora, não ficou para a reunião.

Também pude presenciar várias outras ocasiões em que pessoas na mesma situação desse rapaz vieram pegar seus carimbos e não foram assediadas pelos membros presentes. Creio que essas situações dependam muito da pessoa que tem o contato direto com estes enviados pela justiça, mas de forma geral não há qualquer pressão pela participação. Muitos membros dizem que não é o papel do grupo obrigar alguém a ficar

nas reuniões, ou então que sem o mínimo de vontade individual a participação não faz o menor sentido. Apresento este breve episódio para chamar a atenção à participação dos *enviados pela justiça* nas reuniões de Narcóticos Anônimos, que não é nada pequeno. Mas como o grupo não faz exigência de participação nas reuniões para a obtenção do carimbo – salvo exceções, afirmo isto me baseando nos grupos em que participei –, fica bastante difícil mensurar qual a fatia destes que “ingressa” no grupo, que vira *membro*. Interessante é que desta forma a “irmandade” preserva um dos seus mais importantes princípios, que é expresso na sua 3ª Tradição⁵⁶.

Mesmo aqueles que são *obrigados* pela justiça a se fazerem presentes em um número *X* de reuniões só serão considerados como *membros* de Narcóticos Anônimos se participarem de pelo menos uma reunião e fizerem o “ingresso”. Apenas aparecer nos horários de reunião e pegar o carimbo com os servidores da “irmandade” não faz de ninguém um “adicto em recuperação” e muito menos um *membro* de Narcóticos Anônimos. Mesmo assim, os membros de Narcóticos Anônimos entendem que os enviados pela justiça – ao menos aqueles que não “ingressam” na “irmandade” e deixam de aparecer nas reuniões após o cumprimento da determinação judicial – somente não percebem que precisam de ajuda naquele momento, mas provavelmente precisarão no futuro, e se assim acontecer já saberão da existência de Narcóticos Anônimos.

Tento agora demonstrar como as salas são organizadas para a realização das reuniões, já que a organização do espaço é bastante importante, principalmente como uma forma de marcação ritual do espaço, que deve ser similar, dentro do possível, entre os diferentes grupos. Diferentemente do que é relatado por Tadvald (2006) em sua dissertação sobre grupos de Alcoólicos Anônimos de Porto Alegre, as salas de Narcóticos Anônimos são organizadas de maneira circular, sempre que possível – ou usando um termo próprio da “irmandade”, seguindo o modelo *californiano*, que se refere ao primeiro grupo fundado nos Estados Unidos, no estado da Califórnia. Este modelo de organização foi observado também por Mota (2004, p.134) em sua dissertação sobre grupos de AA de Fortaleza, na qual o autor faz uma pequena observação sobre os grupos de NA da mesma cidade. Esta característica é também compartilhada por pelo menos um grupo da cidade de Londrina, grupo este que tive oportunidade de visitar durante a realização do meu trabalho final do curso de graduação.

⁵⁶ “O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar”. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.66)

Um dos trabalhos de organização da sala é justamente dispor as cadeiras disponíveis de forma que lembre um círculo. Alguns grupos da cidade de Porto Alegre dispõem de espaços com grandes dimensões e podem formar círculos de fato enquanto outros que dispõem de espaços menores, geralmente salas quadradas, tendem a reproduzir uma forma de *quadrado*, já que as cadeiras são dispostas encostadas nas paredes. Há ocasiões, inclusive, em que as salas são muito pequenas para o tanto de participantes e as cadeiras têm que ser dispostas fazendo círculos dentro de círculos, começando com uma fileira encostada nas paredes.

Além de ajeitar as cadeiras que servirão de assento para os participantes da reunião, o servidor encarregado deve também organizar uma mesa na qual fica exposta boa parte da literatura produzida pela “irmandade”. Antes dos folhetos e livros que ficam expostos, esta mesa recebe um pano azul-escuro com o logotipo da “irmandade”, e geralmente junto ao logotipo, o nome e data de fundação do grupo específico. É exatamente ao lado desta mesa que o Secretário, o Tesoureiro e o R.S.G. do grupo se postarão durante a reunião. Ainda nos momentos anteriores à reunião, são dispostos alguns quadros – se o grupo os possuir – que contém os 12 Passos e as 12 Tradições de Narcóticos Anônimos, assim como a Oração da Serenidade. Além destes, em alguns grupos existe um quadro específico para ser usado durante as reuniões, que contém lembretes importantes e também é usado para colocar nomes de pessoas que estejam ingressando ou fazendo aniversário de ingresso. O valor de contribuições arrecadado na reunião também fica exposto neste quadro, que pode ser um quadro negro com todos os dizeres escritos a giz, ou então um quadro personalizado dos Narcóticos Anônimos em que apenas as informações referentes à reunião daquele dia são escritas à mão.

Na maioria das salas ainda pode-se encontrar uma faixa com alguns lembretes considerados importantes para aqueles que ingressam na carreira de “recuperação” proposta pelos Narcóticos Anônimos, que são duas listas, uma de “Evite” e outra de “Procure”, como dizem seus membros e o próprio cartaz. As coisas que são sugeridas para um “adicto em recuperação” evitar são as seguintes: tomar a primeira dose de qualquer droga; hábitos, lugares e pessoas da época de drogadição ativa; ficar com raiva, medo ou fome; ter relacionamento íntimo com recém-chegados do sexo oposto. Em oposição ao que se deve evitar, algumas coisas devem ser procuradas pelos membros como fatores positivos na “recuperação”: dentre elas, participar de 90 reuniões nos primeiros 90 dias desde o “ingresso”; ter um padrinho; servir a “irmandade”; praticar os Passos.

De todas as reuniões que pude participar nenhuma delas começou fora do horário anunciado, sendo este um dos principais aspectos a serem respeitados pelos servidores. Todos os grupos dispõem de uma lista com todos os horários e locais de reunião da região, listas estas que são distribuídas para todos que ingressam no grupo ou então para os visitantes que se interessam. Estas listas são atualizadas de tempos em tempos, sempre que for necessário. Nos grupos de Porto Alegre a lista distribuída contém os horários de todos os grupos da capital assim como das cidades do interior do estado. Apesar de as reuniões começarem sempre nos horários indicados, nem todos chegam antes do começo ou adentram a sala no horário – alguns membros chegam ao local no horário, mas entram na sala com atraso. É muito recorrente a chegada de pessoas para participar da reunião e mesmo a saída de pessoas durante o decorrer da mesma.

Chegado o horário marcado para a reunião, aqueles que já se encontram na localidade se dirigem para a sala e começam a se acomodar nas cadeiras já dispostas. Nos grupos em que é possível formar um grande círculo, não há possibilidade de ficar *escondido* ou mais distante da visão de todos, já naqueles em que se formam círculos dentro de círculos devido à limitação do espaço, os participantes que se acomodam no círculo mais externo de certa forma ficam menos suscetíveis ao olhar dos outros assim como sua própria visão fica mais limitada. Mas a visão não é necessariamente o sentido mais exigido e utilizado durante as reuniões. Nem todos dirigem os olhares para quem está com a palavra, o que também acontece com aquele que está falando, que pode “partilhar” olhando para o chão ou para um ponto imaginário, sem parecer um orador profissional que procura atingir todo o público com olhares. Deixo claro que esta é mais uma observação que não pode ser entendida como uma regra geral, pois com certeza há membros que partilham como oradores, principalmente devido aos anos de experiência dentro dos grupos ou mesmo a características pessoais. Mas com certeza a atenção é mais exercitada através dos ouvidos, sendo os relatos de cada um ou mesmo as falas dos servidores o que há de mais importante nas reuniões.

Assim que todas as pessoas presentes tiverem se acomodado em seus lugares o secretário inicia a reunião dando as boas-vindas a todos, dizendo o nome do grupo, e informando o tipo de reunião a ser realizada – aberta, fechada, de serviço, de estudos. Além disso, pede a todos que desliguem ou coloquem no modo silencioso seus telefones celulares⁵⁷ e também para que nenhum dos presentes esteja de posse de qualquer

⁵⁷ Durante as reuniões é comum que as pessoas deixem a sala por alguns instantes para atender chamadas em seus aparelhos, mas normalmente se respeita o pedido para deixá-los no silencioso. Os aparelhos de

substância psicoativa ou instrumentos de uso. Por fim, pergunta se é a primeira reunião de algum dos presentes ou então se é a primeira vez que alguém participa daquele grupo em específico. Se for a resposta for positiva, se houver “recém-chegados” na sala eles se apresentam ao grupo antes de todos.

Na seqüência da reunião o secretário convida todos os presentes, independentemente de serem membros, “recém-chegados” ou visitantes, para fazer a “Oração da Serenidade”. Esta mesma oração volta a ser feita no final das reuniões, mas com uma pequena diferença: no início das reuniões ela é feita com todos os presentes formando um círculo e de mãos dadas; ao final, o mesmo círculo é formado, mas neste momento com as pessoas abraçadas, cruzando seus braços na altura da cintura ou do ombro daqueles que estão ao seu lado. Antes dos dizeres da oração o secretário pede a um dos presentes que diga algumas palavras em nome “dos adictos que ainda sofrem”, ou seja, em nome daqueles que padecem da mesma doença que as pessoas ali reunidas, mas que por motivos diversos não se encontram nas salas de Narcóticos Anônimos. Ao invés de pedir a alguém, o próprio secretário pode dizer essas palavras, que são seguidas de alguns segundos de silêncio, com todos de mãos dadas ou abraçados.

É importante ressaltar que mesmo na condição de pesquisador, em todas as reuniões que participei também fiz parte desse momento do ritual tanto no começo quanto no fim das reuniões. Após os segundos de silêncio, é então proferida em voz alta por aqueles que já a conhecem, a Oração da Serenidade: “Deus, conceda-me Serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, Coragem para modificar aquelas que posso e Sabedoria para reconhecer a diferença, Só por Hoje, Funciona !” Ao pronunciarem a última frase da oração, o trecho que diz “Só por hoje, funciona!”, pode-se sentir um aumento na entonação das vozes e um leve chacoalhar das mãos – quando estão de mãos dadas; quando abraçados também pode-se sentir o movimento –, que parte sem dúvida daqueles já iniciados e acostumados a fazê-lo. Ao término da oração neste primeiro momento, todos voltam aos seus lugares.

Chega então o momento das apresentações. Se há “recém-chegados”, estes já se apresentaram antes mesmo da oração, então neste momento se apresentam ao grupo todos aqueles que ainda não o fizeram. O secretário pede que aqueles que tiverem

telefone celular, diante daquilo que pude observar durante o trabalho de campo, são um dos meios de comunicação mais utilizados entre os membros de NA, principalmente naquilo que diz respeito à comunicação com outros membros. Todos os contatos que fiz com membros para entrevistas foram através de números de telefone móvel, tanto pegando diretamente o número com a pessoa ou então conseguindo o número de alguém através de outro membro.

vontade se apresentem com o primeiro nome e o tempo “limpo” – não é obrigatória a apresentação, mas dificilmente alguém não se apresenta –, começando por aquele que se encontra à direita dele e assim sucessivamente, percorrendo todo o círculo formado pelas pessoas, sendo o último a se apresentar o próprio secretário.

A maneira mais usual de se apresentar ao grupo, aquela que é compartilhada pelos participantes já integrados, é dizer seu primeiro nome e o tempo “limpo”, mais ou menos de alguma das seguintes maneiras: “Meu nome é fulano, sou mais um adicto em recuperação, estou a ‘X’ dias limpo, mas o mais importante é que só por hoje eu não usei”; “Sou fulano, continuo sendo um adicto, graças a um Poder Superior, uma sala de NA aberta e um pouco da minha boa vontade estou limpo só por hoje”; “Sou fulano, sou um adicto, graças a NA, a meu Poder Superior e a todos vocês, me encontro limpo a ‘X’ dias, mas o mais importante foi não ter usado hoje”; “Sou fulano e estou limpo só por hoje”. Ou seja, alguns termos próprios do grupo como “Poder Superior”, “só por hoje”, “adicto”, “boa vontade”, “limpo”, entre outros, são recorrentes entre aqueles com mais experiência de “irmandade”. Sempre que algum presente em reunião for fazer uso da palavra, seja para se apresentar, para “partilhar” com o grupo, dar um recado ou qualquer outra ocasião, deve dizer seu nome, mesmo que faça uso da palavra por várias vezes. E sempre que alguém disser seu nome, não importando quantas vezes o faça, é comum que todos respondam de pronto “Oi fulano”, como uma forma de demonstrar a atenção. É bastante comum mesmo os mais antigos esquecerem vez ou outra de dizerem seu nome antes de falar ao grupo e nessas ocasiões, para lembrar ao falante do seu esquecimento, o grupo responde “Oi fulano” da mesma maneira, fazendo com que a pessoa em questão diga seu nome antes de continuar sua fala. Se a “irmandade” prega o anonimato fora de seus limites, no seu interior é muito importante a identificação de cada um pelo primeiro nome, a maneira mais pessoal de identificação, fato este que tende a proporcionar um tipo de ligação mais íntima entre aqueles que participam.

Quando alguém chega após a rodada de apresentações, não deixa de se apresentar ao grupo. É perceptível a qualquer um a chegada de pessoas no meio da reunião, e desta forma, assim que houver um pequeno espaço o secretário pede “aos companheiros que chegaram após o início da reunião que se apresentem com o primeiro nome e o tempo limpo, se assim o desejarem”.

A importância de se identificar pelo primeiro nome é um interessante contraponto se atentarmos justamente para a 12ª Tradição dos Narcóticos Anônimos⁵⁸ que é comentada nas reuniões logo após a apresentação dos presentes, dando seqüência ao ritual. O secretário pede a um dos membros – geralmente o escolhido não é um “recém-chegado”, mas também não é necessariamente um abstêmio de longo prazo, basta que tenha certo conhecimento dos princípios ali compartilhados – que faça um comentário sobre a 12ª Tradição. Esse comentário é uma breve explicação sobre as implicações de se tratar de um grupo de anônimos, os motivos que levam a “irmandade” a se definir desta maneira, e principalmente sobre a importância de se respeitar este princípio que é essencial para a “recuperação” daqueles que ali se encontram.

Geralmente quem faz esse comentário lê ou cita a tradição para o grupo e em seguida dá exemplos pessoais ou genéricos que ilustrem algum tipo de situação envolvendo a questão. Aquilo que mais se ouve dizer sobre a importância do anonimato se refere à discriminação que os “dependentes químicos” ou “adictos” sofrem *da sociedade*, que normalmente julga ao invés de tentar compreender ou ajudar os que padecem deste mal. O estigma aplicado aos usuários de psicoativos “da ativa”⁵⁹ são também acionados no caso de dependentes em “recuperação”, não se levando em conta o fato de que aqueles que tentam se recuperar estão rumando para um caminho muito diferente, buscando a abstinência. Tudo isto se resume na idéia presente em uma curta frase que não raro se ouve nos grupos: “Uma vez louco, sempre louco”; “Uma vez adicto, sempre adicto”. É o que os membros dizem ser o pensamento mais comum entre as pessoas que nada têm de experiência próxima com “dependentes químicos”, que seriam irrecuperáveis, sem jeito, que mesmo ficando “limpos” ora ou outra voltariam ao estado de dependência. Desta forma, justifica-se a escolha pelo anonimato no sentido de que assim podem tratar apenas de sua “recuperação”, sem se preocupar com pressões e cobranças do mundo externo, principalmente se lembrarmos que estamos falando aqui de pessoas que não estão isoladas em clínicas ou hospitais, e portanto *fora da sociedade*, mas de pessoas que convivem diariamente *na sociedade* com muitas outras que não compreendem a sua condição.

⁵⁸ “O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidades”. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.66)

⁵⁹ No capítulo anterior é feita a distinção entre “adicação” e “adicação ativa”.

Após o comentário sobre a importância do anonimato, chega a hora de fazer a leitura de um dos folhetos de Informação ao Público (I.P.)⁶⁰ que ficam expostos na mesa junto ao restante da literatura produzida pela “irmandade”. Antes do início da leitura um dos membros presentes faz a distribuição do folheto que será lido a todos que estão na sala, se for possível. Se a quantidade de pessoas for maior que o número de folhetos disponíveis naquele momento, então cada texto será dividido por mais de uma pessoa. A leitura é feita em voz alta e por todos que quiserem fazê-lo, um de cada vez. Não há uma ordem nem uma quantidade de linhas que deve ser lida por cada um e sim espaço para certa espontaneidade. Por exemplo: um membro começa a leitura, lê dois parágrafos do folheto e diz “passo”; neste momento ele estará passando a vez para qualquer um dos outros que assume a leitura espontaneamente, podendo inclusive ocorrer de mais de um começar a ler ao mesmo tempo, o que é resolvido no mesmo momento e sem maiores implicações. Pode-se ler apenas uma linha ou quase o folheto inteiro, e é possível que na falta de pessoas dispostas a participar a mesma pessoa assuma a leitura mais de uma vez. O que se pode entender deste momento da reunião é que se trata de um espaço usado principalmente para esclarecer pontos específicos da vivência do programa, já que nem todos compram a literatura ou se utilizam dela na sua vida cotidiana. É uma maneira de informar, através de textos curtos e simples, alguns aspectos considerados primordiais na “vivência da recuperação” em Narcóticos Anônimos.

Terminada a leitura, chega o momento considerado mais importante das reuniões, quando o espaço é aberto para as “partilhas” individuais, ou seja, é quando de fato ocorre aquilo que pode ser aproximado com uma terapia de grupo, em que as pessoas trocam idéias e experiências sobre um determinado problema, no caso as experiências sobre “adição” e “recuperação”. As “partilhas” funcionam como um canal de troca de informações. No caso em que “recém-chegados” estão participando, é um momento em que os já iniciados transmitem sua experiência a eles. Da mesma forma os veteranos, ao ouvirem as experiências dos novatos, também aprendem, ou ao menos se enxergam neles, pois já passaram por esta fase.

Sobre as “partilhas”, o Texto Básico diz o seguinte:

Uma ferramenta básica do nosso programa é partilhar com outros companheiros adictos. Esta ajuda só pode vir de outro adicto. E esta

⁶⁰ Os comentários sobre estes folhetos se encontram no capítulo 3, item 3.5 deste trabalho.

ajuda diz: “Aconteceu uma coisa parecida comigo e eu fiz o seguinte...” Em vez de discursar e julgar, partilhamos experiência, força e esperança para qualquer um que queira a nossa maneira de viver. Se ajudarmos uma só pessoa, partilhando a experiência da nossa dor, o sofrimento terá valido a pena. Fortalecemos a nossa própria recuperação quando a partilhamos com outros que pedem ajuda. Se guardamos o que temos para partilhar, acabamos perdendo. As palavras nada significam até que as coloquemos em ação. (Narcóticos Anônimos, 1993, p.63)

Como todas as outras etapas do ritual de reunião, durante as sessões de “partilha” – há dois momentos de “partilha” em cada reunião – há regras específicas que são respeitadas. Apesar de ser um espaço em que são trocadas experiências através da fala, o primor pela organização e respeito às regras de conduta, mesmo que sejam regras mínimas, se faz sempre presente. As “partilhas” acontecem em todas as reuniões, sejam abertas ou fechadas. O que pode ocorrer nas reuniões abertas é um tipo de amenização nas falas ou nos assuntos tratados, dependendo dos visitantes presentes, se são muitos ou poucos, se são pessoas de idade, mães de família, etc. Quando as reuniões abertas contam com muitos visitantes o clima tende a ser mais descontraído e a maioria das “partilhas” pode ser feita em tom informativo, ressaltando os benefícios da “recuperação” em Narcóticos Anônimos, entre outras coisas. Em reuniões com poucos visitantes – participei de algumas em que apenas eu visitava o grupo – o tom das “partilhas” pode ser mais intimista, como nas reuniões fechadas. Alguns falam para todos, outros falam para si mesmo, outros ainda para algum outro membro em específico ali presente, numa espécie de diálogo por etapas – cada um fala de uma vez; o importante neste exercício é refletir sobre a própria “vivência da recuperação”, seja sobre os acertos ou sobre os percalços.

Como os grupos de Porto Alegre são cheios em sua maioria, com participação de no mínimo quinze a vinte pessoas por reunião – ao menos naqueles grupos que freqüentei –, ficaria impossível de deixar falar todos aqueles que quisessem sem algum tipo de ordenação. No grupo que observei em Londrina, provavelmente devido a baixa freqüência de pessoas, durante o tempo de “partilhas” a palavra era de quem quisesse falar, sem qualquer sorteio ou coisa parecida. Inclusive em algumas ocasiões a mesma pessoa partilhava mais de uma vez devido a falta de interesse dos outros em fazer uso da palavra. Já na capital gaúcha há um tipo específico de sorteio que é feito durante as reuniões e que define aqueles que farão uso da palavra.

Após a leitura do folheto de I.P. um voluntário recolhe os textos que foram anteriormente distribuídos e a mesma pessoa ou outro voluntário distribui fichas numeradas para todos aqueles que desejam “partilhar”. Cada uma das fichas existe em dupla e para cada uma que é escolhida por um membro o seu par vai para uma sacola de veludo azul. Com as fichas distribuídas o secretário pede a algum dos membros presentes que seja o “partilhador” daquela reunião. Essa função pode ser exercida também pelo secretário ou algum outro servidor presente, mas geralmente pede-se a um outro membro que faça as honras. O “partilhador” é o encarregado de *sortear* as fichas da sacola – tira-se uma ficha e o membro que tiver o par pode “partilhar”; só após o fim de sua “partilha” sorteia-se outra e assim sucessivamente – e de cronometrar o tempo de cada “partilha”, que normalmente é de cinco minutos. Também em posse do “partilhador” fica uma pequena placa, que pode ser de plástico, de papel, ou qualquer outro material improvisado, que em um dos lados contém a inscrição “2 minutos”, e do outro “Seu tempo acabou”. A partir do momento que a pessoa sorteada começa a partilhar contam-se os cinco minutos a que ela tem direito. Quando faltam dois minutos para o fim de seu tempo, o membro encarregado mostra-lhe o lado da placa correspondente e, da mesma forma, quando o tempo termina. Alguns não chegam a usar todo o tempo, outros o excedem um pouco, mas de forma geral há o respeito à regra.

Nas ocasiões em que “recém-chegados” estão presentes na reunião o secretário pede a algum membro mais experiente para que faça uma *partilha direcionada ao recém-chegado*, antes mesmo das “partilhas” sorteadas. Esta “partilha” é de sete minutos e tem a intenção de falar diretamente com aqueles que estão freqüentando uma reunião pela primeira vez. É comum nestas *partilhas direcionadas* aquele que faz uso da palavra lembrar de quando também era um “recém-chegado”, suas impressões naquela época e como foi o desenrolar de sua trajetória no grupo até o momento. As reuniões são consideradas especiais quando contam com a presença de “recém-chegados” e se ressalta frequentemente que eles são as pessoas mais importantes para a “irmandade”. É bom esclarecer que um “recém-chegado” ainda não é um membro, mas apenas uma pessoa que participa pela primeira vez de uma reunião de Narcóticos Anônimos. Para se tornar membro é necessário passar por um pequeno ritual de ingresso que será demonstrado posteriormente, dentro desta mesma sessão de descrição etnográfica.

Nas *partilhas normais*, não direcionadas, pode-se supostamente falar sobre qualquer coisa. Um dos temas mais comuns de se ouvir nas “partilhas” são desabafos

sobre dificuldades na “recuperação” que podem surgir a partir de dificuldades na vida pessoal de cada um. Como muitos membros relatam, em sua época de “adição ativa” usavam substâncias psicoativas muitas vezes como uma maneira de fugir de seus problemas e acabavam tornando as situações mais problemáticas. Desta forma, quando estão em abstinência, o surgimento de problemas ou dificuldades em suas vidas não cessará, como ocorre na vida de qualquer pessoa comum, mas nesses momentos os “adictos” podem se sentir mais propensos a voltar a fazer uso da substância que usavam anteriormente. Uma das maneiras de contornar esta vontade que surge é desabafar com o grupo ou então com seu padrinho ou algum companheiro em particular. Outro tema recorrente nas “partilhas” é o agradecimento, o reconhecimento dos benefícios que o pertencimento à “irmandade” de Narcóticos Anônimos trouxe para sua vida e como as coisas mudaram desde então. Muitos desabafam para si próprios como se estivessem falando sozinhos, refletindo sobre suas atitudes solitariamente e não raro recebem conselhos ou “partilhas” de outros membros que digam respeito diretamente àquelas reflexões.

Ou seja, é um espaço supostamente livre em que as pessoas podem falar o que quiserem, pois sabem que ali junto delas estarão várias outras que passaram por situações parecidas ou, no mínimo, compartilham de uma experiência de doença que as leva a tentar compreender as situações vividas pelos outros, por mais que sejam diferentes das suas próprias. Se todas as histórias de “dependentes químicos” são de perda, de dor, de causar mágoas a outras pessoas, deve-se levar em conta que as particularidades de cada um não se perdem, os limites do que é bom e ruim são bastante particulares a cada pessoa. Mesmo assim é possível a identificação entre eles, já que todos buscam um objetivo em comum, que é o de ficar abstêmio, não fazer uso de qualquer substância psicoativa que altere seu humor.

Voltando às “partilhas”, estas podem ser relatos muito bem-humorados, inclusive com piadas a respeito da vida de “ativa”, ou então tratem de temas bastante pesados, relatos sobre perdas e danos a outras pessoas, em que o clima na sala fica bastante tenso. Como exemplo do primeiro caso cito uma situação em que um membro com mais de 20 anos de participação falou ao grupo sobre a importância do NA em sua vida. Disse que chegou a NA roubando e mentindo para todo mundo e hoje estava sendo o Tesoureiro daquele grupo, situação antes inimaginável, fato que provocou risos na sala. Já nas “partilhas” mais tristes é comum os outros membros fazerem manifestações de apoio durante a fala do companheiro, tais como: “Estamos juntos companheiro!”; “Continua

voltando que funciona”; “Obrigado companheiro”, acredito que como uma forma de demonstrar atenção e solidariedade a quem faz uso da palavra.

Esta primeira sessão de “partilhas” nas reuniões permite que seis ou sete pessoas façam o uso da palavra, dependendo do respeito ao tempo reservado a cada um. Isso porque uma reunião que dura por volta de duas horas tem um intervalo de 10 minutos após a primeira hora. Ainda antes do intervalo, após as “partilhas”, chega outro momento considerado bastante importante para os membros de Narcóticos Anônimos que é o apontamento para a 3ª e a 7ª Tradição⁶¹ da “irmandade”. Como a nota abaixo demonstra, a 3ª Tradição diz respeito à possibilidade de ser membro da “irmandade” e, atentando para a frase, se vê que não há qualquer tipo de restrição para o ingresso, apenas o *desejo de parar de usar*. Todos aqueles que queiram deixar de usar qualquer substância psicoativa, sejam eles dependentes químicos diagnosticados ou não, podem fazê-lo ingressando nos Narcóticos Anônimos, que é uma rede de pessoas que não usam nenhuma substância e trocam idéias sobre como fazê-lo. Este ponto é também importante para se pensar sobre aqueles que procuram o grupo *sem vontade, sem o desejo de parar de usar*. Este é apontado por muitos membros como o principal empecilho na “recuperação” de uma pessoa, o motivo que a levou ao grupo. Nas palavras de um membro: “Alguns vêm aqui pra fazer média em casa, com a família, outros vêm na intenção de conseguir um emprego, melhorar de vida, e esquecem do primordial, que é a recuperação, que é o ficar limpo”.

Quando o secretário chama a atenção para a 3ª Tradição normalmente se faz um comentário sobre ela, explicando a simplicidade que é ingressar em Narcóticos Anônimos. O mesmo servidor explica que se alguma pessoa presente na sala quiser fazer seu “ingresso” na “irmandade” naquele dia, existem três maneiras de fazê-lo: colocando seu nome no quadro-negro que existe em cada sala, na parte reservada aos “ingressos e trocas de ficha”; falando com algum dos membros no intervalo da reunião; ou então da maneira mais fácil, que é levantando o braço juntamente com ele naquele mesmo momento. Há “recém-chegados” que participam da reunião e não se interessam em ingressar, que preferem freqüentar mais algum tempo sem fazer o “ingresso” oficial, já outros se inserem na “irmandade” logo na primeira reunião.

Em todas as reuniões que eu pude presenciar o “ingresso” de novos membros estes fizeram sua opção do jeito considerado mais simples, levantando suas mãos juntamente

⁶¹ Respectivamente: “O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar”; “Todo grupo de NA deverá ser totalmente auto-sustentado, recusando contribuições de fora”.

com o secretário no momento adequado. Quando isto ocorre, no momento em que os “recém-chegados” erguem seus braços indicando sua vontade de pertencer a Narcóticos Anônimos, começa uma efusiva salva de palmas seguida por gritos e assovios. As palmas começam como qualquer salva, com cada um batendo suas mãos rapidamente, mas não necessariamente no mesmo ritmo. Após alguns segundos começa um bater de palmas que pude notar ser bastante característico. Um dos membros começa, ainda no meio da salva de palmas, a puxar um bater de palmas mais pausado e marcado, formando um ritmo *palma, pausa, palma, pausa*, e é de pronto seguido por todos os outros, desta vez formando um unísono e produzindo um som bastante alto, como se fosse apenas uma pessoa a bater palmas. Em seguida, após alguns segundos nesse ritmo, volta-se para a salva de palmas tradicional. O sentimento que paira no ar nas reuniões em que há “ingresso” de novos membros é visivelmente de muita alegria e a maior expressão desse sentimento são estes festejos no momento em que o “recém-chegado” decide ingressar. Também se pode acrescentar a isto a atenção dedicada ao novo membro, seja no intervalo ou ao fim da reunião quando é possível conversar em particular com ele e este recebe muito incentivo de todos. Mas o ritual do seu ingresso ainda não se efetiva no momento em que ele levanta seu braço, este só será completado após o intervalo da reunião.

Após a identificação daqueles que desejam fazer seu “ingresso”, atenta-se para a coleta de fundos e reflexão sobre a 7ª Tradição⁶², que diz respeito justamente à auto-sustentabilidade da “irmandade”. Novamente o secretário pede a um membro mais experiente que faça um comentário sobre esta tradição e explique a importância do grupo ser auto-sustentado. O principal argumento utilizado é o da autonomia, pois vivendo apenas das contribuições dos membros a “irmandade” não precisa prestar contas a ninguém ou nenhuma entidade de fora, a não ser para seus próprios membros. Atenta-se também para a importância da contribuição de todos – mesmo que esta não seja obrigatória –, pois o dinheiro arrecadado é usado para pagar o aluguel da sala, para comprar o café que é servido, para comprar literatura a ser disponibilizada nas reuniões, pagar despesas de transporte e alimentação do servidor que é representante do grupo, para financiar os painéis que o grupo realiza em instituições e hospitais, entre outras coisas. Em reuniões *abertas* os visitantes não podem contribuir e os “recém-chegados”

⁶² “Todo grupo de NA deverá ser totalmente auto-sustentável, recusando contribuições de fora”.

também são instruídos a não fazê-lo. Assim que o membro escolhido termina de fazer o comentário sobre a tradição, um voluntário pega a sacola – de um tecido veludo azul-escuro – e percorre os assentos das pessoas que depositam moedas ou notas de dinheiro dentro. Presenciei reuniões em Londrina que a sacola passou de mão em mão, percorrendo todo o círculo formado pelas pessoas na sala e cada um que depositava o dinheiro parecia fazer uma prece, segurando a sacola contra o peito antes de passar para o próximo. Feita a coleta, chega o momento do intervalo, que é anunciado pelo secretário e dura aproximadamente dez minutos.

Assim que é anunciado o fim da primeira parte da reunião todos se levantam e normalmente se cumprimentam mutuamente com abraços, apertos de mão e palavras de incentivo. É comum todos cumprimentarem a todos, na intenção de manter laços já criados e formar novos laços com pessoas ainda não conhecidas. Muitos já tiveram oportunidade de cumprimentar seus pares antes do início da reunião, mas como alguns chegam com ela já em andamento esta é outra oportunidade de interagir. Nos momentos que antecedem a reunião assim como no intervalo e ao fim da mesma também é possível observar um fenômeno bastante peculiar, que é o grande número de fumantes que frequenta Narcóticos Anônimos. Talvez nem tão peculiar, já que os cigarros industrializados carregados de nicotina fazem parte do arsenal de substâncias capazes de provocar dependência nos seres humanos, mas suas conseqüências ruins se limitam ao organismo, à saúde dos que fumam. Mesmo o cigarro sendo uma substância psicoativa, o poder de ação das suas substâncias é muito restrito, não causando qualquer alteração substancial da percepção ou de comportamento no ato de uso. Desta forma, causa também um tipo de dependência que não deixa de ser química, mas ao mesmo tempo é amplamente tolerada *na(s) sociedade(s)*, creio que principalmente porque as conseqüências ruins da dependência de nicotina são sentidas apenas pelo próprio usuário. Usando um exemplo curto para ilustrar este pensamento, acredito que dificilmente alguém chegue ao ponto de perder sua família e bens, ou ameaçar a vida de outras pessoas e a sua própria por causa da dependência em cigarros (nicotina).

Ainda no intervalo, quando há “recém-chegados” no grupo que decidem fazer seu “ingresso”, é neste momento que recebem algumas explicações mais específicas que os preparam para o posterior ritual de ingresso a ser realizado assim que a reunião recomeçar. O intervalo é também um momento propício para interação, para conhecer pessoas ainda não conhecidas dentro da “irmandade”, para conversas informais que não podem ser travadas durante o ritual de reunião. Em algumas ocasiões, ao participar de

um grupo pela primeira vez, foi apenas no intervalo que consegui conversar com um membro, pois antes do início da reunião todos os que já se encontravam no local estavam a conversar entre si, a se cumprimentar e interagir.

Diferentemente do tipo de interação que acontece na parte *oficial* ou *ritual* da reunião, quando certa formalidade paira no ambiente, o *antes*, o *intervalo* e o *final* da reunião são ocasiões para uma interação mais espontânea em que se pode tanto conversar sobre os assuntos que são tratados na mesma (“adicção”, “recuperação”), quanto sobre questões diversas como a praticidade e desvantagens de um telefone celular, livros interessantes para se ler, problemas de relacionamento ou mesmo futebol. Eu mesmo em várias dessas ocasiões pude ouvir e até participar de algumas dessas conversas quase em grupo, com um pequeno círculo de pessoas debatendo algum assunto.

De volta à sala de reunião após os cigarros, o café e as conversas descontraídas (que também podem ser sérias), chega a hora de dar os recados sobre assuntos de interesse dos membros e da “irmandade” como um todo. Esses recados podem ser informativos a respeito de um evento a ser realizado nas proximidades ou mesmo longe do local da reunião, podem ser pedidos de outros grupos ou daquele próprio por servidores voluntários, data de aniversário de algum grupo, reunião de serviço a ser realizada, entre outras coisas. É um canal de informação dos vários grupos com os membros, já que alguns participam sempre de reuniões em um mesmo grupo.

Dados os recados, chega outro momento considerado muito importante por todos os membros de Narcóticos Anônimos, que é justamente quando os “recém-chegados” fazem seu “ingresso” na “irmandade” e também quando os membros que completam tempo de abstinência acumulado participam de um pequeno ritual parecido com o de ingresso. Para marcar estas passagens usa-se um símbolo material – um dos poucos usados dentro da “irmandade” – que representa o tempo de abstinência alcançado. Este símbolo é chamado de “ficha” e o membro que tem o direito de recebê-la é quem arca com a despesa. As mais simples custam R\$ 1,50 e os medalhões de ligas metálicas podem chegar a R\$ 90,00, isso de acordo com a tabela de preços divulgada pela Associação dos Comitês de Serviço na época da pesquisa de campo.

Estas “fichas” são, na verdade, chaveiros coloridos com o logotipo dos Narcóticos Anônimos – um NA estilizado – e cada uma das cores representa um tempo de abstinência atingido. Recebe-se um branco ao ingressar na “irmandade” com o seguinte dizer nas costas do chaveiro: “Só por hoje”; ao completar 30 dias “limpo”, recebe-se um

laranja escrito “Limpo e sereno por 30 dias”; aos 60 dias, um verde; aos 90 dias, um vermelho; com 6 meses, um azul; com 9 meses, um amarelo; com 1 ano “limpo”, um bege; com 18 meses, um cinza; após isso, a cada ano “limpo” o membro recebe um preto com os dizeres “Limpo e sereno por múltiplos anos”. Para aqueles que atingem longos períodos como 15 ou 25 anos, existem medalhões que podem ser adquiridos para substituir as fichas e estes podem ser banhados a bronze, prata, ouro, ou então ligas de ouro e níquel ou ouro e titânio.

Nos dias em que há troca de ficha de algum membro, aquele que será agraciado chega ao grupo transparecendo felicidade e o assunto é comentado desde antes do começo da reunião com muitos cumprimentos, parabenizações e palavras de incentivo. O recebimento destes singelos símbolos são muito comemorados e almejados pelos membros de Narcóticos Anônimos, pois representam a sua vitória na luta diária contra a doença da “adicção”.

Logo após os recados o secretário anuncia a entrega das “fichas” como a parte mais importante da reunião; o clima de alegria e festejo novamente toma conta da sala. Anunciam-se os nomes daqueles que receberão as fichas – ingressantes e membros – e de pronto ouve-se a salva de palma característica da “irmandade”, que é entusiasticamente praticada por todos. Quando há em um mesmo dia “ingresso” de novos membros e trocas de ficha de membros antigos, nas reuniões que observei os ingressos foram feitos antes, seguidos pelas trocas de ficha. O processo é praticamente o mesmo. Todos que recebem uma ficha, incluindo os ingressantes, devem recebê-la das mãos de algum outro membro presente. Aqueles que têm um padrinho costumam recebê-la das mãos dele, provavelmente como um sinal de gratidão pelo apoio recebido. Entendo que é bastante gratificante para um membro de NA ser escolhido para ser o padrinho de alguém ou para fazer a entrega de ficha.

Para os ingressantes que ainda não possuem um padrinho ou talvez nem conheçam nenhum dos membros ali presentes, é o próprio grupo que escolhe um representante que fará as honras de lhe entregar a ficha de ingresso. Assim, aquele que entregará a ficha ao ingressante ou ao membro que está em processo de troca, antes de passar o símbolo às mãos do outro, tem o direito de usar a palavra por dois minutos. Para os “recém-chegados” as palavras são de incentivo, mostrando-lhes que estão no lugar certo e que devem continuar voltando, pois agora estão em um lugar onde as pessoas os entendem e estão dispostas a ajudá-los. Após essas palavras o ingressante recebe em mãos uma ficha de ingresso, uma lista de grupos da cidade e região, um dos folhetos de I.P. e um

forte abraço daquele que lhe entrega, tudo isto debaixo de uma grande e efusiva salva de palmas. Muitas vezes a emoção daquele que ingressa se torna visível em seu semblante, talvez por não imaginar que pudesse receber uma recepção tão calorosa.

Todos que recebem uma “ficha” também têm direito a fazer uso da palavra por dois minutos e os ingressantes o fazem ainda meio sem jeito, principalmente sem dominar o referencial lingüístico usado nos limites da “irmandade”, mas é comum agradecerem por todo o apoio e dizerem que se sentem muito felizes por estarem ali agindo em prol de uma melhoria nas suas vidas e daqueles que os cercam. Para aqueles que já são membros e trocam de “ficha”, as etapas se sucedem da mesma maneira, mas é muitas vezes visível a ligação destes com outros membros presentes, diferentemente dos ingressantes que podem não conhecer ninguém. É muito comum ouvir comentários daqueles que fazem a entrega da ficha – possivelmente uma pessoa importante na “recuperação” daquele que está recebendo – dizendo o quão orgulhosos estão daquela pessoa, que lembram quando ele fez seu ingresso e agora estava ali já trocando de ficha, servindo a “irmandade”, ajudando outros “adictos”. Mesmo aqueles que recebem fichas equivalentes a longos períodos de abstinência fazem questão de ressaltar que não atingiram tal feito pensando longe, pensando em ficar um ano “limpo”, mas sim que aquele tempo foi construído “um dia de cada vez” e a somatória de seus esforços diários que é o resultado atingido. Ressalta-se ainda a importância de todos os membros de NA como merecedores daquela ficha, que sem a ajuda de todos aquilo teria sido impossível.

Certa vez um rapaz que recebeu uma “ficha” de noventa dias “limpo” disse que se pudesse cortaria aquele chaveiro em vários pedacinhos e distribuiria a todos que estavam ali presentes, pois era assim que ele sentia que deveria ser, uma vez que sozinho nada teria conseguido. Estes momentos são propícios para a afirmação do grupo enquanto uma “irmandade”, já que a vitória atingida por um indivíduo é dividida por toda a coletividade. Não é fulano sozinho que conseguiu ficar 10 anos “limpo” frequentando os Narcóticos Anônimos, e sim este feito só é atingido porque ele pode contar durante todo este tempo com os companheiros de grupo para superar as dificuldades que se apresentaram durante o percurso.

Em qualquer reunião pode acontecer que não tenha ninguém trocando de ficha ou ingressando na “irmandade”. Se for o caso, após a sessão de recados passa-se diretamente para a segunda sessão de “partilhas” individuais, que respeitam os mesmos critérios praticados na primeira sessão; o único diferencial é o tempo mais curto neste segundo momento. Após as “partilhas” algum membro é escolhido para fazer a leitura

de um livro intitulado “Só por hoje”. Trata-se de um livro com meditações diárias para aqueles em “recuperação” nos Narcóticos Anônimos. Durante a reunião lê-se a passagem referente ao dia em questão.

No seguimento desta leitura a reunião encaminha-se para o fim, mas antes de fazer a “Oração da Serenidade” em grupo para finalizar o evento, o secretário faz a leitura da ata da reunião. Nesta ata fica registrado quanto de dinheiro foi arrecadado em cada reunião, quantas pessoas participaram, que tipo de reunião foi realizada, quem foram os servidores naquela ocasião, quem ingressou e quem trocou de ficha. Um fato interessante de notar é que para finalizar a leitura da ata o coordenador diz o seguinte: “se houve algum erro durante a realização da reunião de hoje, este erro foi meu e não de Narcóticos Anônimos“. Ou seja, é um mecanismo de proteção para os Narcóticos Anônimos enquanto um tipo de *instituição*, as possíveis falhas cometidas não são atribuídas à “irmandade”, e sim àquelas pessoas que individualmente a representam em determinados momentos. Em seguida, todos são convocados para abraçados em círculo realizar a “Oração da Serenidade”. Após a oração, muitas palmas e trocas de abraços marcam oficialmente o encerramento da reunião, e novamente o ambiente se torna um espaço de interação mais informal, como no seu começo e intervalo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontaram alguns autores da vertente identificada como *pós-moderna* da antropologia (Clifford & Marcus, 1991), ou então aqueles que fizeram a crítica literária sobre o trabalho antropológico (Clifford, 2002), muito da força desta disciplina está contida na construção do texto, e isto é inegável. Mas o poder do texto não está necessariamente contido nele mesmo, na sua literalidade. Qualquer aspirante a antropólogo que passe por todo o processo de elaboração de um problema de pesquisa, pela realização do trabalho de campo e pela escrita do trabalho – utilizando-se do modelo etnográfico ou não – pode confirmar tal fato. O resultado final é um texto como este, mas construído à custa de muito esforço de pesquisa empírica, diálogos com informantes e leituras.

Baseando-me em minha própria experiência de pesquisa antropológica, acredito que o poder do texto antropológico – ao menos daquele baseado nos métodos mais tradicionais de pesquisa como a observação participante, a escrita de um diário de campo e as conversas e entrevistas com informantes que vivenciam a realidade estudada – se consolida naquilo que ele ajuda a construir para além da escrita, nas idéias e conceitos que ajudam a *pensar sobre* as realidades estudadas.

Mas construir um texto coerente e explicativo que consiga transmitir todos os *insights* que temos durante a realização do trabalho de campo, e também a experiência do *outro*, não é tarefa fácil. Gilles Deleuze (1997, p.11) expressa claramente a solidificação do pensamento, que é o texto:

Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. A literatura está antes de tudo do lado do informe, ou do inacabamento (...) Escrever é um caso do devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido.

Se a realização do projeto antropológico passa pelo texto, ao menos para aqueles que ainda não praticam a *antropologia visual*, esse texto é apenas um momento, um tipo de materialização do fluxo de idéias e diálogos que compõem o trabalho, pensando com

Deleuze. Assim, antes de querer que esta pesquisa seja um tratado ou que traga conclusões imutáveis sobre o seu objeto de estudo, ela é um recorte específico sobre determinada realidade, que tem o intuito de *informar* a partir de dois pontos de vista bastante particulares: a partir do ponto de vista do pesquisador antropólogo e a partir do ponto de vista dos *nativos*, daqueles que *vivenciam* a realidade estudada. Desta forma, neste último item do trabalho ao invés de apresentar elementos conclusivos que de certa forma *fechariam* o que foi apresentado anteriormente, opto por retomar alguns pontos e deixar o caminho aberto para futuras utilizações deste material.

No primeiro capítulo do trabalho procurei demonstrar de maneira detalhada o processo dialógico que foi a construção do objeto desta pesquisa. A partir das lições aprendidas durante a realização deste curso de mestrado em Antropologia Social pude entender que este processo é parte essencial do fazer antropológico e, se explicitado no texto, torna a compreensão da problemática construída mais clara e coerente. Partindo de um *universo* de pesquisa definido, os grupos de Narcóticos Anônimos, optei por fazer um caminho diferente dos outros trabalhos já realizados sobre este tipo de agrupamento ao mesclar a observação das reuniões com entrevistas de membros *fora do espaço institucional* de NA. Ao invés de abordar os Narcóticos Anônimos como *o centro* da vida desses entrevistados, procurei capturar suas histórias de vida e verificar de que maneira essa “irmandade” se inseria nelas. Como pode ser observado a partir da apresentação das quatro histórias de vida, para alguns participantes o NA pode realmente se tornar *o centro* norteador de suas ações, para outros não.

Na seqüência do trabalho optei por trazer uma discussão que está diretamente relacionada com o objeto de estudo desta pesquisa, a diferença entre “uso de psicoativos” e “dependência química”. A “dependência química” está relacionada às práticas de “uso de psicoativos”, podendo ser interpretada inclusive como uma consequência ruim desta prática. O que normalmente não é questionado é a diferença entre as duas situações, pelo contrário, na maioria das vezes não há uma distinção clara entre elas. Por uma série de mal-entendidos, de informações enviesadas que circulam na mídia popular, por preconceitos em relação ao uso de substâncias psicoativas ilegais, pouco se questiona sobre a possibilidade de alguém fazer uso dessas substâncias ilegais sem estar em um estado *doentio*. Este foi o principal objetivo do segundo capítulo, demarcar com exatidão a distinção entre *uso* e *dependência*, o que não deixou de ser uma forma de tratar de situações vivenciadas pelos interlocutores da pesquisa, que em

determinado momento de suas vidas faziam parte da primeira categoria e posteriormente foram incluídos na segunda.

Resumidamente, nos dois primeiros capítulos do trabalho procurei apresentar o objeto de pesquisa e contextualizar criticamente uma situação que é compartilhada por aqueles que participam de Narcóticos Anônimos, o fato de todos serem categorizados como “dependentes químicos” ou *doentes*. A categorização da “dependência química” enquanto doença ocorreu na mesma época em que a medicina se firmava enquanto ciência fiscalizadora dos corpos saudáveis. Justamente por carregar uma alta carga de risco – para a saúde do usuário e para os seus relacionamentos sociais – que o *uso de psicoativos* se tornou uma prática abominada, sendo o principal risco exatamente a possibilidade de desenvolver a “dependência química”. Como consequência direta da classificação deste estado como uma doença surge os Narcóticos Anônimos, como uma resposta à dificuldade que a medicina encontrou – e ainda encontra – em tratá-la com sucesso.

Nos três últimos capítulos do trabalho procurei apresentar a história do surgimento desta “irmandade” – que veio a se tornar mundial –, alguns de seus principais conceitos e um relato etnográfico de suas reuniões. Estes capítulos foram construídos a partir do trabalho de observação participante, das entrevistas com os membros e da revisão de literatura sobre o assunto. Acredito que o esclarecimento das condições de surgimento do grupo através de uma breve contextualização histórica foi um passo essencial para o posterior desenvolvimento do trabalho, pois abordar um objeto de estudo que se insere na mesma sociedade do pesquisador pode ser uma armadilha se não problematizado. As instituições na sociedade moderno-contemporânea estão inseridas em um curso de desenvolvimento histórico mais amplo, além de possuírem elas mesmas a sua própria historicidade, e foi pensando nisto que procurei fazer esta pequena revisão, para inserir os Narcóticos Anônimos neste contexto sócio-histórico mais amplo.

O Narcóticos Anônimos surgiu como um agrupamento de pessoas que descobriu uma maneira de se manter longe do consumo de substâncias psicoativas, em resposta a uma série de problemas que enfrentavam associados a esta prática. Na atualidade não deixou de exercer a sua função primeira, que é levar a mensagem de “recuperação” para aqueles que sofrem de “adição” ou “dependência química”, mas também pode ser interpretado como um tipo de *instituição* que detém os direitos sobre um conjunto de símbolos, idéias e práticas que funcionam como um tipo de *tratamento* para esta doença. Não é qualquer pessoa que pode se utilizar ou divulgar os propósitos do grupo,

apenas aquelas que passam pelo controle do *World Services Office*, sua maior instância organizacional.

A eficácia do seu “programa de recuperação” é auto-evidente, por assim dizer, pois se um participante conseguir passar 24 horas sem consumir qualquer substância psicoativa já será considerado vitorioso. O único requisito para que o programa seja eficaz é uma alta carga de comprometimento individual, o que incita a pensar que a sua eficácia esteja de acordo com o pensamento de Lévi-Strauss (2003) sobre *eficácia simbólica*. Antes de se comprometer em seguir o “programa de recuperação” de Narcóticos Anônimos é essencial ao participante que ele *acredite* na eficácia do programa, porque no fim das contas depende apenas dele para funcionar. Como o próprio autor diz em seu ensaio sobre um céptico aprendiz de xamã: “Quesalid não se tornou um grande feiticeiro porque curava os seus doentes, ele curava seus doentes porque tinha se tornado um grande feiticeiro”. (Lévi-Strauss, 2003, p.208) Da mesma forma o NA, acima de tudo, *funciona*.

Outra observação importante: as reuniões de Narcóticos Anônimos possuem sim um caráter ritual, inegavelmente, tanto em seu conteúdo transmitido quanto em seu formato definido. Ao mesmo tempo é um espaço ritual que em um primeiro momento inibe a prática do *ritualismo*, da maneira pela qual Douglas (1982) o discute em seu livro – enquanto um conjunto de práticas simbólicas mecânicas sem o comprometimento íntimo de seus praticantes. Na verdade, o ambiente dos grupos de ajuda mútua como o abordado neste trabalho até permite a seus participantes a prática *ritualizada* dos rituais, sendo a recaída a realidade mais próxima para aqueles que não se comprometem sinceramente com a participação.

Como foi demonstrado anteriormente, o *desejo*, o *comprometimento individual* com a “recuperação” é essencial nos Narcóticos Anônimos. Desta forma, aí reside um mecanismo inibidor do *ritualismo* dentro dos limites do grupo, pois a falta de conformidade com o que é trocado e compartilhado é constantemente ressaltado como um dos maiores empecilhos para a “vivência da recuperação” entre seus membros, no sentido de que se agirem desta forma estarão muito próximos de sofrerem “recaídas” e voltar à sua antiga condição de “adicto da ativa”.

Mas, ao mesmo tempo, de acordo com trabalho etnográfico realizado nos Estados Unidos por Rafalovich (1999), o *ritualismo* pode ser praticado como uma estratégia de inserção por novos membros ou mesmo por membros mais antigos em um momento de instabilidade – tendo em vista que a identidade de “adicto em recuperação” é bastante

instável, de acordo com o autor. A idéia de *fake it 'til you make it* (finja até conseguir compreender), captada em seu trabalho de campo, representa exatamente esta possibilidade de participar sem o necessário comprometimento. Mas essa *participação sem comprometimento* não deve ser vista como um aspecto ruim, pois ao menos aquela pessoa identificada com a “adição” está participando das reuniões, e esta participação, mesmo descomprometida, é um fator de inibição ao consumo de psicoativos. Em outras palavras, ao menos ele estará vivenciando o dia-a-dia do grupo ao invés de estar praticando o uso de psicoativos.

Estas são apenas algumas observações que procurei incluir no debate final desta dissertação, dentre muitas outras que ainda poderiam surgir. Penso que os grupos de ajuda mútua como os Narcóticos Anônimos podem e devem ser mais explorados pelos pesquisadores das Ciências Sociais. As possibilidades são inúmeras. Este é apenas *um* recorte possível desta realidade. Não apenas o tema da ajuda mútua mas também aqueles que estão inseridos na *questão das drogas* devem ser mais explorados pelas Ciências Humanas, pois é um dos temas urgentes na pauta de diversos governos ao redor do mundo. Os problemas relacionados a esta questão não cessam de surgir e parecem piorar com o passar dos anos. Qualquer tipo de abordagem do ponto de vista social, humano ou cultural contribuirá drasticamente para o desenvolvimento de soluções que não estigmatizem ou classifiquem como desviantes uma parcela da população apenas por um tipo de prática, o *uso de psicoativos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Gilberta. *Avessos do Prazer. Drogas, AIDS e Direitos Humanos*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2000.

ACSELRAD, Gilberta e INEM, Clara Lúcia (org.). *Drogas: Uma Visão Contemporânea*. Rio de Janeiro, Imago/CONFEN, 1993.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996.

BAPTISTA, Marcos; CRUZ, Marcelo; MATIAS, Regina (orgs.) *Drogas e Pós-Modernidade*. Vol.1, Rio de Janeiro, EdUERJ, 2003a.

BAPTISTA, Marcos; CRUZ, Marcelo; MATIAS, Regina (orgs.) *Drogas e Pós-Modernidade*. Vol.2, Rio de Janeiro, EdUERJ, 2003b.

BECKER, Howard S. *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. Nova Iorque, The Free Press, 1973.

_____. "Consciência, Poder e Efeito da Droga" In.: Becker, Howard S. *Uma Teoria da Ação Coletiva*, Rio de Janeiro, Zahar, 1976, pp181-204.

BOURDIEU, Pierre. *A profissão de sociólogo: Preliminares epistemológicas*. Petrópolis, Vozes, 1999.

CARDOSO, Ricardo Muniz Mattos. *Só por hoje: Um estudo sobre Narcóticos Anônimos, estigma social e sociedade contemporânea*. 2006. 113f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História – Universidade Federal Fluminense, 2006.

CARLINI, E. A. (supervisão) [et. al.]. *II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005*. São Paulo, CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas, UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 2006.

CARNEIRO, Henrique. *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas*. Rio de Janeiro, campus/Elsevier, 2005.

_____. *A fabricação do vício*. São Paulo, 2002. Disponível em: <www.neip.info>. Acesso em: 12 de setembro de 2008.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.

CLIFFORD, James & MARCUS, George E. *Retóricas de la Antropologia*. Madrid, Ediciones Júcar, 1991.

CROSSLEY, Michele. 'Sick role' or 'empowerment'? The ambiguities of life with an HIV positive diagnosis. In.: *Sociology of Health & Illness*. Vol. 20, No.4, pp. 507–531, 1998.

CSORDAS, T.; KLEINMANN, A. The Therapeutic Process, In.: SARGENT, C.; JOHNSON, T. *Medical Anthropology: Contemporary Theory and Method*. London, Westport Connecticut, 1996.

DOUGLAS, Mary. *Risk and blame: essays in cultural theory*. Nova Iorque, Routledge, 1994.

_____. *Natural Symbols: explorations in cosmology*. Nova Iorque, Pantheon Books, 1982.

DURKHEIM, E. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1989.

ESCOHOTADO, Antonio. *Las drogas: de los orígenes a la prohibición*. Madrid, Alianza Editorial, 1994.

_____. *História de las drogas*, vols. 1, 2 e 3. Madrid, Alianza Editorial, 1995.

FRÓIS, Catarina Oliveira. A reinvenção do eu através do discurso: narrativa, estigma e anonimato nas Famílias Anônimas. In.: *Mana*, Vol. 13, No 1, Rio de Janeiro, 2007.

GARCIA, Angela Maria. *E o verbo (re)fez o homem: estudo do processo de conversão do alcoólico ativo em alcoólico passivo*. Niterói, Intertexto, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 2000.

GODBOUT, Jacques T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOFFMAN, Erving. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975 [1963].

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1985.

_____. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo, Perspectiva, 2005.

GOULART, Sandra. *Raízes Culturais do Santo Daime*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, USP, 1996.

_____. *Contrastes e Continuidades em uma Tradição Amazônica: as religiões da ayahuasca*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp, 2004.

HUMPHREYS, Keith. Community Narratives and Personal stories in Alcoholics Anonymous. In.: *Journal of Community Psychology*, Vol. 28, No 5, pp. 495-506, 2000.

IZECKSOHN, Sônia. O tratamento como um ritual de cura. In: BAPTISTA, Marcos; CRUZ, Marcelo; MATIAS, Regina (orgs.) *Drogas e Pós-Modernidade*. Vol.2, Rio de Janeiro, EdUERJ, 2003.

KATZ, Alfred H. Self-Help and Mutual Aid: An Emerging Social Movement? In.: *Annu. Rev. Sociol.* 1981.7, pp.129-155.

KEANE, Helen. Addiction and the Bioethics of Difference. In.: SHILDRICK, M.; MYKITIUK, R. *Ethics of the Body: Postconventional Challenges*. Massachusetts, MIT Press, 2005.

KLEINMANN, Arthur. *The Illness Narratives*. Nova Iorque, Basic Books, 1988

LABATE, Beatriz C. e SENA Araújo, Wladimir. (orgs.). *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2004, 2ª ed. revista [1ª ed. 2002].

LABATE, Beatriz C. *A Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos*. Campinas, Mercado de Letras, 2004.

LABATE, Beatriz C. e GOULART, Sandra L. (orgs.). *O Uso Ritual das Plantas de Poder*. Campinas, Mercado de Letras, 2005.

LABATE, Beatriz C.; ROSE, Isabel S.; SANTOS, Rafael G. *Religiões ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico*. Campinas, Mercado de Letras, 2008.

LABATE, Beatriz Caiuby et al (orgs). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador, EDUFBA, 2008.

LANGDON, Esther J. Cultura e processos de saúde e doença. In: JEOLÁS, Leila S.; OLIVEIRA, Marlene de. *Anais do Seminário sobre Cultura, saúde e Doença/Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*. Londrina, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2003.

LOECK, Jardel Fischer. *A relação entre estigma e adicção: etnografia de um grupo de Narcóticos Anônimos*. 2005. Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

MACRAE, Edward. Antropologia: Aspectos Sociais, Culturais e Ritualísticos. In.: SEIBEL, S. D. e TOSCANO Jr. *A Dependência de drogas*, São Paulo, Atheneu, p. 25-34, 2001.

_____. *Guiado pela Lua - Xamanismo e Uso Ritual da Ayahuasca no Culto do Santo Daime*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

_____. *El Santo Daime y la Espiritualidad Brasileña*. Quito, Ed. Abyayala, 1999.

MACRAE, Edward; SIMÕES, Júlio Assis. *Rodas de fumo: O uso de maconha entre camadas médias urbanas*. Salvador, EDUFBA, 2000.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In.: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MOTA, Leonardo de A. *A dádiva da sobriedade: a ajuda mútua nos grupos de Alcoólicos Anônimos*. São Paulo, Paulus, 2004.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Texto Básico*. Chatsworth, NAWS, Inc. (tradução da quinta edição do livro *Narcotics Anonymous*), 1993.

NA WAY MAGAZINE. V.22, n.1, janeiro de 2005.

RAFALOVICH, Adam. Keep Coming Back! Narcotic Anonymous Narrative and recovering-addict identity. In.: *Contemporary Drug Problems*. 26, pp. 131-157, Spring, 1999.

RIBEIRO, Eduardo M. *A construção social do problema da dependência de drogas: estudo antropológico dos discursos e representações mantidos por instituições de tratamento em Porto Alegre/RS*. 1999. 263f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)

- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

RODRIGUES, T. M. S. "A infindável guerra americana: Brasil, EUA e o narcotráfico no continente." *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v.16, n.2, p.102-111, 2002a.

_____. "Controle Internacional de drogas e estratégias políticas." *Inter-relações*. São Paulo-SP, v.06, p.06, 2002b.

_____. "Política de drogas e a lógica dos danos". *Verve*. São Paulo, v.03, p.257-277, 2003.

_____. "Narcotráfico e os novos conflitos internacionais - parte 1". *Inter-relações*. São Paulo, v.15, n.01, p.12, 2004a.

_____. "Drogas e liberação: enunciadores insuportáveis". *Verve*. São Paulo, v.06, n.01, p.129-156, 2004b.

SONTAG, Susan. *La enfermedad y sus metáforas*. Buenos Aires, Taurus, 2003.

STEFFEN, VIBEKE. Life Stories and shared experience. In.: *Soc. Sci. Med.* Vol. 45, No. 1, pp. 99-111, 1997.

STENGERS, Isabelle. Drugs: Ethical Choice or Moral Consensus. In.: STENGERS, Isabelle. *Power and Invention: Situating Science*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1997.

TADVALD, Marcelo. *Serenos, corajosos e sábios: a plataforma terapêutica dos Alcoólicos Anônimos e seus participantes através de um olhar antropológico*. 2006. 157f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

TROIS, João F. de M. *A cura pelo espelho: uma leitura antropológica do dispositivo terapêutico dos grupos de auto-ajuda de Neuróticos Anônimos*. 1998. 158f. Dissertação

(Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

VARGAS, Eduardo V. *Entre a extensão e a intensidade: corporalidade, subjetivação e uso de “drogas”*. 2001. 600f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia e Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

_____. Que guerra é essa? A propósito da partilha moral entre drogas e fármacos. *Conjuntura Política*, FAFICH - UFMG - Belo Horizonte, v. 22, p.1-4, 2000.

_____. Uso de drogas: a alter-ação como evento. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 49, p. 581-623, 2006.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

_____. *Nobres e Anjos: Um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro, FGV, 1998 [1975].

_____. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

ZALUAR, Alba (org.). *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

APÊNDICES

12 PASSOS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

1. Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.
2. Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.
3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.
4. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.
6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
7. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.
8. Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.
9. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem.
10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade e relação a nós, e forças para realizar essa vontade.
12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

12 TRADIÇÕES DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

1. Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de A.A.
2. Somente uma autoridade preside, em última análise, o nosso propósito comum - um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar.
3. Para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber.
4. Cada Grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros Grupos ou a A.A. em seu conjunto.
5. Cada Grupo é animado de um único propósito primordial - o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.
6. Nenhum Grupo de A.A. deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de A.A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem de nosso propósito primordial.
7. Todos os Grupos de A.A. deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora.
8. Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não-profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados.
9. A.A. jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços.
10. Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, A.A. jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.
11. Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes.
12. O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.

12 PASSOS DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS

1. Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.
2. Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.
3. Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos.

4. Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.
5. Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.
6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
7. Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.
8. Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas.
9. Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.
10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
11. Procuramos, através de prece e meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade.
12. Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

12 TRADIÇÕES DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS

1. O nosso bem estar comum deve vir em primeiro lugar; a recuperação individual depende da unidade de NA.
2. Para o nosso propósito comum existe apenas uma única autoridade – um Deus amoroso que pode se expressar na nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança, eles não governam.
3. O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar.
4. Cada grupo deve ser autônomo, exceto em assuntos que afetem outros grupos ou NA como um todo.
5. Cada grupo tem apenas um único propósito primordial – levar a mensagem ao adicto que ainda sofre.
6. Um grupo de NA nunca deverá endossar, financiar ou emprestar o nome de NA a nenhuma sociedade relacionada ou empreendimento alheio, para evitar que problemas de dinheiro, propriedade ou prestígio nos desviem do nosso propósito primordial.

7. Todo grupo de NA deverá ser totalmente auto-sustentável, recusando contribuições de fora.
8. Narcóticos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, mas nossos centros de serviço podem contratar trabalhadores especializados.
9. NA nunca deverá organizar-se como tal; mas podemos criar quadros de serviço ou comitês diretamente responsáveis perante aqueles a quem servem.
10. Narcóticos Anônimos não tem opinião sobre questões alheias; portanto o nome de NA nunca deverá aparecer em controvérsias públicas.
11. Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não em promoção; na imprensa, rádio e filmes precisamos sempre manter o anonimato pessoal.
12. O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidades.

12 CONCEITOS DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS

1. Para cumprir o propósito primordial da nossa irmandade, os grupos de NA se juntaram para criar uma estrutura que desenvolve, coordena e mantém serviços por NA como um todo.
2. A responsabilidade final e a autoridade sobre os serviços em NA permanece com os grupos de NA.
3. Os grupos de NA delegam à estrutura de serviço a autoridade necessária para cumprir as responsabilidades a ela atribuídas.
4. A liderança efetiva é altamente valorizada em Narcóticos Anônimos. As qualidades de liderança devem ser cuidadosamente consideradas ao selecionar servidores de confiança.
5. Para cada responsabilidade atribuída à estrutura de serviço, deve ser claramente definido um único ponto de decisão e prestação de contas.
6. A consciência coletiva é o meio espiritual pelo qual convidamos um Deus amoroso a influenciar nossas decisões.
7. Todos os membros de um corpo de serviço arcam com responsabilidade substancial pelas decisões deste corpo e devem poder participar plenamente no seu processo de tomada de decisão.
8. A nossa estrutura de serviço depende da integridade e eficiência de nossas comunicações.

9. Todos os elementos da nossa estrutura de serviço têm a responsabilidade de considerar cuidadosamente todos os pontos de vista nos seus processos de tomada de decisão.

10. Qualquer membro de um corpo de serviço pode requerer deste corpo a retratação por ofensa pessoal, sem medo de represália.

11. Os recursos de NA devem ser usados para promover nosso propósito primordial e devem ser administrados com responsabilidade.

12. De acordo com a natureza espiritual de Narcóticos Anônimos, nossa estrutura deve ser sempre de serviço, nunca de governo.